

Textos Seletos de Helena P. Blavatsky



Vol. I



coleção omnia



TEXTOS SELETOS DE
HELENA P. BLAVATSKY
Vol. I

Título: Textos Seletos de Helena P. Blavatsky, Vol. I
Autora: Helena Petrovna Blavatsky

Tradução: www.FilosofiaEsoterica.com

Prefácio: José Manuel Anacleto

Capa: Miguel Tomás

Edição: CLUC - Centro Lusitano de Unificação Cultural

Rua Pascoal de Melo, nº 4 - 10

1170-294 Lisboa- Portugal

www.biosofia.net



ÍNDICE

PREFÁCIO	06
AS TRÊS PROPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS DE A <i>DOUTRINA SECRETA</i>	07
A TEOSOFIA É UMA RELIGIÃO?	14
IDEIAS SOBRE A <i>DOUTRINA SECRETA</i>	26
PRECEITOS E AXIOMAS DO ORIENTE	29
A Sabedoria Eterna Colocada em Poucas Palavras	
O QUE É UM TEOSOFISTA?	44
O QUE É TEOSOFIA?	45
O FUTURO DO CRISTIANISMO	53
Uma Carta Aberta ao Arcebispo de Cantuária	
CHELAS E LEIGOS	63
Testes, Perigos e Oportunidades no Caminho Espiritual	
OS CHELAS SÃO "MÉDIUNS"?	70
COMO ALCANÇAR O AUTO-CONHECIMENTO	73
AS BENÇÃOS DA PUBLICIDADE E OS PERIGOS DE UM CONHECIMENTO SEM	74
ÉTICA	
A EXPLICAÇÃO DOS JEJUNS	77
TRÊS FRAGMENTOS TEOSÓFICOS SOBRE ALIMENTAÇÃO	78
O PROGRESSO ESPIRITUAL	79
O NATAL DE ONTEM E O NATAL DE HOJE	84
O NÚMERO SETE	89
POR QUE OS ANIMAIS SOFREM?	94
O FETICÍDIO É UM CRIME?	95
A Teosofia Afirma Que o Aborto Tem Consequências Desastrosas	
DO CADERNO DE NOTAS DE UMA FILÓSOFA IMPOPULAR	97
O GRANDE PARADOXO	100
POR QUE NÃO VOLTO À ÍNDIA	102
DIAGRAMA DE MEDITAÇÃO	109

Prefácio

É com muita satisfação, e com um sentimento de dever cumprido, que iniciamos, com este primeiro volume, a publicação de alguns dos muitos textos de Helena Petrovna Blavatsky (HPB) ainda inéditos em Língua Portuguesa, sob a forma de livro.

Trata-se de um desígnio que pretendemos seguir regularmente, com a edição de outros volumes, juntando textos da insigne Autora entre as muitas centenas ainda inexistentes na nossa língua e que somam vários milhares de páginas.

Helena Blavatsky (1831-1891) é a fundadora do movimento esotérico contemporâneo (que, lamentavelmente, em muitos casos se desviou ou até se afastou muito do impulso original) e a notável precursora de um novo ciclo. Apesar da oposição com que no seu tempo se defrontou (poucas vezes um ser humano terá sido alvo de tantas e tão cruas e insidiosas calúnias e difamações) e das traições e desvios que se têm seguido nestes cento e vinte anos desde a sua morte, pode constatar-se como, progressivamente, têm vindo a ganhar força os ideais por que lutou, na altura quase sozinha: desde a ecologia à ética animal, desde o multiculturalismo às iniciativas ecumênicas, desde a consideração respeitosa pelas tradições espirituais do Oriente ao estudo atento do Gnosticismo. Nunca expressaremos admiração nem gratidão suficientes por essa mulher extraordinária, nem pela imensa Sabedoria que nos deixou.

A sua obra mais importante é *A Doutrina Secreta*, livro de profundidade e vastidão formidáveis, tanto nas questões Cosmogénicas, como Antropogénicas. Não falta, tristemente, quem critique esse trabalho ou manifeste a sua discordância, sem jamais o ter entendido, sem conseguir articular duas ou três frases com sentido e correspondência nos textos, ou sequer sem ter procedido à sua leitura. Nada de novo afinal: o seu lançamento foi adiado um mês (em 1888) mas tal não impediu um importante jornal de apresentar a sua crítica ... no mês em que afinal não foi lançado.

Entretanto, da sua pena saíram ainda, *Ísis Sem Véu*, *A Chave Para a Teosofia*, *A Voz do Silêncio*, *Glossário Teosófico* e alguns contos; e, além disso, centenas de escritos (que complementam os mencionados livros), abundantes em indicações para a vida e as questões de todos os dias. É uma parte destes textos que agora começamos a publicar.

As traduções que integram o presente livro foram efetuadas pelos nossos amigos teosofistas do site www.FilosotiaEsoterica.com (com quem mantemos e manteremos estreita colaboração), igualmente a eles se devendo as indicações que antecedem cada artigo (logo a seguir ao título) e as notas do tradutor (NT).

Nada nelas alteramos, conservando, pois, uma Língua Portuguesa à maneira do Brasil. Foi uma opção pensada e que tomamos tranquilamente. Durante

décadas (décadas de 70 e a maior parte de 80), os estudantes Portugueses de Teosofia, ou de outras obras afins, quase só dispunham de edições brasileiras; e ainda hoje, com uma grande pluralidade de livros, passa-se exatamente o mesmo. Também aqui não há nada de novo. De resto, os acordos ortográficos (bons ou maus que sejam) até aproximaram as duas "versões" da mesma Língua.

Os Editores

AS TRÊS PROPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS DE A *DOUTRINA SECRETA*

A fim de facultar ao leitor uma noção global - ainda que muito sucinta - do imenso sistema teosófico, reproduzimos as três proposições fundamentais de *A Doutrina Secreta* de Helena P. Blavatsky (que constam do Proêmio da obra).

A tradução a seguir foi feita, pelo site www.FilosofiaEsoterica.com, a partir da edição autêntica e original, publicada em Londres em 1888, conforme a edição facsimilar de "The Theosophy Company", Los Angeles, 1982, pp. 13-20. Este detalhe é significativo, porque até hoje a única edição da obra disponível em língua portuguesa é uma tradução da sua edição não original de 1897 - preparada por Annie Besant - em que há inúmeras adulterações do texto original. Na verdade, os erros e alterações da edição preparada por Annie Besant são tão numerosos que a própria editora da S.T. de Adyar decidiu abandoná-la nos anos 1970, adotando a edição bem preparada e confiável, embora não-facsimilar, de Boris de Zirkoff.

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais: **[1]**

(a) Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque ele transcende o poder da concepção humana e só poderia ser distorcido por qualquer expressão ou comparação humanas. Está além dos limites e do alcance do pensamento – nas palavras do Mandukya, é “impensável e indescritível”.

Para que estas ideias fiquem mais claras para o leitor geral, ele deve começar com o postulado de que há uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna – vagamente formulada nas ideias de “Inconsciente” e “Incognoscível” da filosofia europeia atual – é a raiz sem raiz de “tudo o que foi, é, ou será algum dia”. Ela é naturalmente destituída de quaisquer atributos, e essencialmente não possui qualquer relação com o Ser manifestado e finito. Ela é a “existencialidade”, mais do que Ser (em sânscrito, *Sat*) **[2]**, e está além de todo pensamento e especulação.

Essa “existencialidade” é simbolizada na Doutrina sob dois aspectos. De um lado, Espaço absoluto e abstrato, o que representa pura subjetividade, a única coisa que nenhuma mente humana pode nem conceber por si mesma, nem excluir das suas concepções. De outro lado, absoluto Movimento Abstrato, representando a Consciência Incondicionada. Até mesmo os nossos pensadores ocidentais têm mostrado que a Consciência é inconcebível para nós, se estiver separada da mudança; e é o movimento que melhor simboliza a mudança, a sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade una também é simbolizado pela expressão “A Grande Respiração”, uma imagem tão clara que não necessita mais explicações. Assim, o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é este UNO ABSOLUTO – A EXISTENCIALIDADE -, simbolizado pela inteligência finita através da Trindade teológica.

No entanto, mais algumas explicações podem ser úteis ao estudante.

Ultimamente, Herbert Spencer tem modificado tanto seu Agnosticismo que chega ao ponto de afirmar que a natureza da “Causa Primeira” [3] – que o Ocultismo, de modo mais lógico, vê como sendo derivada da “Causa Sem Causa”, o “Eterno” e “Incognoscível” – pode ser essencialmente a mesma causa da Consciência que brota dentro de nós: em resumo, que a realidade impessoal que permeia o Cosmo é o puro númeno do pensamento. Este progresso da sua parte coloca-o muito próximo da doutrina esotérica e vedantina. [4]

Parabrahm (a Realidade Una, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, isto é, aquela Essência que está fora de qualquer relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado. Mas uma vez que nós passemos em pensamento para além desta (para nós) Absoluta Negação, surge a dualidade no contraste entre Espírito (ou consciência) e Matéria; Sujeito e Objeto.

O Espírito (ou Consciência) e a Matéria devem no entanto ser vistos não como realidades independentes, mas como as duas facetas ou os dois aspectos do Absoluto (Parabrahm), que constitui a base do Ser condicionado, seja ele subjetivo ou objetivo.

Considerando esta tríade metafísica como a Raiz da qual procede toda manifestação, a grande Respiração assume o caráter da Ideação pré-cósmica. Ela é a *fons et origo* da energia e de toda consciência individual, e dá a inteligência orientadora no vasto esquema da Evolução cósmica. Por outro lado, a substância-raiz pré-cósmica (*Mulaprakriti*) é aquele aspecto do Absoluto que está na base de todos os planos objetivos da Natureza.

Assim como a Ideação Pré-Cósmica é a raiz de toda consciência individual, assim também a Substância Pré-Cósmica é o substrato da matéria nos vários graus da sua diferenciação.

A partir disso, fica claro que o contraste entre estes dois aspectos do Absoluto é essencial para a existência do “Universo Manifestado”. Separada da Substância Cósmica, a Ideação Cósmica não poderia manifestar-se como consciência individual, já que é só através de um veículo [5] material que a consciência surge como “eu sou eu”, sendo necessária uma base física para focar um raio da Mente Universal em determinado estágio de complexidade. Novamente, separada da Ideação Cósmica, a Substância Cósmica permaneceria como uma abstração vazia, e nenhum surgimento da consciência poderia ocorrer.

O “Universo Manifestado”, portanto, é permeado pela dualidade, e a dualidade constitui, digamos, a própria essência da sua EX-istência como “manifestação”. Mas assim como os polos opostos do sujeito e do objeto, do espírito e da matéria, são apenas aspectos da Unidade Única na qual eles são sintetizados, assim também, no Universo manifestado, há “aquilo” que liga o espírito à matéria, o sujeito ao objeto.

Esse algo, atualmente desconhecido para a especulação ocidental, é chamado pelos ocultistas de Fohat. Ele é a “ponte” pela qual as “Ideias” que existem no “Pensamento Divino” são impressas na substância Cósmica como “leis da Natureza”. Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, visto do outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação, o “Pensamento Divino” transmitido e tornado manifesto pelos Dhyan Chohans [6], os Arquitetos do mundo visível. Assim, do Espírito, ou Ideação Cósmica, vem a nossa consciência; da Substância Cósmica, vêm os vários veículos nos quais aquela consciência é individualizada e alcança a autoconsciência ou consciência reflexiva; enquanto que Fohat, em suas várias manifestações, é elo misterioso entre a Mente e a Matéria, o princípio animador que eletrifica cada átomo, dando-lhe vida.

O seguinte resumo transmitirá uma ideia mais clara ao leitor.

(1.) O ABSOLUTO; o *Parabrahm* dos vedantinos ou a Realidade una, SAT, que é, como diz Hegel, tanto o Absoluto Ser como o Absoluto Não-Ser.

(2.) A primeira manifestação, o Logos impessoal e, em filosofia, o Logos *imanifestado*, precursor do “manifestado”. Esta é a “Primeira Causa”, o “Inconsciente” dos panteístas europeus.

(3.) Espírito-matéria, VIDA; o “Espírito do Universo”, o Purusha e Prakriti, ou *segundo* Logos.

(4.) Ideação Cósmica, MAHAT ou Inteligência, a Alma-do-Mundo Universal ; o Númeno Cósmico da Matéria, também chamado de MAHA-BUDDHI.

A REALIDADE UNA; os seus aspectos *duais* no Universo condicionado.

A Doutrina Secreta afirma também:

(b) A Eternidade do Universo *in Toto* como um plano ilimitado; sendo periodicamente “cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente”, chamados de “estrelas em manifestação” e “centelhas da Eternidade”. “A Eternidade do Peregrino” [7] é como um piscar do Olho da Autoexistência (Livro de Dzyan). “A aparição e a desaparecimento de Mundos é como o fluxo e o refluxo regulares da maré.” (Veja, na Parte II, “Dias e Noites de Brahma”).

Esta segunda afirmação da Doutrina Secreta estabelece a absoluta universalidade daquela lei da periodicidade, do fluxo e refluxo, da maré alta e baixa, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da natureza. Alternâncias como as de Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Despertar, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção que é fácil compreender que neles nós vemos uma das leis absolutamente fundamentais do universo.

Além disso, a Doutrina Secreta ensina também:

(c) A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma-Superior Universal, sendo esta última, em si mesma, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma – uma centelha da Alma-Superior Universal – através do Ciclo da Encarnação (ou “da Necessidade”), de acordo com a lei Cíclica e Cármica, durante todo o período. Em outras palavras, nenhum Buddhi (alma divina) puramente espiritual pode ter uma existência independente (consciente) antes que a centelha, que surgiu da pura Essência do Sexto princípio Universal, – ou ALMA-SUPERIOR – tenha, (a) passado através de cada forma elemental do mundo fenomênico daquele Manvântara, e (b) adquirido individualidade, primeiro por impulso natural, e depois por impulsos autoinduzidos e autoplanejados (limitados pelo seu Carma), ascendendo assim através de todos os graus de inteligência, desde o Manas mais inferior até o Manas mais elevado, do mineral e do vegetal até o mais sagrado arcanjo (Dhyani-Buddha). A doutrina central da filosofia Esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, exceto aqueles que tenham sido conquistados por seu próprio Ego através de esforço e mérito pessoal ao longo de toda uma longa série de metempsicoses e reencarnações. É por isso que os hindus dizem que o Universo é Brahma e Brahma, por que Brahma está em cada átomo do universo, e os seis princípios na Natureza são todos resultados – os aspectos diversamente diferenciados – do SÉTIMO e UNO, a única realidade no Universo, seja Cósmico ou microcósmico; e também é por isso que as permutações (psíquicas, espirituais e físicas), no plano da manifestação e da forma, do sexto (Brahmâ, o veículo de Brahma) são vistas por antífrase metafísica como ilusórias e Maiávicas. Porque embora a raiz de cada átomo individualmente, e de cada forma coletivamente, seja aquele sétimo princípio ou a Realidade una, ainda assim, no seu mundo fenomênico manifestado e na sua aparência temporária, ela não é mais que uma ilusão passageira dos nossos sentidos. (Para uma definição mais clara, veja, na parte III deste volume I, o Adendo “Deuses, Mônadas e Átomos”, e também “Teofania”, “Bodhisatvas e Reencarnação”, etc., etc.)

Na sua dimensão absoluta, o Princípio Único, sob seus dois aspectos (de Parabrahmam e Mulaprakriti) é sem sexo, incondicionado e eterno. A sua emanção periódica (manvantárica) – ou radiação primária – também é una, andrógina e fenomenicamente finita. Por sua vez quando a radiação ocorre todas as suas irradiações são também andróginas, tornando-se masculinas e femininas em seus aspectos inferiores. Depois de um Pralaya, seja o Pralaya grande ou o menor (esse último deixa os mundos em *statu quo* [8]), o primeiro que redesperta para a vida ativa é o Akasha plástico, o Pai-Mãe, o Espírito e a Alma do Éter, ou o plano da superfície do Círculo. O Espaço é chamado de “a

Mãe”, antes da sua atividade cósmica, e Pai-Mãe no primeiro estágio do despertar. (Veja os Comentários à Estância II.). Na Cabala, o Espaço é também Pai-Mãe-Filho. Mas enquanto para a doutrina Oriental estes constituem o sétimo princípio do Universo manifestado, ou o seu “Atma-Buddhi-Manas” (Espírito, Alma, Inteligência), a tríade que se ramifica e se divide nos sete princípios cósmicos e humanos, para a Cabala Ocidental dos místicos cristãos, trata-se da Tríade ou Trindade, e segundo os seus ocultistas, o macho-fêmea, Jeová, Jah-Havah. Esta é a única diferença entre as trindades esotérica e cristã. Os místicos e os filósofos, os panteístas orientais e ocidentais, sintetizam a sua tríade pré-genética na pura abstração divina. Os ortodoxos a antropomorfizam. *Hiranyagarbha*, *Hari* e *Sankara* – as três hipóstases do “Espírito do Supremo Espírito” em manifestação (por cujo título Prithivi, a Terra, saúda Vishnu em seu primeiro Avatar) – são as qualidades puramente metafísicas e abstratas de formação, preservação e destruição, e são os três Avasthas (lit. hipóstases) divinos daquilo que “não morre com as coisas criadas” (ou Achyuta, um nome de Vishnu); enquanto que o cristão ortodoxo separa sua Divindade pessoal criadora nos três personagens da Trindade, e não admite nenhuma Divindade mais elevada. Esta última, em Ocultismo, é o Triângulo abstrato; para os ortodoxos, é o Cubo perfeito. O deus criativo ou os deuses agregados são vistos pelo filósofo Oriental como *Bhrantidarsanatah* – “falsa compreensão”, algo “concebido como uma forma material devido a aparências errôneas”, o que é explicado como surgindo da visão ilusória da alma Egoísta, pessoal e humana (quinto princípio inferior). Isso foi expresso de maneira bela em uma nova tradução do Vishnu Purana. “Aquele Brahmâ em sua totalidade tem essencialmente o aspecto de Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado (Mulaprakriti), e também o aspecto de Espírito e o aspecto de Tempo. O Espírito, ó nascido-pela-segunda-vez, é o aspecto principal do Supremo Brahma.[9] O aspecto seguinte é duplo – Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado, e o tempo é o último.” Na teogonia órfica, Cronos é descrito como sendo também um deus ou agente gerado.

Neste estágio do despertar do Universo, o simbolismo sagrado o representa como um Círculo perfeito com o ponto (raiz) no centro. Este signo era universal, portanto nós o encontramos também na Cabala. A Cabala Ocidental, no entanto, agora nas mãos dos místicos cristãos, o ignora completamente, embora ele seja claramente mostrado no Zohar. Estes sectários começam pelo final, e apresentam como símbolo do Cosmo pré-genético este signo Å, chamando-o de “a União da Rosa e da Cruz”, o grande mistério da geração oculta, de onde vem o nome – rosacruz (Rosa Cruz)!

No entanto, como se pode ver a partir do mais importante e mais bem conhecido dos símbolos rosacruz, existe um que nunca até agora foi compreendido nem mesmo pelos místicos modernos. É o símbolo do “pelicano” que rompe e abre seu próprio peito para alimentar seus sete filhotes – o verdadeiro credo dos Irmãos da Rosacruz e um produto direto da Doutrina Secreta Oriental. Brahma (de gênero neutro) é chamado de Kalahansa, o que significa, como explicado por orientalistas ocidentais, o Eterno Cisne ou ganso (veja a Estância III, comentário 8); e o mesmo ocorre com Brahmâ, o Criador. Um grande erro fica desse modo à mostra. É Brahma (neutro) que deveria ser referido como Hansa-vahana (aquele que usa o cisne como seu Veículo), e não Brahmâ, o criador. Brahmâ é o verdadeiro Kalahansa, enquanto Brahma (neutro) é hamsa, e “Ahamsa”, como será explicado no

comentário. Deve ser levado em conta que os termos Brahmâ e Parabrahmam [10] não são usados aqui porque eles pertencem à nossa nomenclatura Esotérica, mas apenas porque são mais familiares para os estudantes ocidentais. Ambos são os perfeitos equivalentes dos nossos termos com uma, três e sete vogais, que correspondem ao TODO UNO, e ao Uno “Todo em Tudo”.

Estes são os conceitos básicos sobre os quais está estabelecida a Doutrina Secreta.

Não cabe fazer aqui a defesa deles, nem dar qualquer comprovação do seu caráter intrinsecamente razoável. Tampouco posso fazer uma pausa para mostrar como estes conceitos estão na verdade contidos – embora demasiado frequentemente sob aparências enganosas – em cada um dos sistemas de pensamento ou sistemas filosóficos dignos deste nome.

Uma vez que o leitor tenha obtido uma clara compreensão desses conceitos, e tenha percebido a luz que eles lançam sobre todos os problemas da vida, já não será necessária mais nenhuma justificação deles junto ao leitor, porque sua veracidade será tão evidente quanto a existência do Sol no céu.

NOTAS:

Notas do Tradutor:

[1] Neste ponto, estamos na página 14 do volume I da edição original em inglês. (NT)

[2] Existencialidade. No original em inglês, BE-NESS; em sânscrito, SAT. É um termo de difícil tradução. Uma versão literalista seria “ser-alidade” (“a condição de ser”); mas esta palavra não transmitiria a ideia. Na edição de “A Doutrina Secreta” que foi publicada pela Ed. Pensamento no século 20 – e que constitui uma tradução do texto adulterado por Annie Besant na década de 1890 – é usada a palavra SEIDADE, um neologismo que não apresenta qualquer relação aparente com o verbo “ser”. Cabe registrar que, em inglês, o verbo “to be” significa não apenas “ser” e “estar”, mas também “existir”. Em consequência disso, traduzir o termo “Be-ness” por uma palavra derivada de “existir” é admissível. Além disso, o volume “The Secret Doctrine Dialogues” (Theosophy Co., Los Angeles, 2014), transcreve uma conversa de H.P. Blavatsky com alunos seus – em uma reunião em Londres – sobre a tradução do mesmo termo sânscrito SAT por BE-NESS. Ela diz: “Eles riram de ‘Be-ness’ e no entanto não há outra maneira no mundo de traduzir a palavra *Sat* exceto como Be-ness, porque ela não significa existência, já que existência implica algo que sente que existe. Existência deve dar a ideia de haver um começo, uma criação, e um final (.....).” (p. 23). Assim, HPB associa claramente “BE-NESS” com “Existência”, ao dizer que não se trata de existência, mas sim da condição da existência. Isso, em português, seria “existencialidade”, ou a “potencialidade da existência e a sua condição essencial”. A palavra “Sat” também pode ser definida como “a realidade eterna no universo infinito, da qual não se pode dizer

que existe, porque é a substância do Absoluto, Be-ness” (Ver o item “Sat” no “Theosophical Glossary”, Theosophy Company, Los Angeles). (NT)

Notas de H. P. Blavatsky:

[3] A palavra “primeira” indica necessariamente algo que é “o primeiro a ser produzido”, “o primeiro no tempo, no espaço e em hierarquia”, e portanto finito e condicionado. O “primeiro” *não pode ser o absoluto*, porque é uma manifestação. Portanto, o Ocultismo Oriental chama o Todo Abstrato de “Causa Una Sem Causa”, a “Raiz Sem Raiz”, e limita a “Causa Primeira” ao *Logos*, no sentido que Platão dá a este termo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[4] Veja as quatro eficientes palestras do Sr. Subba Row sobre o Bhagavad Gita, na revista “The Theosophist”, de fevereiro de 1887.

[5] Chamado em sânscrito de “Upadhi”.

[6] Chamados pela teologia cristã de Arcanjos, Serafins, etc.

[7] “Peregrino” é um termo para designar a nossa *Mônada* (os dois em um) durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral – o Espírito Universal, do qual ela emana, e no qual ela é absorvida no final do ciclo. Quando se afirma que a Mônada emana do espírito uno, está sendo necessário usar uma expressão inadequada e incorreta, por falta de palavras adequadas em inglês. Os vedantinos a chamam de Sutratma (Fio-da-Alma), mas sua explicação, também, difere um pouco da explicação dos ocultistas. No entanto, deixamos para os vedantinos a tarefa de explicar a diferença.

[8] Não são os organismos físicos, e muito menos os seus princípios psíquicos, que permanecem em *statu quo* durante os grandes pralayas cósmicos ou mesmo pralayas solares, mas somente as suas “fotografias” astrais ou akáshicas. Porém durante os pralayas menores, uma vez tomados pela “Noite”, os planetas permanecem intactos, embora mortos, assim como um animal enorme, capturado e soterrado no gelo polar, permanece igual durante eras.

[9] Assim, Spencer, embora, como Schopenhauer e von Hartmann, apenas reflita um aspecto dos velhos filósofos esotéricos, desse modo lançando seus leitores na praia deserta do desespero agnóstico – reverentemente formula o grande mistério; “aquilo que persiste imutável em quantidade, mas sempre mudando na forma sob estas aparências sensíveis que o Universo apresenta para nós, é um poder desconhecido e incognoscível, que somos obrigados a reconhecer como sem limite no Espaço e sem começo ou final no tempo.” É só a audaciosa Teologia – nunca a Ciência ou a Filosofia – que busca calcular o Infinito e revelar o Insondável e Incognoscível.

[10] Vemos aqui a grafia “Parabrahmam”, mas na maior parte da obra é usada a grafia “Parabrahm”. (NT)

A TEOSOFIA É UMA RELIGIÃO?

Este texto foi publicado pela primeira vez, sob o título "Is Theosophy a Religion?", em Novembro de 1888, em Londres, e está reproduzido em *Collected Writings*, Volume X, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1964, 461 pp., ver pp. 159-174, bem como em *Theosophical Articles*, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, Volume 1, 512 pp., ver pp. 56-68. Tradução para português, www.FilosofiaEsoterica.com.

*“A religião é a melhor couraça que o homem
pode usar, mas também o pior disfarce.” Bunyan*

Não é exagero dizer que nunca houve – durante o século 19, pelo menos – um movimento social ou religioso mais terrível e absurdamente incompreendido, nem mais injustiçado que a TEOSOFIA – seja ela vista teoricamente como um código de ética, ou praticamente em sua expressão objetiva, a Sociedade Teosófica.

Ano após ano, dia após dia, nossos dirigentes e membros tiveram que interromper pessoas que falavam do movimento teosófico para fazer protestos mais ou menos enfáticos contra a descrição do movimento teosófico como uma “religião”, e da Sociedade Teosófica como uma espécie de igreja ou instituição religiosa. Pior ainda, ela é mencionada com igual frequência como uma “nova seita”! Será isto um preconceito teimoso, um erro, ou as duas coisas? Tudo indica que a última opção é a correta. As pessoas da mais estreita mentalidade e mesmo as mais claramente injustas ainda precisam de um pretexto plausível, de uma desculpa com a qual justificar seus pequenos comentários impiedosos e calúnias ditas inocentemente. E que desculpa é melhor e mais conveniente para isso do que a ideia de um “ismo” e de uma “seita”? A grande maioria acharia muito desagradável ser desmentida e finalmente forçada a aceitar que teosofia não é nem uma coisa nem outra. O termo é conveniente para eles, e fingem não perceber que é falso. Mas também há outros, muitos deles pessoas mais ou menos amistosas, que alimentam sinceramente a mesma ilusão. A estes nós dizemos: “certamente o mundo já foi suficientemente amaldiçoado até agora pelos extintores do intelecto que são as crenças dogmáticas, e não precisamos impor a ele uma nova forma de fé!” Demasiadas pessoas já vestem suas fés, realmente, segundo Shakespeare colocou, “apenas conforme manda a moda dos chapéus”, sempre mudando com “os novos lançamentos”. Além disso, a própria *raison d’être* [2] da Sociedade Teosófica

foi, desde o início, erguer em voz alta um protesto e promover uma guerra aberta contra os dogmas ou qualquer crença baseada em fé cega.

Pode parecer estranho e paradoxal, mas é verdadeiro dizer que, até agora, os trabalhadores mais eficazes em teosofia prática, os seus membros mais devotados, foram recrutados entre os agnósticos e mesmo entre os materialistas. Nenhum buscador autêntico e sincero da verdade pode jamais ser encontrado entre os crentes *cegos* na “Palavra de Deus”, seja ela supostamente vinda de Allah, Brahma ou Jeová, ou dos seus respectivos *Alcorão*, *Purana* e *Bíblia*. Porque:

“A Fé não é o trabalho da razão, mas seu descanso”.

Quem acredita em sua própria religião ou fé vê como mentira a religião e a fé de todos os outros, e as odeia com base em sua crença. Além disso, a menos que nossa crença particular acorrente a razão e cegue inteiramente nossas percepções de qualquer coisa externa a si, ela não será crença de modo algum, mas uma opinião temporária, uma ilusão que alimentamos em determinado momento de nossa vida. E mais, “a fé sem princípios é apenas um rótulo enganoso para convicções voluntaristas e sensações corporais fanáticas”, segundo a inteligente definição de Coleridge. [3]

O que, então, é Teosofia, e como ela pode ser definida em sua forma mais atual de apresentação na última parte do século 19?

Teosofia, nós dizemos, não é *uma* Religião.

No entanto há, como todos sabem, certas crenças filosóficas, religiosas e científicas que ficaram tão intimamente associadas nos últimos anos à palavra “teosofia” que passaram a ser vistas pelo público em geral como a própria teosofia. Além disso, será alegado que estas crenças foram trazidas a público, explicadas e defendidas pelos próprios Fundadores que declararam que Teosofia *não* é uma religião. Qual é, pois, a explicação para esta *aparente* contradição? “Como podem um conjunto de crenças e ensinamentos ou uma doutrina elaborada ser rotulados de ‘Teosofia’ e tacitamente aceitos como ‘Teosofia’ por nove de cada dez membros da S.T., se a Teosofia não é uma religião?” – é a pergunta que nos fazem.

O propósito deste protesto é explicar este ponto.

Talvez seja necessário dizer, em primeiro lugar, que a afirmação de que Teosofia não é *uma* Religião não exclui, de modo algum, o fato de que “Teosofia é Religião” em si mesma. Uma religião, no único sentido verdadeiro e correto, é um laço que une os homens – não um conjunto particular de dogmas e crenças. Bem, Religião *em si*, no seu sentido mais amplo, é aquilo que une não só todos os HOMENS, mas também *todos* os SERES e todas as *coisas* do Universo inteiro em um grande conjunto. Esta é a nossa definição teosófica de religião, mas a mesma definição muda de novo com cada credo e cada país, e

não há dois cristãos, sequer, que a vejam de igual modo. Assim, Carlyle [4] definiu a religião protestante, em sua época, com uma visão notavelmente profética em relação a este sentimento que cresce constantemente em nossa própria época, como:

“Em sua maior parte um sentimento sábio e prudente, baseado no mero cálculo; uma questão, como são todas as outras agora, de conveniência e utilidade; pela qual certa quantidade menor de prazer terreno pode ser trocada por uma quantidade muito maior de prazer celestial. Assim, também a religião é lucro, um trabalho em troca de salário, não é reverência, mas esperança ou medo vulgares.”

Da sua parte a sra. Stowe [5], seja ou não de modo consciente, parecia referir-se mais ao catolicismo romano que ao protestantismo quando disse da heroína de seu livro:

“Ela olhava a religião como uma questão de tiquete (com o número correto de indulgências compradas e pagas), a qual, uma vez tendo sido adquirida e comodamente guardada na carteira, pode ser apresentada no portão celestial, garantindo assim admissão ao céu...”

Mas quanto aos teosofistas (refiro-me aqui aos autênticos teosofistas), que não aceitam mediações por procuração nem salvação através de derramamento do sangue de inocentes, e que tampouco pensariam em “trabalhar em troca de salário” na religião *Única e Universal*, a única definição que eles podem subscrever e aceitar totalmente é a que foi dada por Miller.[6] Sua descrição é extremamente verdadeira e teosófica, ao mostrar que:

*“... a verdadeira religião
é sempre suave, benévola e humilde;
não faz o papel de tirano, não baseia sua fé no sangue,
nem traz destruição nas rodas da sua carruagem;
mas se dispõe a melhorar, socorrer e corrigir,
e constrói sua grandeza sobre o bem público.”*

Esta é uma definição correta do que é, ou deveria ser, a verdadeira teosofia (entre as crenças religiosas, só o budismo tem esta filosofia que une os homens e os corações, porque não é uma religião dogmática). Neste sentido, já que é dever e tarefa de cada teosofista autêntico aceitar e colocar em prática estes princípios, a Teosofia é RELIGIÃO, e a Sociedade a sua única Igreja Universal; seu templo da sabedoria de Salomão [7], em cuja construção “não se ouviu barulho de martelo, de cinzel, nem de qualquer outro instrumento de ferro no Templo” (I Reis, VI, 7); porque este “templo” não é feito por mãos humanas, nem construído em qualquer lugar na terra – mas, de fato, é erguido só no santuário interno do coração humano, onde reina suprema a alma desperta.

Portanto a Teosofia não é *uma* religião, nós dizemos, mas RELIGIÃO em si mesma, o vínculo único de unidade, que é tão universal, e tão abrangente que nenhum homem, assim como nenhuma partícula – desde os deuses e os mortais até os animais, a folha de erva e o

átomo – pode estar fora da sua luz. Deste modo, qualquer organização ou instituição que use este nome deve necessariamente ser uma FRATERNIDADE UNIVERSAL.

Se não fosse assim, a Teosofia seria apenas mais uma entre centenas de palavras semelhantes, tão altissonantes e pretensiosas quanto vazias. Vista como uma filosofia, a Teosofia em seu trabalho prático é o alambique do alquimista medieval. [8] Ela transmuta o metal aparentemente inferior de cada um dos credos ritualísticos e dogmáticos (inclusive o cristianismo) no ouro da verdade e do fato, e assim produz verdadeiramente uma panaceia universal para os males da humanidade. É por essa razão que, ao solicitar admissão na Sociedade Teosófica, a ninguém é perguntado a que religião pertence, nem quais podem ser suas concepções teísticas. Isso é propriedade pessoal dele, e nada têm a ver com a Sociedade. Porque a Teosofia pode ser praticada pelo cristão e pelo pagão, judeu ou gentil, agnóstico ou materialista, ou mesmo por um ateu, desde que nenhum deles seja um fanático intolerante, que se recusa a reconhecer como irmão qualquer homem ou mulher que não pertença a seu credo ou crença particular. O conde León N. Tolstoy não acredita na Bíblia, na Igreja, ou na divindade de Cristo; e no entanto nenhum cristão é melhor que ele na aplicação prática daqueles princípios que foram supostamente pregados na Montanha. E estes princípios são os da Teosofia; não porque eles tenham sido pregados pelo Cristo dos cristãos, mas porque eles são a ética universal, e foram pregados por Buddha e Confúcio, Krishna e todos os grandes sábios, milhares de anos antes de o Sermão da Montanha ter sido escrito. Assim, uma vez que nós estejamos à altura de tal Teosofia, ela se torna de fato uma *panaceia* universal, porque cura as feridas causadas pela inclemência dos “ismos” da Igreja sobre a alma sensível de todo homem naturalmente religioso. Muitos deles, forçados a afastar-se pelo impulso reativo de decepção em relação à área estreita de crença cega, e caindo nas fileiras da árida descrença, foram trazidos de volta para a aspiração esperançosa pelo simples ato de ingressar em nossa Fraternidade – sim, mesmo imperfeita como ela é.

Se, como consequência disso, alguém argumentar que vários membros destacados abandonaram a Sociedade decepcionados com a Teosofia assim como haviam-se decepcionado com outras associações, isso não nos pode desanimar de modo algum. Porque com poucas, *muito poucas* exceções, na primeira etapa das atividades da S.T., quando alguns a abandonaram porque não viam ser levado à prática na instituição o misticismo tal como *eles* o entendiam, ou porque “faltava espiritualidade aos líderes”, que eram “não-teosóficos, e portanto traíam as regras”, veja você, na maior parte dos casos eles se afastaram ou porque tinham pouca convicção ou porque levavam demasiado a sério suas opiniões pessoais – tinham uma igreja e um dogma infalível em si mesmos. Alguns afastaram-se, também, com pretextos muito superficiais como, por exemplo, “porque o cristianismo (seria mais correto dizer igrejismo, ou *falso* cristianismo) era tratado com demasiada dureza em nossas revistas” – como se outras igrejas fanáticas tivessem sido em algum momento tratadas de modo melhor, ou apoiadas! Assim, todos os que se afastaram fizeram bem ao tomar esta decisão, e nunca fizeram falta.

Além disso, deve-se acrescentar também o seguinte: o número dos que se afastaram dificilmente pode ser comparado ao daqueles que encontraram na Teosofia tudo o que esperavam. As suas doutrinas, quando estudadas com seriedade, estimulam o poder da razão, despertam o homem *interno* no homem animal – e fazem surgir todo o poder para o

bem até aqui adormecido em nós, e também a percepção do real e do verdadeiro, em contraste com o falso e o irreal. Rasgando com mão firme o grosso véu da letra morta com o qual todas as velhas escrituras religiosas foram cobertas, a Teosofia científica conhece o hábil simbolismo das eras passadas, e revela para quem zomba da velha sabedoria a origem da fé e das ciências do mundo. Ela abre novas visões, situadas além dos velhos horizontes de religiões cristalizadas, imóveis e despóticas; e transformando a fé cega em um conhecimento raciocinado com base em leis matemáticas – a única ciência *exata* – a Teosofia demonstra ao homem aspectos mais profundos e mais filosóficos da existência daquilo que, repellido pelo caráter grosseiro da forma e da letra-morta, ele tinha abandonado havia muito como uma história infantil. Ela dá um objetivo claro e bem definido, um ideal pelo qual viver – para todo homem ou mulher sinceros, que pertençam a qualquer setor da sociedade, e tenham qualquer grau de cultura e desenvolvimento intelectual. A Teosofia Prática não é *uma* ciência, mas abrange todas as ciências da vida, as morais e as físicas. Ela pode, em resumo, ser corretamente vista como um “educador” universal, um tutor de conhecimento e experiência mundiais, e de uma erudição que não só ajuda e guia seus alunos em direção a um exame bem sucedido em todos os trabalhos científicos e morais da vida terrena, mas prepara-os para as *vidas* que virão, bastando que os alunos estudem o universo e seus mistérios *dentro de si próprios*, em vez de estudá-los através dos óculos da ciência e da religião ortodoxas.

E que nenhum leitor entenda mal estas afirmações. É à Teosofia *em si*, não a qualquer membro individual da Sociedade ou mesmo teosofista, [9] que esta onisciência universal é atribuída. As duas – a Teosofia e a Sociedade Teosófica – não devem ser confundidas, assim como o recipiente e o conteúdo que ele traz em si. Uma é ideal, a Sabedoria *divina*, a própria perfeição; a outra, uma pobre coisa imperfeita, tentando avançar *sob*, se não *dentro*, da sombra da primeira nesta Terra. Nenhum homem é perfeito; por que, então, deveríamos esperar de qualquer membro da S.T. que seja um modelo de todas as virtudes humanas? E por que deveria toda a organização ser criticada e acusada pelos erros, reais ou imaginários, de alguns dos seus membros, ou mesmo dos seus líderes? Como organização concreta, a Sociedade nunca esteve livre de culpa ou pecado – *errare humanum est* [10] – como tampouco esteve qualquer um dos seus integrantes. Portanto, é mais correto culpar pelos erros aqueles membros, cuja maioria não aceita ser conduzida pela teosofia. A Teosofia é a alma da sua Sociedade. Esta última é o corpo grosseiro e imperfeito da anterior. Assim, aqueles Salomãos modernos que querem sentar no Trono do Julgamento e falar de algo que ignoram completamente, são convidados, antes de caluniar a Teosofia ou quaisquer teosofistas, a conhecer primeiro a ambos, em vez de ignorantemente chamar a primeira de “uma miscelânea de crenças insanas” e estes últimos de “uma seita de impostores e lunáticos”.

Apesar disso, a Teosofia é considerada por amigos e inimigos como uma religião, quando não uma *seita*. Vejamos como as crenças específicas que ficaram associadas com a palavra chegaram a esta situação, e como é que elas parecem ter tamanho direito a isso que nenhum dos líderes da Sociedade jamais pensou em desmentir estas doutrinas.

Já dissemos que acreditamos na absoluta unidade da natureza. A unidade implica a possibilidade de uma entidade de determinado plano entrar em contato com outra entidade que seja de – ou esteja em – outro plano. Nós acreditamos nisto.

A obra recém publicada *A Doutrina Secreta* mostra quais eram as ideias do mundo antigo com relação aos *instrutores primevos* do homem primitivo e das suas três raças anteriores.[11] A gênese daquela SABEDORIA-RELIGIÃO em que todos os teosofistas acreditam é daquele período. O chamado “Ocultismo” – ou mais precisamente a Ciência Esotérica – deve ser atribuído em sua origem a aqueles Seres que, levados pelo Carma, encarnaram em nossa humanidade e fizeram soar a nota-chave daquela Ciência secreta que desde então foi expandida por incontáveis gerações de adeptos subsequentes, testando em cada era suas doutrinas através da observação e da experiência pessoais. O conjunto deste conhecimento – que nenhum homem é capaz de possuir completamente – constitui aquilo que nós agora chamamos Teosofia ou “conhecimento divino”. Seres de outros mundos mais elevados podem tê-la inteira. Nós só podemos tê-la aproximadamente.

Assim, a unidade de tudo que há no universo pressupõe e justifica nossa crença na existência de um conhecimento ao mesmo tempo científico, filosófico e religioso, que mostra a necessidade e a realidade da conexão recíproca do homem e de todas as coisas no universo; e este conhecimento, portanto, se torna essencialmente RELIGIÃO, e deve ser chamado em sua integridade e universalidade pelo nome específico de SABEDORIA-RELIGIÃO.

É desta SABEDORIA-RELIGIÃO que todas as várias “Religiões” individuais (erroneamente chamadas assim) surgiram, formando por sua vez diversas ramificações, e assim também todos os credos menores, baseados em – e sempre originados de – alguma experiência psicológica pessoal. Cada uma destas religiões ou ramificações religiosas, seja considerada ortodoxa ou herética, sábia ou tola, começou originalmente como uma corrente clara e incontaminada da Fonte-Mãe. O fato de que cada uma delas ficou com o passar do tempo contaminada por especulações e mesmo invenções puramente humanas, causadas por motivos e interesses pessoais, não impede nenhuma delas de haver sido pura em seus começos. Há credos – não os chamaremos de religiões – que estão agora tão sobrecarregados de elementos humanos que são irreconhecíveis; outros apenas mostram sinais do começo da decadência; nenhum escapou do efeito do tempo. Mas todos eles têm origem divina, natural e verdadeira; sim – o mazdeísmo, o bramanismo, o budismo e igualmente o cristianismo. São os dogmas e o elemento humano neste último que levaram diretamente ao espiritismo.

Naturalmente, haverá protestos de ambos os lados, se dissermos que o espiritismo moderno em si, purificado das suas especulações prejudiciais – baseadas nas afirmações de duas garotas pequenas e seus “Espíritos” muito pouco confiáveis – é muito mais verdadeiro e filosófico que qualquer dogma de igreja. O espiritismo *canalizado* está agora amadurecendo seu Carma. Suas primeiras *inovadoras*, as mencionadas “duas garotas pequenas” de Rochester – a Meca do espiritismo moderno – cresceram e envelheceram desde que os primeiros fenômenos produzidos por elas entreabriram amplamente os portões entre este e o outro mundo. Foi com base no seu testemunho “inocente” que começou e foi produzido o elaborado esquema de uma terra-de-verão sideral, com sua

ativa população astral de “espíritos” sempre flutuando entre a “terra silenciosa” deles e a nossa terra de bocas tão barulhentas e fofoqueiras. E agora as duas Maomé fêmeas do espiritismo moderno se tornaram autoapóstatas, se passaram para o inimigo e jogam contra a “filosofia” que elas criaram. Elas atacam o espiritismo *prático* e o acusam de ser a maior fraude dos últimos tempos. Os Espíritas (com um punhado de boas exceções) tiveram prazer em optar pelo lado dos nossos inimigos e caluniadores, quando estes, *que nunca haviam sido teosofistas*, foram falsos conosco e denunciaram diabolicamente os Fundadores da Sociedade Teosófica como embusteiros e impostores. Deveriam os teosofistas rir, agora que as “reveladoras” originais do espiritismo se tornaram suas “difamadoras”? Jamais! Porque os fenômenos do espiritismo são fatos, e a traição das “garotas astutas” só nos faz sentir mais piedade por todos os médiuns, e confirma, diante de todo o mundo, a nossa constante afirmação de que nenhum médium é confiável. Nenhum verdadeiro teosofista jamais se rirá, e muito menos se regozijará, com a derrota de alguém, mesmo de um oponente. A razão disso é simples:

Porque nós sabemos que, agora, como sempre, seres de outros mundos mais elevados conversam com alguns mortais eleitos; embora agora isso ocorra muito mais raramente que em tempos antigos, à medida que a humanidade se torna pior em todos os aspectos a cada nova geração civilizada.

Devido ao *levantamento armado* de todos os espíritas da Europa e da América diante de quaisquer palavras contrárias à ideia de que toda *inteligência* que se comunica é, necessariamente, o Espírito de algum ex-mortal desta terra – é verdade que a Teosofia ainda não disse sua última palavra sobre o espiritismo e os “espíritos”. Isso pode ser feito algum dia. Enquanto isso, uma humilde servidora da Teosofia, esta editora [12], declara mais uma vez sua crença em Seres maiores, mais sábios, mais nobres que qualquer Deus *pessoal*, e que estão além de quaisquer “espíritos dos mortos”, santos ou anjos com asas. Em todas as épocas, no entanto, eles aceitam inspirar uns poucos sensitivos – frequentemente sem ligação alguma com igrejas, espiritismo e mesmo Teosofia. E acreditando em Seres Espirituais sagrados e elevados, a editora deve também acreditar na existência dos seus opositores – “espíritos” inferiores, bons, maus e indiferentes. Portanto, ela acredita no espiritismo e nos seus fenômenos, alguns dos quais são bastante repugnantes para ela.

Essa é uma observação casual e uma digressão, apenas para mostrar que a Teosofia inclui o espiritismo – como ele deveria ser, não como ele é – entre as suas ciências, e faz isso com base no conhecimento e na experiência de eras inumeráveis. Não há uma religião digna do nome que não tenha sido começada em função de tais *visitas* de Seres dos planos mais elevados [13].

Assim nasceram todas as religiões pré-históricas, assim como todas as religiões históricas, o mazdeísmo e o bramanismo, o budismo e o cristianismo, o judaísmo, o gnosticismo e o islamismo; em resumo, todo “ismo” mais ou menos bem sucedido. Todos eles são verdadeiros no fundo, e todos são falsos na superfície. O Revelador, o artista que imprimiu uma parte da Verdade no cérebro do Vidente, foi em cada caso um artista autêntico, que transmitiu verdades autênticas; mas o instrumento também demonstrou ser, em todos os casos, *apenas um ser humano*. Convide Rubinstein e peça a ele para tocar

uma sonata de Beethoven em um piano deixado em *autoafinação*, com metade das notas em paralisia crônica, enquanto as cordas se encontram frouxas; e então, apesar do gênio do artista, veja se você consegue reconhecer a sonata. A moral da *fábula* é que um homem – mesmo que ele seja o maior dos médiuns ou dos Videntes natos – é apenas um homem; e que o ser humano deixado só com seus instrumentos e especulações está *necessariamente* fora de sintonia com a verdade absoluta, mesmo enquanto recolhe algumas das suas migalhas. Porque o Homem é apenas um Anjo *caído*; é um deus em seu interior, mas com um cérebro animal em sua cabeça, mais sujeito aos resfriados e aos vapores do vinho, enquanto estiver em companhia de outros homens na Terra, que à recepção perfeita das revelações divinas.

Daí os multicoloridos dogmas das igrejas. Daí, também, as mil e uma supostas “filosofias” (algumas contraditórias, inclusive teorias teosóficas); e as variadas “ciências” e os esquemas Espiritual, Mental, Cristão e Secular; daí o sectarismo e o fanatismo, e especialmente a vaidade pessoal e o apego às suas próprias opiniões de quase todos os “inovadores” desde a era medieval. Todos eles escureceram e ocultaram a própria existência da VERDADE – a origem comum de tudo. Será que nossos críticos imaginarão que nós excluimos os ensinamentos teosóficos desta situação? Não, de modo algum. As doutrinas esotéricas que nossa Sociedade vem expondo não são impressões *mentais* ou *espirituais* vindas de algum lugar “desconhecido, *de cima*”, mas sim fruto dos ensinamentos dados a nós por homens vivos. Ainda assim, exceto no caso do que foi ditado ou escrito pelos próprios Mestres de Sabedoria, estas doutrinas podem estar em muitos casos tão incompletas e equivocadas quanto qualquer dos nossos inimigos desejaria que estivessem. *A Doutrina Secreta* – uma obra que transmite tudo o que pode ser revelado neste século – é uma tentativa de deixar claros, *em parte*, o alicerce e a herança comum de *todos* os esquemas filosóficos e religiões, grandes ou pequenos. Foi considerado indispensável romper toda essa massa de concepções errôneas e preconceitos cristalizados que agora oculta o tronco comum, **(a)** de todas as grandes religiões mundiais; **(b)** das seitas menores; e **(c)** da Teosofia tal como ela está agora, ainda que, por causa nossa e do nosso conhecimento limitado, permaneça velada a grande Verdade. A camada de erros é grossa, seja qual for a mão que a produziu; e porque nós *pessoalmente* temos tentado remover parte dela, o esforço tornou-se alvo de críticas de todos os escritores teosóficos e mesmo da Sociedade. Poucos, entre nossos amigos e leitores, deixaram de caracterizar a nossa tentativa de desmascarar o erro em *The Theosophist* e *Lucifer* como “ataques muito impiedosos contra o Cristianismo”, como “ataques nada teosóficos”, etc., etc. No entanto eles são necessários, ou melhor, são indispensáveis, se nós quisermos obter pelo menos verdades *aproximadas*. Temos de desnudar as coisas, e estamos dispostos a pagar o preço disso – como sempre. É inútil prometer *dar* a verdade, e em seguida deixá-la misturada com o erro apenas por falta de coragem. Está demonstrado claramente que o resultado de uma estratégia como esta só poderia tornar lamacenta a correnteza dos fatos. Os doze anos de trabalho e luta incessante com inimigos dos quatro cantos do mundo, apesar das nossas quatro revistas teosóficas – *The Theosophist*, *The Path*, *Lucifer* e a francesa *Le Lotus* – e dos nossos protestos fracos e diluídos nelas, das nossas tímidas declarações, da nossa “magistral estratégia da inatividade”, brincando de esconde-esconde na sombra da

cansativa metafísica, só levaram a uma situação em que a Teosofia é considerada seriamente como uma SEITA religiosa. Pela centésima vez escutamos – “O que a Teosofia está fazendo de bom?” e “Veja todo o bem que as Igrejas estão fazendo”!

No entanto, é um fato comprovado que a humanidade não está nem um pouco melhor em matéria de moralidade, e em alguns casos está dez vezes pior, agora, do que estava na época do paganismo. Além disso, durante o último meio século, desde aquele período em que o Livre Pensamento e a Ciência retiraram o que havia de melhor nas igrejas – o cristianismo vem perdendo a cada ano mais seguidores nas classes intelectualizadas do que obtendo seguidores nas camadas inferiores, os setores menos esclarecidos do Paganismo. Por outro lado, a Teosofia trouxe de volta do Materialismo e do simples desespero para a crença (baseada na lógica e nas evidências racionais) no Eu *divino* do homem, e na sua imortalidade, mais de um entre aqueles que a Igreja perdeu através do dogma, da exigência de fé e da tirania. E, se for comprovado que a Teosofia salva apenas um homem em cada mil daqueles que a Igreja perde, esse não será um resultado muito melhor para o bem do que o de todos os missionários somados?

A Teosofia, como tem sido repetidamente declarado por escrito e em voz alta por seus membros e dirigentes, avança por rumos diametralmente opostos a aqueles trilhados pela Igreja; e a Teosofia rejeita os métodos da Ciência, já que os seus métodos indutivos só podem levar a um materialismo crasso. No entanto, na realidade, a Teosofia afirma ser tanto “RELIGIÃO” quanto “CIÊNCIA”, porque constitui a essência de ambas. É pelo bem e pelo amor destas duas abstrações divinas – isto é, a religião e a ciência teosóficas – que a sua Sociedade tornou-se um voluntário *catador de lixo* tanto na religião ortodoxa quanto na ciência moderna; assim como uma implacável Nêmesis [14] para aqueles que degradaram as duas nobres verdades em função dos seus próprios objetivos e propósitos e depois divorciaram violentamente uma da outra, embora as duas devam ser, e *sejam, apenas uma*. Provar isso é também um dos nossos objetivos ao escrever este texto.

O materialista moderno insiste na existência de um abismo insuperável entre as duas, assinalando que “o conflito entre religião e ciência” terminou com o triunfo desta última e a derrota da religião. O teosofista moderno, ao contrário, se recusa a ver qualquer coisa parecida com este abismo. Se tanto a Igreja quanto a Ciência alegam que cada uma delas busca *nada mais que a verdade*, então, ou uma delas está errada, e aceita o falso como verdadeiro, ou ambas estão. Qualquer outra objeção à sua reconciliação deve ser reconhecida como puramente *fictícia*. A verdade é uma só, mesmo que seja procurada desde dois ângulos diferentes. Portanto, a Teosofia pretende reconciliar os dois inimigos. Ela começa dizendo que a *verdadeira* religião cristã, espiritual e primitiva, é, tanto quanto as outras grandes filosofias ainda mais velhas que a precederam – *a luz da Verdade*, “a vida e a luz dos homens”.

Mas esta é também a *verdadeira* luz da ciência. Agora a religião está escurecida por dogmas examinados através de lentes enfumaçadas por superstições produzidas artificialmente pelas Igrejas. Em consequência, esta luz dificilmente pode penetrar e encontrar sua luz irmã em uma ciência igualmente repleta com as teias de aranha dos paradoxos e dos sofismas materialistas dos tempos atuais. Os ensinamentos das duas são incompatíveis, e não podem harmonizar-se enquanto tanto a filosofia religiosa quanto a

ciência da natureza física e externa (natureza que, em filosofia, é *falsa*) insistem na infalibilidade dos seus “fogos-fátuos”.**[15]** As duas luzes, tendo raios de igual extensão no que diz respeito a falsas deduções, só poderiam extinguir uma à outra e produzir escuridão ainda pior. No entanto, elas podem ser reconciliadas com a condição de que façam uma limpeza em suas casas, uma do lixo humano das idades, a outra da excrescência do materialismo e ateísmo modernos. E à medida que ambas declinam, a coisa melhor e mais meritória a fazer é, precisamente, o que só a Teosofia pode fazer e *fará*: isto é, mostrar aos inocentes pegos pelas armadilhas dos dois assaltantes – realmente dois dragões da antiguidade, um que devora os intelectos, e o outro as almas dos homens – que o suposto abismo entre eles é apenas uma ilusão ótica; que, ao contrário de um abismo, trata-se de uma imensa montanha de lixo erguida respectivamente pelos dois inimigos, como uma defesa contra ataques mútuos.

Deste modo, se a Teosofia apenas assinalar e chamar seriamente a atenção do mundo para o fato de que o *suposto* desacordo entre religião e ciência está condicionado, de um lado, pelos materialistas inteligentes que lutam corretamente contra os dogmas humanos absurdos, e de outro lado por fanáticos cegos e religiosos interessados em si mesmos que, em vez de defender as almas da humanidade, lutam simplesmente com unhas e dentes pelo seu pão e manteiga e sua autoridade – bem, isto bastará para a Teosofia comprovar que é a salvadora da humanidade.

E agora é de se esperar que tenhamos mostrado o que é a verdadeira Teosofia, e o que são seus seguidores. A Teosofia é uma Ciência divina e um código de Ética tão sublimes que nenhum teosofista é capaz de fazer-lhe justiça; seus seguidores são pessoas fracas, mas sinceras. Por que, então, deveria a Teosofia ser julgada pelos erros pessoais de qualquer líder ou membro de suas 150 lojas? **[16]** Alguém pode trabalhar por ela com o melhor da sua capacidade sem jamais conseguir erguer-se até a altura do chamado interior e da aspiração que sente. Isso é lamentável para esta pessoa, mas não é culpa da Teosofia, e nem sequer da instituição como um todo. Seus Fundadores não reivindicam para si outro mérito que o de haver colocado em movimento a primeira roda teosófica. Se forem julgados, devem ser julgados pelo trabalho que eles têm feito, e não pelo que os amigos ou inimigos podem dizer deles. Não há lugar para *personalidades* em um trabalho como o nosso; e todos devem estar dispostos, como os Fundadores estão, se necessário, a ser o carro de Jagannath **[17]** para esmagá-las *individualmente* pelo *bem de todos*. Só no desconhecido futuro, quando a morte houver colocado sua mão fria sobre os infelizes Fundadores e interrompido assim sua atividade, os seus respectivos méritos e deméritos, os seus bons e maus atos e ações, e o seu trabalho teosófico terão que ser avaliados na Balança da Posteridade. Só então, depois que os dois pratos da balança tiverem sido colocados em equilíbrio com seus conteúdos em contraste, e o peso do resultado líquido estiver evidente para todos em seu valor intrínseco e completo – só então a natureza do veredicto determinado será percebida com alguma justiça. Atualmente, exceto na Índia, estes resultados estão demasiado espalhados sobre a face da terra, demasiado limitados a um punhado de indivíduos para que se possa julgar facilmente. Agora, estes resultados dificilmente podem ser percebidos, muito menos ouvidos em meio ao clamor dos nossos numerosos inimigos e dos seus bons imitadores – os indiferentes. Entretanto, por menores

que sejam, na medida em que estes resultados tenham demonstrado ser bons, mesmo agora cada homem que tenha em seu coração o progresso moral da humanidade deve sentir gratidão para com a Teosofia. E como a Teosofia foi revivida e colocada diante do mundo *através* dos seus pouco valiosos servidores, os “Fundadores” devem ter como seu defensor apenas o seu trabalho, seja qual for o estado atual do seu “livro caixa” na contabilidade do Carma de curto prazo, em que as aparências sociais são levadas em conta. [18]

NOTAS:

[1] Em nota, o compilador dos “*Collected Writings*” de H.P. Blavatsky, Boris de Zirkoff, escreve: “Não se sabe por que esta frase é atribuída aqui a Bunyan. A frase ‘a religião é a melhor couraça do mundo, mas o pior disfarce’ pode ser encontrada em *Gnomologia: Adagies and Proverb; Wise Sentences and Witty Sayings, Ancient and Modern, Foreign and British, Londres, 1732*. No entanto, lá ela não é atribuída a Bunyan.” O pensador John Bunyan escreveu a obra clássica da mística cristã *The Pilgrim’s Progress*, ou *O Progresso do Peregrino*. A obra está editada no Brasil pela editora Martin Claret. (NT)

[2] *Raison d’être*, “razão de ser”, em francês. (NT)

[3] Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), poeta, jornalista e pensador inglês.(NT)

[4] Thomas Carlyle (1795-1881), ensaísta e historiador escocês, foi um grande pensador da época vitoriana. (NT)

[5] Harriet Beecher Stowe (1811-1896), escritora e filantropa norte-americana, autora de *A Cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom’s Cabin*). (NT)

[6] *Possivelmente* se trata de William Miller (1782-1849), líder religioso norte-americano, criador do movimento chamado millerismo, que acreditava que o mundo acabaria e Jesus voltaria durante os anos 40 do século 19. (NT)

[7] **(Nota de H.P. Blavatsky)** — Cujas 700 esposas e 300 concubinas, diga-se de passagem, são apenas personificações de atributos do homem, sentimentos, paixões vários poderes ocultos: os números cabalísticos 7 e 3 mostram isso claramente. O próprio Salomão, por outro lado, era simplesmente um símbolo do SOL – o “Iniciado Solar” ou o Cristo-Sol, uma variante do hindu “Vikkartana” (o Sol), destituído dos seus raios por Vishvakarman, seu hierofante-iniciador, que assim tosquia seu candidato-*Chrestos* para a iniciação da sua radiância dourada e o coroa com uma auréola escurecida e preta – a “coroa de espinhos”. (Veja mais explicações em *A Doutrina Secreta*.) Salomão nunca foi um homem vivo. Como descrito em *Reis*, a vida e os trabalhos dele são uma alegoria sobre a provação e a glória da Iniciação.

[8] Alambique: aparelho de destilação, constituído por uma caldeira na qual se deposita o material líquido por destilar, e onde se desprendem e acumulam os vapores que, por meio de uma tubulação especial, chegam ao condensador e aí retornam, pelo resfriamento, ao estado líquido. (NT)

[9] Para Helena Blavatsky, há membros dos grupos teosóficos que não são teosofistas, e teosofistas que não são membros dos grupos teosóficos. Ser membro de um grupo é um evento externo e social. Ser teosofista, isto é, viver o ensinamento, é algo interior, oculto, essencial. A vida social e a vida interna são duas coisas diferentes, que podem coincidir ou não. (NT)

[10] *Errare humanum est* – “Errar é humano”, em latim. (NT)

[11] “Raça”, do ponto de vista da filosofia esotérica, pouco ou nada tem a ver com a cor da pele. Para a teosofia, uma “raça” ou tipo humano corresponde a um longo conjunto de civilizações humanas cujos cidadãos podem ter características físicas muito variadas. O movimento teosófico é antirracista e defende ativamente a fraternidade universal de todos os seres, independentemente de raça, credo, sexo, casta ou cor. (NT)

[12] H. P. B. editava a revista “*Lucifer*”, onde este texto foi publicado em 1888. A palavra “Lúcifer” significa “portador da luz”, em latim. É um nome pré-cristão, pelo qual os antigos se referiam a Vênus, a estrela d’alva. O termo tem sido distorcido desde a Idade Média por teólogos desinformados que buscam controlar multidões através do medo supersticioso. (NT)

[13] A intenção original de H. P. B. ao fundar o movimento teosófico foi agir em harmonia e cooperação com o movimento espírita. (NT)

[14] Nêmesis – Na mitologia clássica, a deusa da justiça retributiva, agente da justiça divina, encarregada das punições. (NT)

[15] Fogo-fátuo: fogo passageiro que se dá por combustão espontânea; brilho efêmero. (NT)

[16] Isto, em 1888. Atualmente, o movimento teosófico conta com alguma coisa como 50.000 membros, em mais de 60 países, organizados em muitas instituições e grupos independentes. As três organizações teosóficas mais conhecidas, em escala mundial, são a Sociedade Teosófica de Adyar, com sede na Índia, a Sociedade Teosófica de Pasadena, nos Estados Unidos, e a Loja Unida de Teosofistas (sigla em inglês ULT), com sede internacional em Los Angeles, nos Estados Unidos. Há inúmeros outros grupos independentes. (NT)

[17] Jagannath, em sânscrito, significa “o protetor do mundo”, um título de Vishnu e Krishna. “Carro”, aqui, significa veículo, instrumento. (NT)

[18] (Nota de Boris de Zirkoff em *Collected Writings*): “Longos trechos deste poderoso editorial foram reproduzidos em *The Theosophist* em janeiro de 1889, com alguns breves comentários, provavelmente do Cel. Olcott.”

IDEIAS SOBRE A *DOUTRINA SECRETA*

O texto a seguir, datado de Junho de 1890, tinha o título original como título original: "Mistaken Notions on the *Secret Doctrine*". Faz parte de Theosophical Articles, uma coletânea de artigos de H. P. Blavatsky publicada em três volumes pela Theosophy Company, em Los Angeles, em 1981, ver Volume 1, pp. 484-487, de onde foi traduzido; e integra os *Collected Writings*, Volume XII, H. P. Blavatsky, Quest Books - Theosophical Publishing House, Wheaton e Chennai (Madras), 1980, 863 pp., ver pp. 234-237. Em português, a tradução apareceu pela primeira vez na edição de Março de 2011 do boletim eletrônico *O Teosofista*, do website www.FilosofiaEsoterica.com.

Depois da publicação de *A Doutrina Secreta*, estudantes de Teosofia (fora do círculo das Ciências Ocultas) reclamaram afirmando que os ensinamentos contidos na obra não os satisfazem. Um deles, mencionando o longo e radical ataque contra a obra por parte de um antigo e brutal inimigo, embora na realidade insignificante, faz-me críticas por ter aberto a porta a tal crítica, ao dar pouca atenção à ciência moderna e ao pensamento moderno. Outro reclama, dizendo que minhas explicações não são completas. Em consequência disso, segundo ele:

“Há dez anos tenho sido um leitor atento da literatura teosófica. Li e reli *A Doutrina Secreta* e reuni passagens da obra, e é desanimador ver que em algumas das suas melhores explicações sobre pontos ocultos, logo que os assuntos começam a ficar um pouco mais compreensíveis, as explicações são prejudicadas por referências a alguma filosofia ou religião exotérica, que interrompem a sequência do raciocínio e deixam a explicação inacabada. (...) Podemos entender partes, mas não podemos obter uma ideia sucinta, particularmente dos ensinamentos sobre Parabrahm (o Absoluto), e dos Primeiro e Segundo Logos, Espírito, Matéria, Fohat, etc., etc.”

Este é o resultado direto e natural da ideia muito errada de que eu tive a intenção de compatibilizar a obra que chamei de *Doutrina Secreta* com a Ciência moderna, ou de explicar "pontos ocultos". Eu estava e ainda estou mais preocupada com fatos do que com hipóteses científicas. Meu principal e único objetivo era salientar que os princípios básicos e fundamentais de cada religião e filosofia exotérica, seja antiga ou nova, são do começo ao fim apenas ecos da

"Religião da Sabedoria". Procurei mostrar que a ÁRVORE DO CONHECIMENTO, assim como a própria Verdade, era Uma; e que, embora a folhagem e os galhos mais finos diferissem em forma e cor, o tronco e seus galhos principais eram parte da mesma antiga Árvore, em cuja sombra se desenvolveu e cresceu a filosofia religiosa das raças que precederam nossa atual humanidade na terra, e que agora é esotérica.

Acredito que realizei este objetivo, até onde ele podia ser realizado, nos dois primeiros volumes de *A Doutrina Secreta* (1). Não é a filosofia oculta dos ensinamentos esotéricos que eu tratei de explicar ao mundo em geral, porque assim, a qualificação de "Secreta" teria se tornado como um segredo de polichinelo, gritado desde o palco. O objetivo era simplesmente *compartilhar aquilo que podia ser compartilhado*, e compará-lo com as crenças e dogmas das nações passadas e atuais, mostrando a fonte original desses dogmas e como eles foram desfigurados. Se minha obra é - nesta época de suposições materialistas e iconoclastismo universal - demasiado prematura para as massas de profanos, tanto pior para essas massas. No entanto ela não é demasiado prematura para os estudantes dedicados de Teosofia, exceto, talvez, aqueles que esperavam que um tratado sobre correspondências tão complexas como as que existem entre as religiões e as filosofias de um Passado quase esquecido, de um lado, e as da época moderna, de outro lado, pudesse ser lido como uma história policial barata, comprada numa banca de estação ferroviária. Mesmo cada sistema de filosofia, seja o de Kant ou de Herbert Spencer, de Spinoza ou de Hartmann, exige mais do que um estudo de vários anos. Não é, então, natural que uma obra que compara várias dúzias de filosofias e mais de meia dúzia de religiões do mundo; uma obra que tem que revelar as origens com a maior das precauções, uma vez que ela pode apenas *sugerir* aqui e ali as florações secretas, seja impossível de compreender numa primeira leitura, e mesmo após várias leituras, a menos que o leitor elabore, por si mesmo, um sistema para abordar o tema?

O fato de que isto pode ser feito e é feito é mostrado por "Dois Estudantes da Escola Esotérica". Eles estão agora sintetizando *A Doutrina Secreta*, e o fazem da maneira mais lúcida e abrangente, nesta revista (2). Como todo mundo, eles não entenderam essa obra imediatamente depois de lê-la. Mas lançaram-se ao trabalho com total determinação. Eles a indexaram eles mesmos, classificando os conteúdos em duas partes: o *exotérico* e o *esotérico*; e tendo realizado esse trabalho preliminar, eles agora apresentam a parte a exotérica para os leitores em geral, enquanto guardam a parte esotérica para sua própria aprendizagem prática e seu benefício. Por que motivo cada teosofista decidido não deveria fazer o mesmo?

Há várias maneiras de se adquirir conhecimento: (a) aceitando-se cegamente as afirmações da igreja ou da ciência moderna; (b) rejeitando a ambas e começando a procurar a verdade por si mesmo. O primeiro método é fácil e leva à respeitabilidade social e ao aplauso das pessoas; o outro é difícil e exige mais do que uma simples devoção à verdade: um desinteresse pelos benefícios pessoais diretos e uma perseverança inabalável. Assim era no passado e assim é agora, com

a exceção, talvez, de que tal devoção à verdade é hoje mais rara do que era antigamente.

De fato, a resistência do estudante oriental moderno a pensar por si mesmo é agora tão grande quanto as exigências e as críticas dos ocidentais, quando se trata de examinar o pensamento dos outros.

O ocidental exige e espera que seu "Caminho" seja construído com todos os artifícios egoístas do conforto moderno, pavimentado, projetado com ferrovias rápidas e telégrafos e mesmo telescópios, através dos quais ele possa, enquanto confortavelmente sentado, pesquisar as obras de outras pessoas; e enquanto as critica, procura o caminho mais fácil para fazer de conta que é Ocultista e Estudante amadorístico de Teosofia.

O "Caminho" real para o conhecimento esotérico é muito diferente. Sua porta é coberta pelos arbustos espinhosos da negligência. As caricaturas da verdade, durante longas eras, bloqueiam o caminho, e o caminho é obscurecido pelo desprezo orgulhoso da auto-suficiência e com cada verdade distorcida até ficar fora de foco. Atravessar sozinho o portal exige um trabalho de anos, incessante, frequentemente sem recompensas, e uma vez do outro lado do portal, o cansado peregrino tem que avançar arduamente a pé, porque a trilha estreita leva a alturas aparentemente inalcançáveis da montanha, não medidas e desconhecidas, a não ser para aqueles que já alcançaram antes os picos ocultos por nuvens. Assim, ele deve escalar passo a passo, tendo que conquistar com seus próprios esforços cada centímetro do chão à sua frente, movendo-se para adiante, guiado por estranhos pontos de referência cujo significado ele só pode determinar decifrando as inscrições castigadas pelo mau tempo, deterioradas, enquanto ele segue; porque "ai dele" se, em vez de estudá-las, ele fica friamente inativo e as define como "indecifráveis". A "Doutrina do Olho" é maya: só a Doutrina do "Coração" pode fazer dele um eleito.

Deveria ser surpreendente que tão poucos alcancem o objetivo, que muitos sejam chamados, mas poucos sejam escolhidos? Será que a razão disso não está explicada no início da parte II de *A Voz do Silêncio*? A obra diz que, enquanto os seguidores da Doutrina do Olho repetem com orgulho, "Vejam, eu sei", aqueles que recolheram conhecimento com humildade confessam em voz baixa; "assim eu ouvi"; e deste modo tornam -se os únicos "escolhidos".

Notas:

(1) H. P. B. refere-se aqui aos dois volumes da edição original em inglês. Só eles foram publicados. O terceiro e o quarto volume estavam inéditos quando ela morreu, ainda não concluídos, e nunca apareceram. A edição brasileira, com seis volumes, reproduz a edição adulterada por Annie Besant e publicada por ela em 1897. A própria Sociedade de Adyar voltou a adotar em 1978 a edição original em dois volumes, aceitando, implicitamente, que a edição de Annie Besant não tem

legitimidade. A edição original ainda não foi traduzida ao Português. (Nota do Editor de "O Teosofista")

(2).O artigo acima foi publicado inicialmente na revista "Lucifer", em Londres. A palavra "Lúcifer" significa "portador da luz" e é usada desde a antiguidade como nome do planeta Vênus, a estrela d'alva e estrela vespertina. No entanto, a palavra tem sido distorcida desde a idade média por teólogos interessados em dominar os povos através do medo e da superstição. (Nota do Editor de "O Teosofista")

PRECEITOS E AXIOMAS DO ORIENTE

A Sabedoria Eterna Colocada em Poucas Palavras

Desde a mais remota antiguidade, estudantes de filosofia cultivam o hábito de contemplar preceitos éticos e axiomas "universais até registrá-los em sua própria alma, segundo a expressão usada por Platão em *Fedro* [fólio 276].

Há vários motivos para isso.

Axiomas encerram grandes verdades em poucas palavras, são fáceis de memorizar, e podem ser apreciados em silêncio meditativo. É mais fácil contemplar uma única frase, cheia de significado, do que tirar proveito de um mar de palavras inúteis. Através de axiomas, a memória de um sábio pode conter em si uma pequena biblioteca de uso pessoal.

A pensadora Helena P. Blavatsky era uma estudiosa da sabedoria antiga e dava especial atenção à prática da reflexão diária sobre preceitos e axiomas. Em 1890, foi publicado em Londres um livro com uma compilação de pensamentos orientais feita por ela. Sob o título de *Gems From the East* (Jóias do Oriente), o volume apresentava um pensamento para cada dia do ano. Hoje a obra faz parte do Volume XII dos *Collected Writings* de H. P. Blavatsky (Theosophical Publishing House, Adyar, pp. 425-476). O volume reproduz a edição da Theosophical University Press, Covina, 1948.

Apresentamos a seguir uma seleção dos axiomas de H. P. B. referentes aos doze meses do ano.

A sua utilidade prática está sempre na razão direta da atenção e da determinação com que são observados e preservados na memória do estudante.

Tradução para português: www.FilosofiaEsoterica.com (tendo sido feita, neste site, uma publicação em cinco partes).

- *O coração que segue os sentidos oscilantes se afasta do seu discernimento assim como um barco que avança sem rumo pelas águas, levado pelo vento.
- *Aquele que abandona todos os desejos, vivendo livre de apegos e egoísmo, obtém a bem-aventurança.
- *Os homens sábios transmitem luz.
- *Uma vida justa, uma vida religiosa; esta é a maior riqueza.
- *A falsa amizade é como uma planta parasita; ela mata a árvore que abraça.
- *Os homens que não observaram a disciplina adequada, e não reuniram forças em sua juventude, morrem como garças velhas em um lago sem peixes.
- *Aquele que tem muitos amigos tem igual número de candidatos a inimigos.
- *Só é sábio aquele que mantém o autocontrole.
- *Toda nossa dignidade consiste de pensamento; portanto, devemos fazer um esforço para pensar corretamente. Este é o princípio básico da moral.
- *A estreiteza mental provoca teimosia; não é fácil acreditar naquilo que não se vê.
- *Um estômago pequeno pode ser cheio e ficar satisfeito, mas uma mente pequena nunca ficará satisfeita, mesmo que possua todas as riquezas do mundo.
- *Aquele que não cumpre seu dever para com sua consciência também deixará de pagar sua dívida para com seu próximo.
- *Duas coisas são impossíveis neste mundo de Maya [*Ilusão*]: ter mais satisfações do que o Carma permite; morrer antes que chegue a hora certa.
- *Um homem sábio sem alunos é como uma árvore que não produz frutos; um devoto que não faz boas ações é como uma moradia que não possui portas.
- *Mantém os teus olhos abertos, ou o Destino os abrirá para ti.
- *Aquele que se limita a seus assuntos, que é amigo dos seus companheiros e cumpre o seu dever, nunca será pobre.
- *Mil arrependimentos não pagarão as tuas dívidas.

- *Perceber a sua ignorância é ser sábio; sentir-se seguro da sua própria sabedoria é ser tolo.
- *Uma prova tem mais valor que dez argumentos.
- *A chuva pela manhã traz o sol à tarde. Aquele que chora hoje pode rir amanhã.
- *Toda árvore tem sua sombra; cada sofrimento, sua alegria.
- *Os campos são prejudicados por ervas daninhas, e a humanidade pelas paixões. Bem-aventurados são os que têm paciência, e os que estão livres de paixões.
- *O homem virtuoso que é feliz nesta vida certamente será ainda mais feliz em sua próxima existência.
- *Antes de ensinar, cada homem deve transformar-se naquilo que ele dirá aos outros que eles devem ser.
- *Aquele que domina a si mesmo pode dominar outros. O mais difícil de dominar é o seu próprio ser.
- *O ódio nunca é eliminado através do ódio; o ódio é eliminado pela expressão do amor; esta é uma antiga regra.
- *A maior riqueza do homem de barro é a saúde; a mais alta virtude do homem espiritual é a sinceridade.
- *À medida que o homem caminha, o Carma o segue junto com sua sombra.
- *A sabedoria praticada diariamente consiste de quatro coisas: Ter conhecimento da raiz da Verdade; ter conhecimento dos ramos da Verdade; conhecer os limites da Verdade; e identificar o oposto da Verdade.
- *Para tirar proveito da época da prosperidade, você deve ser paciente durante os tempos de pobreza.
- *Elimine a avareza do seu coração, e estará afrouxando as correntes ao redor do seu pescoço.
- *O homem deve vencer a raiva através do amor, o mal através do bem, a cobiça através da generosidade, a mentira através da verdade.
- *Não fale a ninguém de modo áspero; aqueles a quem você fale assim responderão da mesma maneira.

*O avaro não chega ao mundo dos deuses (Devas), porque o tolo não tem o sentimento de solidariedade.

*O tolo tomado de raiva, e aquele que pretende triunfar usando linguagem desrespeitosa, são sempre vencidos por quem tem paciência ao usar as palavras.

*A verdade é mais clara que o sol; a verdade é o dia claro da Razão, e a falsidade, a noite escura da mente.

*Tudo tem um final e tudo termina. Só a Verdade é imortal e vive para sempre.

*Para todos os seres físicos, a luz é o sol; para a alma, a luz é a verdade eterna.

*O erro dos outros é fácil de ver; é difícil perceber o erro próprio.

*Pessoas boas brilham à distância como montanhas nevadas. Pessoas más não são vistas; são como flechas disparadas à noite.

*Só os pensamentos causam a roda de renascimentos neste mundo. O homem deve esforçar-se para purificar os seus pensamentos. O que ele pensa, ele é: este é o velho segredo.

*Aquele que abandona a companhia dos tolos se apegua aos sábios.

*Paciência produz poder; mas a ansiedade e a cobiça provocam perdas.

*Três coisas fazem com que um homem pobre viva como um rico: cortesia, consideração para com os outros, e evitar suspeitas.

*Quando o otimismo deixa de existir, a má sorte surge. Quando a confiança morre, a vingança nasce. E quando acontece a deslealdade, todas as bênçãos desaparecem.

*Aquele que deseja alcançar a condição de um Buddha, e aspira à condição do Nascido Por Si Mesmo, deve honrar aqueles que mantêm a doutrina dele.

*Assim como a aranha obtém espaço livre movimentando-se para cima pelo seu fio, assim também aquele que decide erguer-se obtém independência através da conhecida palavra OM.

*A roda do sacrifício tem como seu centro o amor; como circunferência a ação; e como seus raios, a fraternidade.

- *O homem consiste de desejos, e sua vontade é tal como o seu desejo. Suas ações são determinadas por sua vontade. E, sejam quais forem suas ações, ele colherá o que plantou.
- *Uma pedra se torna uma planta; uma planta, um animal; o animal, um ser humano; um ser humano, um Espírito; e o Espírito – um DEUS.
- *Não existe um lugar na terra, nem no céu, ou no mar, nem há um lugar tampouco nas cavernas sob montanhas, onde uma má ação não crie problemas para quem a praticou.
- *Aquele que finge ser um Santo sem ter-se purificado é de fato o mais baixo dos seres humanos; é um ladrão em todos os mundos, mesmo no mundo de Brahma.
- *Se um homem que se dedica a Buddha não adapta sua vida de acordo com os mandamentos de Buddha, dez mil preceitos não terão valor algum para ele.
- *Aquele que golpeia será golpeado. Quem mostra rancor encontrará rancor. Assim, injúria provoca injúria, e aquele que tem raiva será alvo de raiva.
- *Como uma bela flor, cheia de cores, mas sem perfume; assim são as palavras belas e sem frutos daquele que não age de acordo com o que fala.
- *Quando sua mente tiver ultrapassado a ilusão, você se tornará indiferente a tudo o que já escutou ou irá escutar.
- *Os sábios preservam a ordem da natureza; eles assumem formas excelentes, em segredo.
- *Se você perder tudo o que tem, mas deste modo ganhar sabedoria, sua perda será o seu ganho.
- *Esvazie sua mente do que é ruim, e encha-a com o que é bom.
- *Grandes obras não necessitam de muita força, mas de perseverança.
- *Dormir é apenas nascer para a terra da Memória. O nascimento não passa de um sono durante o qual se esquece o Passado.
- *Perdoar sem esquecer faz com que reprovemos novamente aquele que errou, cada vez que a má ação retorna à nossa lembrança.
- *Todo ser humano contém dentro de si a imortalidade em potencial, mas o desenvolvimento da semente depende do poder da escolha.

- *Aquele que vive em uma só cor do arco-íris permanece cego para as outras cores. Viva na luz difundida por todo o arco, e você conhecerá tudo.
- *Cada vez que o devoto pronuncia a palavra OM, ele renova seu compromisso com a potencialidade divina que vive, em sua Alma, como num santuário.
- *O Espírito eterno está por toda parte. Ele abrange o universo inteiro.
- *Qualquer momento da eternidade é tão importante como outro momento, porque a eternidade não muda, e uma parte dela não é melhor do que outra.
- *Seria melhor um homem engolir um pedaço de ferro em brasa do que romper os seus votos.
- *A pureza e a impureza pertencem a cada indivíduo. Ninguém pode purificar outra pessoa.
- *Quem é um grande homem? Aquele que tem a maior paciência. Quem suporta pacientemente o sofrimento, e mantém uma vida correta – este é verdadeiramente um ser humano!
- *Se você fez ou deseja fazer más ações, por mais que você corra para onde quiser, não poderá se libertar do sofrimento.
- *Há um caminho que leva à Riqueza material. Há outro caminho que leva ao Nirvana.
- *Uma má ação não mata instantaneamente, como a espada. Ela segue aquele que a praticou na sua próxima existência, e ainda na outra vida seguinte.
- *A Natureza se ergue pelo antagonismo. As paixões, a resistência, o perigo, são educadores. Nós adquirimos a força dos obstáculos que vencemos.
- *Assim como uma pessoa que viu alguém em um sonho o reconhece depois, assim também aquele que adquire a correta concentração mental percebe o EU SUPERIOR.
- *É melhor fazer o nosso próprio dever, ainda que imperfeitamente, do que fazer perfeitamente o dever de outra pessoa.
- *O sábio que reconhece o Ser como estando sem corpo dentro dos corpos, como sendo imutável em meio às coisas mutáveis, e como sendo grande e onipresente, este sábio não sofre.
- *O caminho da virtude está no abandono da arrogância e do orgulho.

*Aquele que prejudica outro se arrependerá, ainda que o mundo o aplauda. Aquele que é prejudicado está livre de arrependimento, ainda que o mundo possa condená-lo.

*É necessária mais coragem para olhar o mundo de frente e sem distorções, do que para entrar num local retirado em que vivem bestas selvagens.

*A verdadeira compaixão está em deixar de lado a vingança quando a vingança pode ser feita. A verdadeira paciência consiste em suportar decepções.

*O homem feliz deve estar preparado para quando vierem dias difíceis. Ele deve alcançar a paz lembrando que todo grande homem também teve que sofrer, em algum momento.

*Assim como a noite segue o dia, assim também o sofrimento é a sombra da felicidade. O Carma distribui as duas coisas.

*A águia não caça moscas. Mas até a águia é perturbada por elas.

*Julgue a árvore pelos seus frutos, e o homem pelas suas ações.

*A Teosofia não é a aquisição de poderes, psíquicos ou intelectuais, embora ambos estejam a serviço dela.

*A Teosofia tampouco é a busca da felicidade, tal como os homens normalmente entendem a palavra; porque o primeiro passo é o sacrifício, e o segundo a renúncia.

*A vida é construída com o sacrifício do indivíduo em benefício do todo. Cada célula no organismo vivo deve sacrificar-se pela perfeição do conjunto. Quando é o contrário que ocorre, a doença e a morte transmitem a lição.

*A Teosofia é a ciência da vida, é a arte de viver.

*A Harmonia é a lei da vida. A discórdia é a sua sombra; e dela surge o sofrimento, que é o instrutor, o despertador da consciência.

*Através da alegria e da tristeza, da dor e do prazer, a alma alcança um conhecimento de si mesma.

*O olhar da sabedoria é como a profundidade do oceano. Nele não há nem contentamento nem dor. Portanto a alma do discípulo deve tornar-se mais forte que a alegria, e maior que o sofrimento.

*Nós odiamos apenas aqueles de quem temos inveja ou medo.

- *O autoconhecimento é inalcançável pelo que as pessoas chamam de “autoanálise”. Ele não é obtido pelo raciocínio nem pelo uso do cérebro.
- *O real autoconhecimento é o despertar de consciência da natureza divina do ser humano.
- *A Vontade surge do que é divino, do deus no ser humano. O desejo é a força motora da vida animal.
- *A vontade é propriedade exclusiva do ser humano. Ela o distingue do animal, no qual só o desejo instintivo provoca a ação.
- *Obter o conhecimento de si mesmo é uma realização mais importante do que dominar os elementos da natureza ou conhecer o futuro.
- *O medo é escravo da dor, e a rebeldia, sua prisioneira.
- *A espiritualidade não é o que nós entendemos pelas palavras “virtude” e “bondade”. É a capacidade de perceber essências espirituais, sem forma.
- *O grande segredo da vida é a descoberta e o uso correto da verdadeira essência do Ser.
- *Quando o desejo se volta para o que é puramente abstrato, quando ele perde todo traço ou tonalidade pessoal, então ele se tornou puro.
- *Os Adeptos são raros como os frutos da árvore Udumbara. [1]
- *Tanto a vontade como o desejo são absolutamente *criadores*, formando o ser humano e as circunstâncias que o rodeiam.
- *A vontade cria inteligentemente; o Desejo cria de modo cego e inconsciente.
- *O ser humano constrói a si mesmo à imagem dos seus desejos, a menos que crie a si mesmo através da sua vontade, que surge da luz.
- *A Teosofia é o veículo do espírito que dá vida; conseqüentemente, nada que é *dogmático* pode ser *teosófico*.
- *Alguns arrancam os frutos da árvore do conhecimento para fazer uma coroa para si mesmos, ao invés de arrancá-los para alimentar-se.
- *A verdade não necessita que se ponha luvas de boxe.

*Você não consegue construir um templo da Verdade dando marteladas em pedras mortas. Os alicerces de um tal templo devem surgir por si mesmos, como cristais que emergem da vida.

*Quando certo ponto é alcançado, a dor anula a si mesma.

*São muitos os que preferem seguir um falso líder. Poucos são aqueles que percebem a verdade de imediato.

*Perceba que as suas verdadeiras riquezas são aquelas que estão no templo da sua mente.

*Só é livre quem obteve o controle de si mesmo.

*É excelente impedir a ação de um homem injusto; mas se isso for impossível, é excelente não agir em cumplicidade com ele.

*Deve haver abstenção do erro; não por medo, mas por afinidade com o que é adequado.

*O desejo intenso por uma coisa qualquer torna a alma cega para outros aspectos da vida.

*Há muitos que não aprenderam a argumentar racionalmente e que, apesar disso, vivem de acordo com a razão.

*O equilíbrio é belo em tudo, mas o mesmo não pode ser dito do excesso e da falta.

*Uma das características do intelecto divino é pensar sempre sobre aquilo que é belo.

*Dois pedaços de madeira podem reunir-se no oceano, e depois de encontrar-se podem separar-se de novo. Assim são os encontros dos seres mortais.

*A juventude é como o riacho de uma montanha. A riqueza é como o pó nos sapatos de alguém. A força da maturidade é fugidia como uma gota d'água. A vida é semelhante à espuma.

*O dever abre as portas da bem-aventurança. Aquele que não cumpre seu dever com uma mente firme é surpreendido pela velhice e pelo remorso, e queimado pelo fogo da aflição.

*Para aquele que realiza ações corretas, livres de impureza, sua casa é semelhante a um templo afastado de tudo, na floresta.

*Assim como a corrente de um rio segue adiante e não retorna, assim também passam os dias e noites, levando consigo as vidas dos seres humanos.

- *O sábio deve pensar na sabedoria como algo permanente e imortal. Ele deve cumprir seu dever como se a Morte o agarrasse pelos cabelos.
- *O sábio não diz o que faz; mas ele não faz nada que não possa ser dito.
- *O coração do tolo está em sua língua; a língua do sábio está em seu coração.
- *Para um ser humano sábio, agir corretamente é algo tão natural quanto respirar.
- *Quem abandona a verdade encontrada em sua alma, para então seguir a letra morta, está a serviço do efêmero.
- *Aquele que não tem qualquer discernimento é pior que um lobo selvagem.
- *O homem que projeta a sua imagem no espaço e depois chama a imagem de “Criador” não vê problemas em atribuir a este “Deus” os seus próprios erros.
- *Aquele que foi enganado uma vez fica com medo da maldade e suspeita até do que é verdadeiro.
- *Ao contrário do que acontece com as árvores altas, a suave folha de grama não é arrancada pela tempestade. Os poderosos só guerreiam com os poderosos.
- *Nada, e nenhuma criatura, está livre do mal. A árvore sândalo tem suas raízes cobertas de cobras. Suas flores são atacadas por abelhas, seus galhos são quebrados por macacos, e sua parte mais alta é atacada por ursos que buscam alimento. Nenhuma parte dela está livre de sofrimento.
- *A boa fortuna pertence àquele que possui contentamento. Para quem usa sapatos, a Terra inteira é coberta de couro.
- *Este mundo é uma árvore venenosa que produz dois frutos doces: a essência divina da poesia, e a amizade dos que têm um coração nobre.
- *Quem quiser viver na memória dos seus semelhantes deve tornar cada dia proveitoso, através do estudo, da generosidade, e da sabedoria.
- *Os maldosos são como um jarro de barro, fácil de quebrar, e cujos fragmentos será difícil reunir. Os bons são como jarros de ouro, difíceis de quebrar, e facilmente reunidos.
- *Não sejas amigo dos maldosos. O carvão, quando está quente, queima; e quando está frio, mancha os dedos.

- *Evita aquele que calunia em segredo e elogia em público. Ele é como uma taça de veneno coberta de creme na superfície.
- *Um veículo de duas rodas não pode avançar apenas com uma roda. Do mesmo modo, o destino potencial de alguém só pode se transformar em realidade se as suas ações práticas apontarem na mesma direção.
- *A vida dos mortais é como um raio de luz da lua que tremula sobre a superfície de um lago. Sabendo disso, cada ser humano deve cumprir o seu dever.
- *A alma pura é como um rio. Sua fonte sagrada é o autocontrole; sua água, a verdade; suas margens são a ética; e suas ondas, a compaixão.
- *Não se consegue mel sem enfrentar dificuldades. Ninguém vive sem angústia e sofrimento.
- *É inútil dar conselhos para um tolo.
- *Para quem dominou o eu inferior através do eu superior, o eu inferior é um amigo. Mas para aquele que não venceu os sentidos através da força mental, o eu inferior é um inimigo.
- *Os olhos são janelas, pelas quais se vê o coração. O cérebro é uma porta, pela qual o coração pode escapar.
- *A devoção e a visão clara não pertencem a quem come em excesso, nem àquele que não se alimenta. Tampouco pertencem a quem dorme demasiado, ou a quem fica demasiado tempo acordado.
- *Ao final de uma vida inteira de estudo, o homem que possui conhecimento se aproxima da Divindade; ao final de muitas vidas, o homem sábio alcança a unidade com o *Todo*.
- *O cachorro late para a lua, e a lua não dá atenção a ele. Deves ser como a lua.
- *Do mesmo modo como a tua respiração interage com o ar, faz com que a tua alma se relacione, em harmonia, com a inteligência universal.
- *Não deves andar com gente maldosa, nem seguir conselhos de tolos.
- *Não rias dos defeitos alheios. Evita assumir uma atitude orgulhosa diante dos mais humildes. Não firas os sentimentos dos pobres. Trata de ser amável com quem é mais fraco que tu. Deves ter solidariedade para com todos os seres.

- *Não te divirtas às custas daqueles que dependem de ti. Não rias de um homem venerável, porque ele é teu superior.
- *Num lugar baixo e plano, um pequeno monte pensa em si mesmo como uma grande montanha.
- *Até o coração de um mendigo fica descontente com metade do universo. Ele não nasceu para uma parte, mas para o todo.
- *Nossa vida é a ante-sala do palácio onde está o nosso verdadeiro tesouro – a imortalidade.
- *É inútil tratar de capturar o eco do oceano agarrando a concha do mar em que ele está oculto. É impossível capturar a essência dominando a forma na qual ela brilhou por um momento.
- *Quando sobre nós desce o silêncio, podemos ouvir as vozes dos deuses. Na calma luz da lei divina, eles anunciam o verdadeiro caminho a seguir.
- *Todo o ar ressoa com a presença do espírito e das leis espirituais.
- *Sob a miríade de ilusões da vida, o espírito trabalha constantemente em busca da sua meta. Ele avança para a divindade de modo silencioso e imperceptível; mas faz isso irresistivelmente.
- *Mesmo sofrendo, ninguém deve cair num estado de espírito amargo, nem fazer ações visando prejudicar outros.
- *Ninguém é um ancião porque seu cabelo é branco. Mesmo sendo jovem, aquele que tem sabedoria é considerado um Ancião pelos deuses.
- *Um homem sábio deve evitar honrarias como se rejeitasse um veneno; e deve sempre receber desrespeito como quem recebe ambrosia.
- *Embora desrespeitado, o homem sábio dorme em paz, desperta em paz, e vive em paz neste mundo. Mas aquele que o despreza destrói a si mesmo.
- *Do mesmo modo como o homem que cava a terra encontra água, o estudante dedicado alcança o conhecimento.
- *Um bom homem pode receber conhecimento sagrado inclusive de alguém que sabe menos que ele. A virtude mais elevada pode ser aprendida a partir da menor virtude.

*Assim como o semeador não terá uma colheita se plantar suas sementes em solo salgado, aquele que transmite conhecimento não alcançará frutos, se o transmitir para quem não está à altura.

*Quem não sabe o seu próprio valor não é capaz de apreciar o valor dos outros.

*Aquele que não vê a si mesmo com humildade nunca será visto como grande pelos outros.

*Ao receber cada bênção, debes pensar no que virá depois dela. Em cada sofrimento, pensa no momento em que ele terminará.

*Quando a justiça não predomina sobre a injustiça nas ações de um indivíduo, ele rapidamente se destrói.

*As esperanças vãs afastam o ser humano de todo bem. Mas a renúncia à cobiça previne o mal.

*A paciência leva ao poder. A luxúria conduz à derrota.

*O dom do conhecimento se mostra na sabedoria. É pelo conhecimento que se obtém as coisas elevadas.

*Assim como a calamidade testa as virtudes dos seres humanos, a ausência por longo tempo testa a amizade entre eles.

*Quem compreende com precisão o giro da roda da vida, e também a sua causa, nunca é iludido.

*Os dias terminam com o pôr-do-sol, e as noites, com o nascer do dia. O fim do prazer é sempre o sofrimento; e o final do sofrimento traz, sempre, o prazer.

*Toda ação termina sendo destruída. A morte é certa para tudo o que nasce. As coisas deste mundo são passageiras.

*A pobreza testa os sentimentos de benevolência. A raiva provoca a sinceridade.

*Só a sinceridade purifica a mente do homem. Através da disciplina correta, a mente alcança a inspiração.

*A inteligência de alguém se mostra pela tomada de decisões corretas.

*Aquele que aceita bons conselhos não corre perigo de cair. Aquele que os rejeita se afunda no poço cavado pela sua própria presunção.

- *Quem ajuda a humanidade faz com que a humanidade expresse gratidão, em um nascimento futuro.
- *O homem invejoso nunca está satisfeito e não pode ter esperança de tornar-se grande.
- *Quanto mais um indivíduo demonstra modéstia, mais ele é capaz de esconder os seus erros.
- *A atitude correta é não contar vantagem de suas virtudes.
- *Quando alguém é amável, evita mostrar sua força diante de uma pessoa mais fraca.
- *A inteligência não se mostra por palavras hábeis, mas por ações sábias.
- *A coragem que todos necessitam é a que faz alguém permanecer imperturbável diante dos adversários.
- *O dom mais precioso que alguém pode ter é o desejo de obter sabedoria.
- *O ser humano não fica sem amigos enquanto tem saúde e riqueza material. No entanto, os verdadeiros amigos são aqueles que ajudam nos momentos difíceis.
- *De todos os animais que habitam a terra, só o ser humano tem a capacidade de criar problemas morais.
- *Um grande homem é aquele que não se abala por causa de elogios, vaidade ou injustiça, nem pelo apego à pompa e ao poder.
- *Sábio é alguém que tanto pode atender quanto ignorar as “necessidades da vida” que fazem os outros perderem a moderação.
- *Manter-se forte e moderado nas diferentes situações é a marca de uma grande alma, e a prova de uma real virtude.
- *Toda ação deve ser feita com responsabilidade, equilíbrio, liberdade, e justiça. Faze cada ação como se fosse a tua última.
- *Raramente alguém será infeliz por não conhecer os pensamentos de outra pessoa. Mas aquele que não observa os seus próprios pensamentos vive, sem dúvida, na infelicidade.

*Não deixes que acontecimentos casuais te perturbem, nem que objetos externos dominem os teus pensamentos. Mantém a tua mente quieta e desapegada, para que estejas sempre pronto a aprender algo de bom.

*Deves assumir a direção de todas as tuas ações, palavras, e pensamentos, pois a qualquer momento é possível que tenhas de deixar de viver.

*Não dependas de apoios externos, nem implores a outrem pela tua tranquilidade. Nunca jogues fora as tuas pernas para agarrar-te de muletas.

*Se examinares alguém que é autodisciplinado e purificado pela filosofia, verás que nele tudo é saudável, verdadeiro e correto.

*A vida se movimenta numa faixa estreita. Sim, os seres humanos vivem num canto muito pequeno do universo.

*Os pobres mortais duram pouco tempo, e pouco sabem até sobre si mesmos. Eles sabem menos ainda sobre aqueles que viveram longo tempo antes da sua época.

*A morte e o nascimento são dois mistérios da natureza, e são semelhantes entre si. A morte apenas dissolve os elementos que o nascimento havia reunido.

*Deixa de pensar que estás sofrendo, e a tua lamentação cessará. Deixa de te lamentar, e o sofrimento irá desaparecer.

*Neste momento o teu ser parece nítido e definido; mas antes que passe muito tempo tu te desvanecerás no todo; e retornarás à razão universal da qual surgiste um dia.

*Não ajas como se tivesses dez mil anos para desperdiçar. A morte está a um passo. Deves ser útil para alguma coisa enquanto viveres, e isso é algo que está ao teu alcance.

*Se dependeres excessivamente da opinião favorável dos outros, não serás digno da tua própria natureza essencial.

*Tudo o que é bom tem a característica da bondade em si mesmo, e se mantém por sua própria natureza. Os elogios não fazem parte do seu ser.

NOTA:

1. Adeptos são sábios que transcenderam o atual reino humano. A árvore Udumara(ficus glomerata) floresce e dá frutos em intervalos de muitos séculos. (NT)

O QUE É UM TEOSOFISTA?

O fragmento abaixo faz parte do artigo "What Are The Theosophists?", publicado na coletânea de três volumes *Theosophical Articles*, Helena P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, Volume I, 1981. Ver pp. 51-52, de onde foi traduzido. Integra os *Collected Writings*, Volume II, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, 1967, 590 pp., ver pp. 102-113. Tradução para português: www.FilosofiaEsoterica.com.

.... Todos os pensadores e investigadores originais do lado oculto da natureza, sejam materialistas – aqueles que veem na matéria “a promessa e a potencialidade de toda força terrestre” – ou sejam espiritualistas (aqueles que descobrem no espírito a fonte de toda energia e também de toda matéria) foram e são, propriamente falando, teosofistas. Porque, para ser teosofista, não é necessário reconhecer a existência de qualquer Deus ou divindade especial.

Basta adorar o espírito da natureza viva, e tentar identificar-se com ela. Trata-se de reverenciar esta *Presença*, a Causa invisível, que no entanto está sempre se manifestando em seus resultados incessantes; o Proteus intangível, onipotente, e onipresente: indivisível na sua Essência e na sua forma indefinida, e no entanto aparecendo sob todas as formas e sob cada uma delas; e que está aqui e lá, em todo lugar e em lugar algum; que é TUDO e NADA; ubíquo e no entanto uno; a Essência que preenche, reúne, amarra e contém todas as coisas, e que está presente em tudo.

Pode-se ver agora, cremos, que, quer sejam classificados como teístas, panteístas ou ateus, tais homens estão próximos de todos os outros.

Seja como for, uma vez que um estudante abandona o velho e desgastado caminho da rotina e entra no caminho solitário do pensamento independente – em direção à divindade – ele é um teosofista. É um pensador original, um buscador da verdade eterna e que possui “uma inspiração própria” para resolver os problemas universais.

A teosofia é aliada de todo aquele que busca seriamente, da sua própria maneira, obter um conhecimento do Princípio Divino, da relação do homem com este Princípio e das manifestações deste Princípio na natureza.

Ela é também aliada da ciência honesta – algo que é diferente de muita coisa apresentada como ciência *exata*, física – enquanto esta última não invadir indevidamente os domínios da psicologia e da metafísica.

O QUE É TEOSOFIA?

O artigo seguinte foi publicado pela primeira vez no número um, ano I, da revista *The Theosophist*, fundada por Helena Blavatsky na Índia em Outubro de 1879. Consta dos *Collected Writings*, Volume II, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, 1967, 590 pp., ver pp. 87-98, e também de *Theosophical Articles*, de Helena P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, Volume 1, 511 pp., pp. 39-47. Tradução para português, www.FilosofiaEsoterica.com.

O que é Teosofia? Esta questão tem sido levantada com tamanha frequência, e as concepções equivocadas predominam tão amplamente, que os editores de uma publicação dedicada a uma exposição da teosofia mundial seriam negligentes se o seu primeiro número fosse publicado sem produzir um completo esclarecimento para os seus leitores. Mas o nosso título implica duas outras questões: o que é a Sociedade Teosófica, e o que são os teosofistas? Será dada uma resposta a cada uma delas.

Segundo os lexicógrafos, o termo ***theosophia*** é composto de duas palavras gregas – *theos*, “deus”, *esophos*, “sábio”. Até aqui, está correto. Mas as explicações que se seguem ficam longe de dar uma ideia clara do que é teosofia. O dicionário Webster a define, de modo muito original, como “o suposto contato com Deus e espíritos superiores e a consequente obtenção de conhecimento super-humano, por *processos físicos*, e através das operações teúrgicas de alguns antigos platônicos, ou pelos *processos químicos* dos filósofos-do-fogo alemães.”

Esta é, para dizer o mínimo, uma explicação precária e desrespeitosa. Atribuir tais ideias a homens como Amônio Saccas, Plotino, Jâmblico, Porfírio e Proclus é uma distorção intencional, ou revela a ignorância do sr. Webster a respeito da filosofia e das intenções dos grandes gênios da escola de Alexandria em sua fase posterior. Atribuir, a aqueles que eram descritos por seus contemporâneos e são vistos pela posteridade como “theodidaktoi” – alunos dos deuses -, a intenção de desenvolver as suas percepções psicológicas e espirituais por “processos físicos” é o mesmo que descrevê-los como materialistas. Quanto à ironia final, da referência aos filósofos-do-fogo, ela ricocheteia e atinge na verdade os nossos cientistas modernos mais destacados, aqueles a quem o Rev. James Martineau atribui a seguinte ideia: “tudo o que queremos é a matéria física; deem-nos átomos, apenas, e nós explicaremos o universo.”

Vaughan propõe uma definição muito melhor e mais filosófica. “Um teosofista” – diz ele – “é alguém que defende uma teoria de Deus ou das obras de Deus cuja base não é uma revelação, mas uma inspiração própria”. Deste ponto de vista, todo grande pensador e filósofo, especialmente cada fundador de uma nova religião, escola filosófica ou seita, é necessariamente um teosofista. Portanto, a teosofia e os teosofistas têm existido desde que o primeiro vislumbre de pensamento nascente fez o homem procurar instintivamente pelos meios para expressar as suas opiniões próprias e independentes.

Havia teosofistas antes da era cristã, apesar de os escritores cristãos atribuírem o desenvolvimento do sistema teosófico Eclético à primeira parte do século 3 desta era. Diógenes Laércio localiza a origem da Teosofia em uma época anterior à dinastia dos Ptolomeus; e diz que seu fundador foi um hierofante egípcio chamado Pot-Amun. O nome é copta, e significa “um sacerdote dedicado a Amun” – o deus da Sabedoria. Mas a história mostra que ela foi revivida por Amônio Saccas, o fundador da Escola Neoplatônica. Ele e os seus discípulos chamavam a si mesmos de “filaleteus”, amigos da verdade, enquanto outros os chamavam de “analogistas”, por causa do seu método de interpretar todas as lendas sagradas, mitos e mistérios simbólicos, por uma regra de analogia ou de correspondência, de modo que acontecimentos que haviam ocorrido no mundo externo eram vistos como expressões das operações e das experiências da alma humana.

A meta e o propósito de Amônio era reconciliar todas as seitas, todos os povos e todas as nações sob uma fé comum – a crença em um Poder Supremo, Eterno, Desconhecido e Sem Nome, que governa o Universo através de leis imutáveis e eternas. Seu objetivo era comprovar a existência de um sistema primitivo de teosofia, que no início era essencialmente semelhante em todos os países. Ele queria induzir todos os homens a deixar de lado suas discussões e brigas, e uni-los em pensamento e em propósito como filhos de uma mãe comum; e purificar as religiões antigas, gradualmente corrompidas e obscurecidas, libertando-as de toda escória de elementos humanos, unindo-as, e expondo-as com base em elementos puramente filosóficos.

Os sistemas budista, vedantino e magiano ou zoroastrista eram ensinados na Escola Teosófica Eclética junto com todas as outras filosofias de Grécia. Por isso, também, havia uma característica predominantemente budista e indiana entre os antigos teosofistas e em Alexandria, com uma devida reverência pelos seus pais e pelas pessoas de mais idade; com um afeto fraternal por toda a raça humana, e com um sentimento de compaixão até mesmo pelos animais mudos. Amônio buscava estabelecer um sistema de disciplina moral que ensinava às pessoas o dever de viver de acordo com as leis dos seus países respectivos, e de elevar suas mentes através da pesquisa e da contemplação da única Verdade Absoluta. Ao mesmo tempo, o seu principal objetivo, segundo ele pensava – e através do qual ele chegaria a todos os outros – era extrair dos ensinamentos das várias religiões, assim como se faz com um instrumento musical de muitas cordas, uma melodia completa e harmoniosa, capaz de provocar uma resposta em todo coração que ama a verdade.

A teosofia é, portanto, a *Religião de Sabedoria* dos tempos arcaicos, a doutrina esotérica conhecida em cada país antigo que pretendesse ser civilizado. Esta “Sabedoria” é mostrada por todos os escritos antigos como tendo emanado do Princípio divino; e a clara compreensão dela é tipificada em personagens tais como o Buddha indiano, o Nebo da Babilônia, o Tot de Mênfis, o Hermes da Grécia, e através, também, de algumas deusas – Metis, Neitha, Atena, a Sophia gnóstica – e, finalmente, nos Vedas, termo que deriva da palavra “saber”. Sob esta designação, “sabedoria”, todos os filósofos antigos do Oriente e do Ocidente, os Hierofantes do antigo Egito, os Rishis de Aryavart [1], os Theodidaktoi da Grécia, incluíam todo o conhecimento das coisas ocultas e essencialmente divinas. A *Mercabá* [2] dos rabinos hebreus, em seu ensinamento secular e popular, era por isso designada como apenas o veículo, a casca externa, que continha o conhecimento esotérico

mais elevado. Os Magos de Zoroastro recebiam instrução e eram iniciados em cavernas e lojas secretas da Bactria [3]; os hierofantes egípcios e gregos tinham os seus apporrheta, ou discursos secretos, durante os quais o *Mysta* se tornava um Eopta – um vidente.

A ideia central da Teosofia Eclética era a ideia de uma só Essência Suprema, Desconhecida e *Incognoscível*, porque, “de que modo alguém poderia conhecer o Conhecedor?”, segundo indaga o Brihadaranyaka Upanixade. O seu sistema tinha três características nítidas: a teoria da Essência mencionada acima; a doutrina da alma humana – uma emanção da Essência, e portanto tendo a mesma natureza – e a sua teurgia. É esta última ciência que levou os neoplatônicos a serem vistos de maneira distorcida em nossa era de ciência materialista. Como a teurgia era essencialmente a arte de usar os poderes divinos do homem para a dominação das forças cegas da natureza, os seus praticantes foram inicialmente chamados de mágicos – uma derivação da palavra “Magh”, que significa um homem sábio, erudito – e desprezados. Os cétricos de um século atrás teriam cometido o mesmo erro se rissem da ideia de um fonógrafo ou um telégrafo. Aqueles que são ridicularizados e chamados de “infiéis” por uma geração se tornam os homens sábios e os santos da geração seguinte.

Em relação à essência Divina e à natureza da alma e do espírito, a teosofia moderna pensa hoje o mesmo que a teosofia antiga pensava. O popular *Diu* das nações arianas era idêntico ao *Iao* dos caldeus, e mesmo ao Júpiter dos romanos que eram menos cultos e menos filosóficos; e era igualmente idêntico ao Jahvé dos Samaritanos, o *Tiu* ou “Tiusco” dos homens do norte, o Duw dos britânicos, e o Zeus dos trácios. Quanto à Essência Absoluta, o Uno e o todo – o resultado será o mesmo, quer nós aceitemos a filosofia grega pitagórica, a filosofia cabalística dos caldeus, ou a filosofia ariana. A mônada primordial do sistema pitagórico, que se retira à escuridão e que é, ela própria, a escuridão (para o intelecto humano) é vista como a base de todas as coisas; e podemos encontrar esta ideia, integralmente, nos sistemas filosóficos de Leibnitz e Spinoza. Portanto, o teosofista pode concordar com a Cabala, que, referindo-se a Ain-Soph, propõe a pergunta: “Quem, então, pode compreender Isso, já que Isso não tem forma e é não-existente?”

O teosofista pode lembrar igualmente daquele hino magnífico do Rig-Veda (Hino número 129, Livro Dez), e perguntar:

*“Quem sabe de onde surgiu esta grande criação?
Se a sua vontade a criou ou não,
Só ele sabe – ou talvez nem Ele mesmo saiba.”*

O teosofista pode também aceitar a concepção vedantina de Brahma, que nos Upanixades é representado como “sem vida, sem mente, puro”, *inconsciente*, porque – Brahma é “Consciência Absoluta”. Ele pode ainda ficar ao lado dos Svabhavikas do Nepal, e sustentar que nada existe exceto “Svabhavat” (substância ou natureza), que existe *por si mesmo* e sem nenhum criador.

Qualquer uma das concepções acima só pode levar à pura e absoluta Teosofia – aquela teosofia que levou homens como Hegel, Fichte e Spinoza a assumir as metas dos velhos filósofos gregos e especular sobre a Substância Única – a Divindade, o *Todo Divino*

que surge da Sabedoria Divina e que é incompreensível, desconhecido e *sem nome*, segundo ensinam todas as filosofias religiosas, antigas e modernas, com as exceções do cristianismo e do islamismo.

Todo teosofista, portanto, havendo adotado uma teoria da Divindade “que não tem como base uma revelação, mas sim uma inspiração dele próprio”, pode aceitar qualquer uma das definições acima e pertencer a qualquer uma destas religiões, e ao mesmo tempo permanecer estritamente dentro dos limites da teosofia. Porque a teosofia é a crença na Divindade como o TODO, como a fonte de toda existência, como o infinito que não pode ser nem compreendido nem conhecido; e só o Universo pode revelar *Isso*, ou, como alguns preferem, só o universo pode fazer com que *Ele* seja revelado, atribuindo-se assim um sexo a algo que é uma *blasfêmia* antropomorfizar.

É verdade que a Teosofia evita a brutal materialização. Ela prefere acreditar que, estando retirado dentro de si mesmo desde a eternidade, o Espírito da Divindade nem deseja nem cria, mas que, com base no infinito resplendor que alcança todos os lugares desde o Grande Centro, aquilo que produz todas as coisas visíveis e invisíveis é apenas um Raio contendo em si o poder de conceber e gerar, e que esse raio produz, por sua vez, o que os gregos chamaram de Macrocosmo, que os cabalistas chamaram de *Tikkun* ou Adão Cadmon – o homem arquetípico – e os arianos [4] chamaram de *Purusha*, o Brahm manifesto, ou Macho Divino. A teosofia também acredita na *Anastasis* ou existência continuada, e na transmigração (evolução), uma série de mudanças na alma [5] que pode ser explicada e defendida com base em princípios estritamente filosóficos, estabelecendo apenas uma distinção entre *Paramatma* (alma transcendental, sublime) e *Jivatma* (alma animal, ou consciente) do sistema dos Vedantinos.

Para definir plenamente Teosofia, devemos considerá-la em todos os seus aspectos. O mundo interior não foi ocultado de todos por alguma escuridão impenetrável. A intuição mais elevada pode ser obtida através da Theosophia ou conhecimento divino, que leva a mente desde o mundo da forma até o mundo do espírito sem forma. Através dessa intuição, o homem tem sido capaz, em todas as épocas e todos os países, de perceber às vezes coisas no mundo interior ou invisível. Em consequência disso, o “Samadhi” ou *Dyan Yog Samadhi* [6] dos ascetas hindus; o “Daimonion-photi” ou iluminação espiritual dos neoplatônicos; a “confabulação sideral da alma” dos rosacruzes ou filósofos-do-fogo; e até mesmo o transe em êxtase dos místicos e dos modernos mesmeristas e espíritas são substancialmente idênticos, embora suas manifestações externas sejam variadas.

A busca pelo “eu” mais divino do homem, tão frequente e tão erradamente interpretada como uma comunhão do indivíduo com algum Deus pessoal, era o objetivo de todo místico. A crença na sua viabilidade parece ter sido simultânea com a origem da humanidade. Cada povo deu a isso um nome diferente. Assim, Platão e Plotino chamam de “trabalho noético” aquilo que o iogue e o shrotriya chamam de *Vidya*. “Através da reflexão, do autoconhecimento e da disciplina intelectual, a alma pode ser elevada até a visão da verdade, da bondade e da beleza eternas – ou seja, até a *Visão de Deus* – e isso é a epopteia”, diziam os gregos. “Unir a sua própria alma à Alma Universal”, diz Porfírio, “requer apenas uma mente perfeitamente pura. Através da autocontemplação, de uma perfeita castidade e pureza do corpo, podemos chegar mais perto *Disso*, e receber, em tal

estado, um conhecimento verdadeiro e uma compreensão maravilhosa”. E Swami Dayanand Saraswati, que não leu Porfírio nem outros autores gregos, mas é um profundo conhecedor dos Vedas, diz em seu Veda Bhashya (ospana prakaru ank. 9): “Para obter Diksh (uma alta iniciação) e alcançar a loga, o indivíduo deve ter uma prática de acordo com as regras (.....). A alma no corpo humano pode realizar as maiores maravilhas através do conhecimento do Espírito Universal (ou Deus) e pode familiarizar-se com as propriedades e qualidades (ocultas) de todas as coisas do universo. Um ser humano (um *Dikshit* ou iniciado) pode deste modo *obter o poder de ver e ouvir a grandes distâncias*.”

Finalmente, Alfred R. Wallace, F.R.S. [7], um espiritualista e, no entanto, confessadamente um grande naturalista, afirma com uma corajosa franqueza: “É apenas o ‘espírito’ que sente, e percebe, e pensa – é ele que adquire conhecimento, e raciocina, e tem aspirações com alguma frequência, surgem indivíduos constituídos de tal forma que o espírito pode ter percepções independentemente dos órgãos corporais dos sentidos, ou pode, talvez, totalmente ou em parte, sair do corpo por algum tempo e voltar para ele outra vez o espírito se comunica com o espírito mais facilmente que com a matéria.”

Agora que há milhares de anos separando a época dos Gimnosofistas [8] da nossa era altamente civilizada, podemos ver como, apesar ou talvez por causa da radiância que lança sua luz igualmente sobre os reinos físicos e psicológicos da natureza, mais de vinte milhões de pessoas hoje acreditam, sob uma forma diferente, naqueles mesmos poderes espirituais em que os iogues e os pitagóricos acreditavam cerca de três mil anos atrás. Assim, o místico ariano reivindicava para si mesmo o poder de resolver todos os problemas da vida e da morte, quando ele obtinha o poder de agir independentemente do seu corpo através de *Atman* – o “eu” ou a “alma”. Ao mesmo tempo, os gregos antigos buscavam *Atmu* – aquele que é Oculto, a Alma Divina do homem, com o espelho simbólico dos mistérios Tesmoforianos [9]. Do mesmo modo, os espíritas de hoje acreditam na habilidade dos espíritos, ou almas das pessoas desencarnadas, de comunicar-se de modo visível e tangível com aqueles que eles amavam na terra. E todos estes, os iogues arianos, os filósofos gregos e os espíritas modernos, afirmam esta possibilidade com base no fato de que a alma encarnada e o seu espírito nunca incorporado – o verdadeiro *eu* – não estão separados, pelo espaço, nem da Alma Universal nem dos outros espíritos, mas estão separados apenas pela diferença das suas qualidades; porque, na extensão sem fronteiras do universo, não pode haver limitação. E afirmam que esta diferença pode ser removida, através da contemplação abstrata, segundo os gregos e arianos – o que produz uma libertação temporária da Alma prisioneira – e através da mediunidade, de acordo com os espíritas. Uma vez que esta diferença seja removida, a união entre espíritos encarnados e desencarnados se torna possível.

Era deste modo que os iogues de Patañjali e, seguindo os seus passos, Plotino, Porfírio e outros neoplatônicos, diziam que em suas horas de êxtase eles se haviam unido a Deus, ou, mais precisamente, se haviam tornado um com Deus por diversas vezes ao longo das suas vidas. Esta ideia, embora pareça errada quando aplicada ao Espírito Universal, era, e é, defendida por um número tão grande de filósofos notáveis que não pode ser catalogada como inteiramente quimérica. No caso dos Theodidaktói, o único ponto

controvertido, o ponto escuro nesta filosofia de extremo misticismo, era a sua tentativa de classificar aquilo que é simplesmente a iluminação do êxtase como uma percepção sensória. No caso dos logues, que sustentavam ser capazes de ver Ishwara “frente a frente”, esta alegação foi corretamente derrubada pela lógica severa de Kapila. Uma ideia similar é sustentada em relação a seus seguidores gregos e a uma longa sucessão de místicos cristãos e, finalmente, também em relação aos dois últimos defensores da ideia de que haviam tido uma “Visão de Deus” dentro destes duzentos anos mais recentes – Jacob Boehme e Swedenborg. Esta pretensão *deveria* ter sido questionada, e *teria* sido de fato questionada do ponto de vista filosófico e do ponto de vista lógico, se alguns dos nossos grandes cientistas que são espíritas tivessem tido mais interesse em filosofia do que nos meros fenômenos do espiritismo.

Os teosofistas de Alexandria estavam divididos em neófitos, iniciados e mestres, e as suas regras eram copiadas dos antigos Mistérios de Orfeu, que, segundo Heródoto, os trouxe da Índia. Amônio exigia dos seus discípulos, através de um juramento, que não divulgassem as suas doutrinas *mais elevadas*, exceto para aqueles que houvessem demonstrado ser completamente dignos delas, que fossem iniciados, e que houvessem aprendido a ver os deuses, anjos e demônios dos outros povos de acordo com a *hyponia* esotérica, o significado subjacente. “Os deuses existem, mas eles não são os que os *hoi polloi*, a multidão destituída de educação, pensa que eles são”, escreveu Epicuro. “Aquele que nega a existência dos deuses adorados pela multidão não é um ateu; o ateu é aquele que amarra a tais deuses a opinião da multidão”. Por sua vez, Aristóteles declara que, no que diz respeito à “Essência Divina que permeia todo o mundo da natureza, aqueles que são apresentados como *deuses* são, simplesmente, os princípios primordiais.”

Plotino, o discípulo de Amônio “aluno de Deus”, afirma que a *gnose* secreta ou conhecimento da Teosofia tem três graus: a opinião, a ciência e a *iluminação*. “O meio ou instrumento do primeiro são os sentidos, ou a percepção; do segundo, é a dialética; do terceiro, é a intuição. A razão é subordinada à intuição; esta última é *conhecimento absoluto*, fundado na identificação da mente com o objeto conhecido.”

A teosofia é a ciência exata da psicologia, de certo modo. Ela está para a mediunidade natural, não-cultivada, assim como o conhecimento de um Tyndall [10] está para o conhecimento de um aluno de escola primária, a respeito de Física. Ela desenvolve no homem uma visão direta; aquilo que Schelling denomina de “uma compreensão, no indivíduo, da identidade do sujeito com o objeto”; de modo que sob a influência e o conhecimento da *hyponia* [11] o homem produz pensamentos divinos, vê todas as coisas como elas realmente são, e, finalmente, “se torna um receptáculo da Alma do Mundo” para usar uma das imagens mais brilhantes de Emerson. “Eu, o imperfeito, adoro o meu próprio perfeito”, diz ele em seu excelente ensaio sobre a Alma Maior (“Oversoul”). Além deste estado psicológico ou estado de alma, a teosofia cultivava todas as áreas das ciências e das artes. Ela estava completamente familiarizada com o que agora é conhecido como mesmerismo. A teurgia prática ou “magia cerimonial”, à qual o clero católico romano recorre com tanta frequência nos seus exorcismos – era deixada de lado pelos teosofistas. Foi apenas Jâmblico que, transcendendo os outros Ecléticos, acrescentou à teosofia a doutrina da teurgia.

Quando ignora o verdadeiro significado dos símbolos esotéricos e divinos da natureza, o homem tende a calcular erradamente os poderes da sua alma, e, ao invés de comunicar-se espiritual e mentalmente com os seres mais elevados e celestiais, os bons espíritos (os deuses dos teurgistas da escola platônica) ele inconscientemente evoca os poderes maus, escuros, que estão à espreita em torno da humanidade – as criações imorredouras, desagradáveis, de crimes e vícios humanos – e assim caem da *teurgia* (magia branca) na *goetia* [12] (ou magia negra, feitiçaria). No entanto, nem a magia branca nem a magia negra são o que a superstição popular entende por estes termos. A possibilidade de “evocar espíritos” de acordo com a chave de Salomão é o ponto mais alto da superstição e da ignorância. Só a pureza de ações e de pensamento pode erguer-nos até o contato “com os deuses” e trazer até nós a meta que desejamos. A alquimia, que é considerada por tantos como tendo sido ao mesmo tempo uma filosofia espiritual e uma ciência física, pertencia aos ensinamentos da escola teosófica.

É um fato perceptível que nem Zoroastro, nem Buddha, Orfeu, Pitágoras, Confúcio, Sócrates ou Amônio Saccas escreveram coisa alguma. A razão disso é óbvia. A teosofia é uma arma de dois gumes, e é inadequada para o ignorante e para o egoísta. Como toda filosofia antiga, ela tem os seus seguidores entre os modernos. Mas, até recentemente, os seus discípulos eram poucos em número, e eram das mais variadas seitas e opiniões. “Inteiramente especulativos, e não tendo fundado escola alguma, eles exerceram ainda assim uma influência silenciosa sobre a filosofia; e, sem dúvida, no momento certo, muitas ideias assim propostas silenciosamente poderão no entanto dar novos direcionamentos ao pensamento humano” – escreve o sr. Kenneth R.H. Mackenzie XI, ele próprio um místico e um teosofista, em sua grande e valiosa obra “The Royal Masonic Cyclopaedia” (Enciclopédia Real Maçônica) (ver artigos intitulados “Theosophical Society of New York” e “Theosophy”, p. 731). [13]

Desde os dias dos filósofos-do-fogo, eles nunca se haviam organizado em sociedades, porque eram caçados pelo clero cristão como se fossem animais selvagens, e, até um século atrás, ser conhecido como um Teosofista frequentemente significava o mesmo que uma condenação à morte.

As estatísticas mostram que, durante um período de 150 anos, não menos que 90 mil homens e mulheres foram queimados na Europa, com base em alegações de feitiçaria. Só na Grã-Bretanha, entre o ano de 1640 e o ano de 1660, apenas vinte anos, três mil pessoas foram mortas por supostos pactos com o “Demônio”. Foi apenas na parte final deste século – em 1875 – que alguns místicos e espíritas avançados, insatisfeitos com as teorias e explicações do espiritismo, e vendo que elas estavam longe de cobrir todo o campo de fenômenos, formaram em Nova Iorque, na América do Norte, uma associação que é agora amplamente conhecida como Sociedade Teosófica. [14]

NOTAS:

[1] Aryavart – a Índia. (NT)

[2] Mercabá – a sabedoria secreta; literalmente, “o veículo”. (NT)

[3] Báctria – antigo país no oeste da Ásia. Seu território hoje está no Afeganistão, no Tadjiquistão e no Uzbequistão. (NT)

[4] Os arianos são os indianos. Um nome nativo e antigo do país é Aryavart. (NT)

[5] **[Nota de H.P. Blavatsky:]** Em uma série de artigos intitulados “Os Grandes Teosofistas do Mundo”, nós pretendemos mostrar que desde Pitágoras, que obteve sua sabedoria na Índia, até os nossos melhores filósofos e teosofistas modernos – David Hume, e Shelley, o poeta inglês, e inclusive os espíritas da França – muitos acreditaram e ainda acreditam na metempsicose ou reencarnação da alma; embora o sistema dos espíritas possa ser considerado bastante tosco.

[6] *Dyan Yog Samadhi* – o êxtase (samadhi) da Jnana Ioga. (NT)

[7] F.R.S. – Fellow of the Royal Society, membro da Sociedade que congregava os cientistas, na Inglaterra. (NT)

[8] **[Nota de H.P. Blavatsky:]** A autenticidade dos poderes da Ioga era defendida por muitos escritores gregos e romanos, que chamavam os Iogues de Gimnosofistas indianos. Entre eles, Strabo, Lucan, Plutarco, Cícero (em “Tusculum”), Plínio (VII, 2), etc.

[9] Tesmoforianos – de Tesmofória, um festival de Mistérios celebrado em Atenas, em Abdera e possivelmente também em Esparta, em homenagem à deusa da Justiça, da Lei e da Ordem, Demeter-Tesmófora. (“Encyclopedic Theosophical Glossary”, T.U.P., Pasadena.) (NT)

[10] Tyndall – Cientista famoso da segunda metade do século 19. (NT)

[11] Hyponia – o significado subjacente às palavras; a compreensão esotérica, universal, conforme foi colocado dois parágrafos acima. (NT)

[12] Goetia – feitiçaria. Do grego, “goes”, feiticeiro, “aquele que encanta”. (“Encyclopedic Theosophical Glossary”, TUP, Pasadena). (NT)

[13] **[Nota de H.P. Blavatsky:]** “The Royal Masonic Cyclopaedia of History, Rites, Symbolism, and Biography”. Edited by Kenneth R.H. Mackenzie XI (Cryptonymous), Hon. Member of the Canongate Kilwinning Lodge, number 2, Scotland. New York, J. W. Bouton, 706, Broadway, 1877.

[14] A Sociedade Teosófica original, criada em 1875, deixou de existir poucos anos depois da morte de Helena Blavatsky. Hoje o movimento teosófico internacional tem uma

variedade apreciável de agrupações e sociedades. A Loja Independente de Teosofistas foi fundada em setembro de 2016. (NT)

O FUTURO DO CRISTIANISMO

Uma Carta Aberta ao Arcebispo de Cantuária

Durante séculos, o Vaticano promoveu a tortura e a morte no fogo (e não só) de centenas de milhares de pessoas inocentes. Muitas vezes, a desculpa era "Lúcifer", o inimigo imaginário de um deus medieval sedento de sangue. A palavra "Lúcifer", porém, é muito anterior ao cristianismo e significa "portador da luz". O termo designa o planeta Vênus, a "estrela da manhã", que anuncia o nascer do sol. A palavra foi distorcida pelos teólogos medievais, quando eles decidiram fabricar um "inimigo terrível" para justificar o uso sistemático do assassinato em nome de Deus.

Em Londres, na etapa final da sua vida, Helena P. Blavatsky fundou uma revista e chamou-a de *Lucifer*. H.P.B. queria resgatar da fraude teológica deste termo pré-cristão da sabedoria universal. Foi em *Lucifer*, na edição de Dezembro de 1887, que apareceu pela primeira vez o artigo a seguir, uma carta aberta ao Arcebispo de Cantuária. Seu título original é "*Lucifer to the Archbishop of Canterbury, Greeting!*" ("Saudações de *Lúcifer* ao Arcebispo de Cantuária!"). A cidade de Cantuária (em inglês, Canterbury) está situada no sudeste da Inglaterra e constitui o principal centro religioso do país. Ali vive tradicionalmente o arcebispo que lidera a Igreja Anglicana.

Quando esta carta foi publicada, em 1887, o arcebispo de Cantuária era Edward White Benson. O texto abaixo faz parte da edição em 15 volumes dos *Collected Writings* (Escritos Reunidos), de H. P. Blavatsky, publicados pela Theosophical Publishing House, Volume VIII, Adyar, 1960, pp. 268-283. Uma primeira tradução do texto, feita pelo teosofista português Humberto Álvares da Costa, apareceu na revista *Portugal Teosófico*, nº 76, de 1999, pp. 7 a 12. Em Dezembro de 2009, associados da Loja Unida de Teosofistas (LUT) fizeram a presente tradução especialmente para o website www.FilosofiaEsoterica.com.

Durante o trabalho, foi consultada a versão de Álvares da Costa, com autorização deste teosofista português.

Cabe registrar ainda que a Sociedade Teosófica original não existe mais. Ela deu lugar a um movimento amplo e marcado pela diversidade de organizações. Portanto, no texto a seguir, onde se lê "Sociedade Teosófica", poderá ler-se "Movimento Teosófico".

Senhor Primaz de toda a Inglaterra,

Fazemos uso de uma carta aberta a Sua Graça para transmitir a você e para fazer chegar através de você aos membros do clero, às suas ovelhas e a todos os cristãos em geral – que nos consideram como inimigos de Cristo – uma breve descrição da posição da teosofia em relação ao cristianismo, pois pensamos que chegou o momento de fazer isso.

Sua Graça é sem dúvida consciente de que a teosofia não é uma religião, mas uma filosofia ao mesmo tempo religiosa e científica; e que a principal tarefa da Sociedade Teosófica até agora tem sido fazer reviver em cada religião o seu espírito próprio que a anima, ao encorajar e ajudar o estudo do verdadeiro significado das suas doutrinas e das suas práticas. Os teosofistas sabem que quanto mais profundamente se avança na compreensão das doutrinas e das cerimônias de todas as religiões, maior e mais aparente se torna a sua semelhança básica, até que, por fim, se chega à percepção da sua unidade fundamental. Este terreno comum é a teosofia – a Doutrina Secreta de todas as épocas; que, diluída e disfarçada para se adaptar à percepção das multidões e às exigências de cada época, constitui a essência viva de todas as religiões. A Sociedade Teosófica tem lojas compostas por budistas, hindus, maometanos, parses, cristãos e livres-pensadores, que trabalham como irmãos no terreno comum da teosofia. E é precisamente porque a teosofia não é uma religião, nem pode cumprir o papel de uma religião para as multidões, que o sucesso desta Sociedade foi tão grande, não apenas em relação ao número crescente dos seus membros e à sua influência cada vez maior, mas também no que se refere à realização do seu trabalho – o resgate da espiritualidade na religião, e o cultivo do sentimento de FRATERNIDADE entre os homens.

Nós, teosofistas, cremos que a religião é um incidente natural na vida do homem, no seu estágio atual de desenvolvimento; e que embora em casos raros os indivíduos possam nascer sem o sentimento religioso, uma comunidade deve ter uma religião, isto é, um *laço de união* – sob pena de cair na decadência social e na aniquilação material. Acreditamos que nenhuma doutrina religiosa pode ser mais que uma tentativa de descrever – para a nossa limitada capacidade atual de compreensão e nos termos das nossas experiências terrestres – grandes verdades cósmicas e espirituais que, no estado normal de consciência, *sentimos* vagamente, mais do que realmente percebemos e compreendemos; e uma revelação, para que possa revelar alguma coisa, deve necessariamente adequar-se às mesmas exigências do intelecto humano.

Na nossa avaliação, portanto, nenhuma religião pode ser absolutamente verdadeira, e nenhuma pode ser absolutamente falsa. Uma religião é verdadeira na medida em que atende as necessidades espirituais, morais e intelectuais da sua época, e ajuda o desenvolvimento da humanidade nestas áreas. Ela é falsa na medida em que bloqueia este desenvolvimento e prejudica a parte espiritual, moral e intelectual da natureza do homem. E as ideias transcendentemente espirituais sobre os poderes dirigentes do universo, adotadas por um sábio do Oriente, seriam para um selvagem africano uma religião tão falsa quanto o fetichismo inferior deste selvagem seria para aquele sábio, embora os dois pontos de vista devam necessariamente ser verdadeiros, em certa medida, porque ambos representam as mais elevadas ideias que estes indivíduos podem respectivamente

conceber a respeito destes fatos cósmico-espirituais. Tais fatos jamais podem ser conhecidos na sua realidade pelo homem, enquanto ele for apenas um homem.

Os teosofistas, portanto, respeitam todas as religiões e têm uma profunda admiração pela ética religiosa de Jesus. E não poderia ser de outro modo, pois estes ensinamentos que chegaram até nós são os mesmos que os da teosofia. Na medida, pois, em que o cristianismo moderno se conduz de acordo com a sua afirmação de que é a religião *prática* ensinada por Jesus, os teosofistas estão com ele de todo o coração. A partir do momento em que age contra esta ética, pura e simples, os teosofistas tornam-se seus opositores. Qualquer cristão pode, se quiser, comparar o Sermão da Montanha com os dogmas da sua igreja e o espírito que respira nela, e com os princípios que guiam esta civilização cristã e governam a sua própria vida; e então estará em condições de julgar por si mesmo até que ponto a religião de Jesus está presente em seu cristianismo, e até que ponto, conseqüentemente, ele e os teosofistas estão de acordo. Mas os cristãos declarados, e especialmente o clero, evitam fazer esta comparação. Como comerciantes que temem ir à falência, eles parecem ter receio de encontrar na sua contabilidade um saldo negativo que não poderia ser compensado contabilizando bens materiais em lugar de bens espirituais. A comparação entre os ensinamentos de Jesus e as doutrinas das igrejas foi, todavia, feita frequentemente – e muitas vezes com um grande conhecimento e uma perspicácia decisiva – tanto por aqueles que queriam abolir o cristianismo, quanto pelos que queriam reformá-lo; e o resultado total destas comparações, como Sua Graça deve saber, prova que em quase todos os pontos as doutrinas das igrejas e o modo de agir dos cristãos estão em contradição *direta com os ensinamentos de Jesus*.

Temos o costume de dizer aos budistas, aos maometanos, aos hindus ou aos parses: “O caminho que conduz à teosofia passa por vocês mesmos, por sua própria religião”. Dizemos isto porque as suas crenças possuem um significado profundamente filosófico e esotérico, que explica as alegorias sob as quais são apresentadas ao povo. Mas não podemos dizer a mesma coisa aos cristãos.

Os sucessores dos Apóstolos nunca registraram por escrito a *doutrina secreta* de Jesus – os “mistérios do reino dos céus” -, que foi dada a conhecer apenas a eles (seus apóstolos) [1]. Estes mistérios foram suprimidos, afastados, destruídos. O que nos chegou através do tempo são os preceitos, as parábolas, as alegorias e as fábulas que Jesus destinou expressamente aos espiritualmente surdos e cegos, e que deveriam ser reveladas mais tarde para o mundo, e que o cristianismo moderno ora as toma na íntegra, literalmente, ora as interpreta segundo a fantasia dos Padres da igreja secular. Em ambos os casos, elas são como flores cortadas: estão separadas da planta em que cresceram e da raiz de que esta planta tirou sua vida. Portanto, se fôssemos encorajar os cristãos, como fazemos com os fiéis de outras crenças, a estudarem por si mesmos a sua própria religião, a consequência seria não um conhecimento do significado dos seus mistérios, mas o despertar da superstição e da intolerância medievais, acompanhado de uma formidável explosão de preces e sermões ditos apenas da boca para fora – tal como o que resultou na formação de 239 seitas protestantes, apenas na Inglaterra – ou, alternativamente, um grande aumento do ceticismo, pois o cristianismo não tem uma base esotérica conhecida pelos que o seguem. Porque mesmo você, Senhor Primaz da Inglaterra, deve estar

dolorosamente consciente do fato de que não sabe absolutamente nada sobre os “mistérios do reino dos céus” ensinados por Jesus aos seus discípulos – que não seja conhecido pelo membro mais humilde e mais iletrado da sua Igreja.

Portanto, é facilmente compreensível que os teosofistas nada têm a dizer contra a política da Igreja Católica Romana de proibir, e a política das igrejas protestantes de desencorajar, qualquer investigação individual sobre o significado dos dogmas “cristãos” que seja correspondente ao estudo esotérico das outras religiões. Com as suas ideias e conhecimentos atuais, os cristãos não têm condições de empreender um exame crítico da sua fé com uma perspectiva de bons resultados. O seu efeito inevitável seria paralisar, ao invés de estimular, os sentimentos religiosos adormecidos; porque os estudos críticos da Bíblia e a mitologia comparada provaram de uma forma conclusiva – pelo menos, para aqueles que não têm interesse pessoal, espiritual ou temporal, na manutenção da ortodoxia -, que a religião cristã, tal como existe agora, é composta de cascas externas do judaísmo, com retalhos do paganismo e restos mal digeridos de gnosticismo e neoplatonismo.

Este curioso conglomerado que se formou gradualmente à volta do registro das palavras ditas por Jesus começou agora, eras mais tarde, a desintegrar-se e a desagregar-se, separando-se das joias puras e preciosas da verdade teosófica que durante tanto tempo ele encobriu e escondeu, mas que nunca puderam ser desfiguradas ou destruídas. A teosofia não só resgata estas joias preciosas do destino que ameaça o lixo ao qual estiveram tanto tempo misturadas. Ela também salva o próprio lixo de uma condenação completa; porque ela mostra que o resultado do exame crítico da Bíblia está longe de ser a análise última do cristianismo, uma vez que cada um dos pedaços que compõem os curiosos mosaicos das Igrejas pertenceu, em algum momento, a uma religião que tinha um significado esotérico. Só quando estes pedaços forem recolocados nos lugares que ocupavam originalmente poderá ser percebido o significado real das doutrinas do cristianismo. Para fazer tudo isto, contudo, é necessário um conhecimento da Doutrina Secreta tal como ela existe nas bases esotéricas de outras religiões; e o clero não possui este conhecimento, pois a Igreja escondeu as suas chaves, e depois as perdeu.

Sua Graça compreenderá agora por que motivo a Sociedade Teosófica tem como um dos seus três “objetivos” o estudo das religiões e filosofias orientais, que lançam esta luz sobre o sentido oculto do cristianismo; e compreenderá também, segundo esperamos, que, ao fazê-lo, não agimos como inimigos, mas como amigos da religião ensinada por Jesus – o verdadeiro cristianismo, na realidade. Porque é só através do estudo destas religiões e filosofias que os cristãos poderão chegar em algum momento à compreensão das suas próprias crenças, ou descobrir o sentido oculto das parábolas e das alegorias ditas pelo Nazareno aos paralíticos espirituais da Judeia. Ao considerá-las como fatos literais ou como fantasia, as igrejas colocaram os seus próprios ensinamentos no ridículo e fizeram com que eles fossem desprezados, levando o cristianismo a um sério perigo de um colapso completo, debilitado como ele está pelos estudos históricos críticos e pelas pesquisas mitológicas, além de ser quebrado pela marreta da ciência moderna.

Deveriam então os próprios teosofistas ser considerados pelos cristãos como seus inimigos, porque creem que o cristianismo ortodoxo é em tudo oposto à religião de Jesus; e

porque têm a coragem de dizer às igrejas que elas são traidoras do MESTRE que elas pretendem venerar e servir? Longe disso, de fato. Os teosofistas sabem que o mesmo espírito que animava as palavras de Jesus existe em estado latente no coração dos cristãos, como existe naturalmente no coração de todos os homens. A sua doutrina fundamental é a Fraternidade Humana, cuja realização última só é possibilitada por aquilo que era conhecido muito tempo antes de Jesus como “o espírito de Cristo”. Mesmo agora este espírito está potencialmente presente em todos os homens e se tornará ativo quando os seres humanos não forem mais impedidos de se compreenderem, de se apreciarem e de simpatizarem entre si pelas barreiras da luta e do ódio, erguidas pelos sacerdotes e pelos príncipes.

Sabemos que os cristãos, nas suas vidas, se elevam frequentemente acima do cristianismo. Todas as Igrejas têm numerosos homens e mulheres nobres, virtuosos e com espírito de sacrifício, desejosos de fazer o bem durante suas vidas, segundo o seu grau de compreensão e as oportunidades que encontram, e que estão plenos de aspiração por coisas mais elevadas que as da terra – sendo seguidores de Jesus apesar do cristianismo.

Por indivíduos como estes os teosofistas sentem a mais profunda simpatia; porque só um teosofista, ou então uma pessoa que tenha a delicada sensibilidade e o grande saber teológico de Sua Graça, pode apreciar adequadamente as dificuldades horríveis contra as quais a frágil planta da religiosidade natural deve lutar, quando afunda com esforço suas raízes no solo estéril da nossa civilização cristã, e tenta florir na atmosfera fria e árida da teologia. Como deve ser difícil, por exemplo, “amar” um Deus como aquele que é descrito numa bem conhecida passagem de Herbert Spencer:

“A crueldade de um deus Fidjiano que, representado como devorador das almas dos mortos e, pode supor-se, torturando-as enquanto as engole, é pouca coisa se comparada à crueldade de um deus que condena os homens a torturas eternas. ... Atribuir aos descendentes de Adão, durante centenas de gerações, castigos horríveis por uma pequena transgressão que eles não cometeram; a condenação de todos os homens que não têm a possibilidade de recorrer a um pretenso método de obter o perdão, e do qual a maior parte dos homens nunca ouviu falar, e a reconciliação efetuada pelo sacrifício de um filho perfeitamente inocente, para satisfazer a suposta necessidade de uma vítima propiciatória, são modos de ação que, se fossem atribuídos a um dirigente humano, provocariam horror.”[2]

Sua Graça dirá, sem dúvida, que Jesus nunca ensinou que se deveria adorar um deus como este. Nós, teosofistas, dizemos o mesmo. Contudo este deus é o deus cuja adoração é oficialmente pregada na Catedral de Cantuária, por você mesmo, Senhor Primaz da Inglaterra; e Sua Graça concordará seguramente conosco em que deve existir de fato uma centelha divina de intuição religiosa no coração dos homens, que os capacita a resistir tão bem quanto resistem à ação mortal de uma teologia venenosa como esta.

Se Sua Graça dirigir o olhar à sua volta, verá desde a sua elevada posição uma civilização cristã em que uma luta frenética e sem trégua do homem contra o homem é, não só a característica que a distingue, mas também um princípio reconhecido. É um

axioma científico e econômico bem estabelecido em nossos dias que todo progresso é conseguido através da luta pela vida e sobrevivência do mais apto; e os mais aptos a sobreviver nesta civilização cristã não são os que possuem as qualidades reconhecidas pela moralidade de todos os tempos como sendo as melhores – não são os generosos, os piedosos, os nobres de coração, capazes de perdoar, humildes, fiéis, honestos e bons – mas sim aqueles que são mais fortes em egoísmo, astúcia, hipocrisia, em força bruta, fingimento, falta de escrúpulos, crueldade e avaria.

Os indivíduos espirituais e os altruístas são “os fracos”, a quem as “leis” que governam o universo dão como alimento aos egoístas e aos materialistas – “os fortes”. A “lei do mais forte” é a única conclusão legítima, a última palavra da ética do século 19, pois o mundo tornou-se um grande campo de batalha no qual os “mais aptos” descem como abutres para arrancar os olhos e o coração dos que caíram durante o combate. Será que a religião faz cessar a batalha? As igrejas espantam os abutres, ou reconfortam os feridos e os moribundos? Hoje a religião no *mundo* em geral não pesa mais que uma pluma, quando as vantagens terrestres ou os prazeres egoístas são colocados no outro prato da balança; e as igrejas não têm o poder de revivificar o sentimento religioso entre os homens, porque as suas ideias, o seu conhecimento, os seus métodos e os seus argumentos são os da Idade das Trevas. Senhor Primaz, o seu cristianismo é o de quinhentos anos antes da nossa época.

Enquanto os homens discutiam para saber se este deus ou aquele outro era o verdadeiro deus, ou se a alma ia para este ou aquele lugar depois da morte, vocês, do clero, compreendiam a pergunta e tinham argumentos prontos para influenciar a opinião – pelo silogismo ou pela tortura, conforme fosse o caso. Mas agora é a própria existência de qualquer ser semelhante a Deus, ou de qualquer espécie de espírito imortal, que é questionada ou negada. A ciência inventa novas teorias sobre o Universo que ignoram com desprezo a existência de qualquer deus; os moralistas concebem teorias relativas à ética e à vida social nas quais a não-existência de uma vida futura é considerada como uma premissa; em física, em psicologia, em direito, em medicina, a única coisa necessária para assegurar o sucesso de um professor é que a exposição das suas ideias não contenha nenhuma alusão à Providência, ou à alma. O mundo é conduzido rapidamente à convicção de que deus é uma concepção mítica, que não tem de fato nenhum fundamento, e nenhum lugar na Natureza; e que a parte imortal do homem é o sonho estúpido de selvagens ignorantes, perpetuado pelas mentiras e pelos embustes dos padres, que fazem uma ampla colheita cultivando nos homens o temor de que as suas almas imaginárias sejam torturadas, por toda a eternidade, pelo seu Deus mítico, num Inferno que só existe em fábulas. Diante de tudo isto, o clero permanece, atualmente, silencioso e impotente. A única resposta que a Igreja sabia dar a “objeções” como estas era *a tortura e a fogueira*; mas *agora* ela não pode servir-se deste sistema de argumentação.

É certo que se o Deus e a alma descritos pelas igrejas são entidades imaginárias, então a salvação e a danação cristãs são puras ilusões da mente, produzidas em grande escala pelo processo hipnótico de afirmação e de sugestão, agindo cumulativamente sobre gerações de dóceis “históricos”. Que resposta você dá a uma tal teoria da religião cristã, além da repetição de afirmativas e sugestões? Que modo tem você de reconduzir os homens às suas antigas crenças, além de fazer reviver os seus velhos hábitos? “Construam

mais igrejas, rezem mais orações, fundem mais missões e a sua fé na condenação e na salvação será reanimada e uma nova crença em Deus e na alma será o resultado inevitável”. Tal é a política das igrejas. É a sua única resposta ao agnosticismo e ao materialismo. Mas sua Graça deve saber que responder aos ataques da ciência e da crítica modernas com armas como a afirmação e o hábito é como atacar metralhadoras usando bumerangues e escudos de couro. No entanto, enquanto o progresso das ideias e o aumento do conhecimento arruinam a teologia popular, cada descoberta da ciência e cada nova concepção do pensamento europeu avançado aproximam o espírito do século 19 das ideias do Divino e do Espiritual, conhecidos de todas as religiões esotéricas e da teosofia.

A Igreja alega que o cristianismo é a única religião verdadeira, e esta pretensão implica duas afirmações diferentes, a saber, que o cristianismo é uma religião verdadeira, e que não há religião verdadeira exceto o cristianismo. Parece que nunca passa pela cabeça dos cristãos a ideia de que Deus e o Espírito possam existir de qualquer forma diferente da que é apresentada nas doutrinas da igreja. O selvagem chama o missionário de ateu porque ele não transporta um ídolo na sua mala; e o missionário, por sua vez, qualifica de ateu qualquer um que não traga um fetiche no seu espírito; e nem o selvagem, nem o cristão parecem ter jamais suposto que possa existir uma concepção mais elevada que a sua em relação ao grande poder oculto que governa o Universo, e ao qual o nome “Deus” é muito mais aplicável. É difícil saber se as Igrejas tentam mais provar que o cristianismo é “verdadeiro”, ou provar que qualquer outra espécie de religião é necessariamente “falsa”; as más consequências que resultam deste seu ensino são terríveis. Quando as pessoas rejeitam o dogma, elas imaginam que rejeitaram também o sentimento religioso, e concluem que a religião é algo supérfluo na vida humana – uma forma de mandar para as nuvens coisas que pertencem à terra, uma perda de energia que poderia ser usada mais eficientemente na luta pela existência. O materialismo desta época é, portanto, consequência direta da doutrina cristã segundo a qual não existe poder dirigente no Universo, nem qualquer Espírito imortal no homem, além dos que foram descritos nos dogmas cristãos. O ateu, Senhor Primaz, é o filho bastardo da Igreja.

Mas isto não é tudo. As igrejas nunca ensinaram aos homens alguma razão para serem justos, bons e sinceros, que seja mais elevada do que a esperança de uma recompensa ou o medo do castigo; e, quando eles abandonam a crença no capricho Divino e na injustiça Divina, as bases da sua moralidade ficam fragilizadas. Eles nem sequer têm uma moralidade natural à qual possam voltar conscientemente, pois o cristianismo ensinou-lhes a considerá-la como algo sem valor, alegando a perversidade natural do homem. Portanto, o interesse pessoal torna-se a única motivação da conduta, e o receio de ser descoberto, a única coisa que o afasta do vício. Assim, no que se refere à moralidade, bem como a Deus e à alma, o cristianismo empurra os homens para fora do caminho que conduz ao conhecimento, e precipita-os no abismo da incredulidade, do pessimismo e do vício. A Igreja é agora o último lugar onde os homens iriam procurar ajuda contra os males e as misérias da vida, porque eles sabem que a construção de igrejas e a repetição de ladainhas não influenciam nem os poderes da natureza nem os conselhos das nações. Eles sentem instintivamente que, desde o momento em que as Igrejas aceitaram o princípio da

conveniência, elas perderam o poder de chegar ao coração dos homens, e agora elas só podem agir no plano externo, apoiando a ação do policial e do político.

A função da religião é reconfortar e encorajar a humanidade na sua luta constante contra o pecado e o sofrimento. Isto só pode ser feito apresentando à humanidade o nobre ideal de uma vida mais feliz após a morte, e de uma vida mais digna sobre a terra, o que deve ser obtido nos dois casos por um esforço consciente. O que o mundo necessita agora é de uma Igreja que lhe fale da Divindade ou Princípio Imortal no homem como algo situado pelo menos ao nível das ideias e do conhecimento dos tempos atuais. O cristianismo dogmático não é adequado para um mundo que raciocina e pensa. Só aqueles que estão dispostos a lançar-se a um estado de espírito medieval podem apreciar uma Igreja cuja função religiosa (considerada como diferente da sua função social e política) é manter Deus de bom humor enquanto os fiéis fazem o que creem que não é aprovado por ele; cuja função é rezar para obter mudanças no clima; e, ocasionalmente, agradecer ao Todo Poderoso por haver ajudado a massacrar o inimigo. Não é de “curandeiros”, mas de guias espirituais que o mundo necessita hoje – um “clero” que lhe dê ideais tão adequados para a inteligência do nosso século como o eram o Céu e o Inferno, o Deus e o Diabo cristãos, na época de sombria ignorância e da superstição. Será que o clero cristão atende, ou pode atender, esta necessidade? A miséria, o crime, o vício, o egoísmo, a brutalidade, a falta de autorrespeito e de autocontrole que caracterizam a nossa civilização moderna unem as suas vozes num grito terrível e respondem – NÃO!

Qual o significado da reação contra o materialismo, um materialismo cujos sinais hoje enchem o ar? O significado é que o mundo está mortalmente cansado do dogmatismo, da arrogância, da autossuficiência e da cegueira espiritual da ciência moderna, dessa mesma ciência moderna que os homens ainda ontem saudavam como a sua libertadora do fanatismo religioso e da superstição cristã, mas que, assim como o Diabo das lendas sacerdotais, reclama, como recompensa pelos seus serviços, o sacrifício da alma imortal do homem. E, enquanto isso, o que fazem as Igrejas? Elas dormem o sono pacífico obtido pelas doações e pela influência social e política, enquanto que o mundo, a carne e o diabo se apropriam dos seus segredos, dos seus milagres, dos seus argumentos e da sua fé cega.

Os espíritas – ó Igrejas de Cristo! – roubaram o fogo dos seus altares para iluminar as suas salas de sessões mediúnicas. Os salvacionistas pegaram o seu vinho sacramental e se embriagam espiritualmente nas ruas; o infiel roubou as armas com as quais vocês o venceram em outros tempos, e diz a vocês triunfantemente: “O que vocês afirmam, já foi dito muitas vezes antes”. Teve o clero alguma vez uma oportunidade tão esplêndida? As uvas da vinha estão maduras, e só faltam os trabalhadores eficazes para a colheita. Se vocês dessem ao mundo alguma prova, situada no padrão intelectual do que é verificável, de que a Divindade – o Espírito imortal no homem – tem uma existência real como fato da Natureza, será que os homens não os saudariam como salvadores que os libertaram do pessimismo e do desespero, do pensamento enlouquecedor e brutalizante de que não há para o homem outro destino a não ser um vazio eterno, após alguns breves anos de duras fadigas e sofrimentos? Como seus salvadores de uma luta assustadora pela satisfação material e pelas vantagens do mundo, consequência direta da crença de que esta vida mortal é o começo e o fim da existência?

Mas as Igrejas não possuem nem o conhecimento nem a fé necessários para salvar o mundo, e a sua Igreja, Senhor Primaz, talvez ainda menos que as outras, porque está com a pesada carga de oito milhões de libras por ano à volta do pescoço. Vocês tentam em vão tornar o navio mais leve, lançando pela borda, como lastro, as doutrinas que os seus antepassados consideravam vitais ao cristianismo. O que mais pode fazer agora a sua Igreja, exceto fugir da tempestade com os mastros desguarnecidos, enquanto o clero tenta, debilmente, tapar os buracos do casco com a “versão revisada” da Bíblia, e procura impedir que o navio naufrague com a sua pesada carga social e política, levando para o fundo do mar a sua carga de dogmas e de doações?

Quem construiu a catedral de Cantuária, Senhor Primaz? Quem inventou e deu vida à grande organização eclesiástica que torna possível a existência de um Arcebispo de Cantuária? Quem estabeleceu as bases de um vasto sistema de impostos religiosos que lhe dá quinze mil libras por ano e um palácio? Quem instituiu os rituais e as cerimônias, as orações e as litanias que, ligeiramente alteradas e despojadas de arte e ornamento, fazem a liturgia da Igreja da Inglaterra? Quem extorquiou ao povo os orgulhosos títulos de “divino reverendo” e “Homem de Deus”, dos quais o clero da sua Igreja se apropria com tamanha confiança? Quem, de fato, exceto a Igreja de Roma? Falamos sem espírito de inimizade. A teosofia viu a ascensão e a queda de muitas crenças, e estará presente ao nascimento e à morte de muitas outras. Sabemos que a vida das religiões está sujeita à lei. Se vocês receberam uma herança legítima de Roma, ou tomaram posse pela violência, é uma questão que vocês devem decidir com os seus inimigos e com a sua consciência; a atitude mental frente à sua Igreja é determinada pelo seu valor intrínseco. Sabemos que se ela for incapaz de desempenhar a verdadeira função espiritual de uma religião será certamente exterminada, mesmo que o erro se encontre mais nas suas tendências hereditárias, ou no que a rodeia, do que em si mesma.

A Igreja da Inglaterra, para usar uma comparação simples, é como um trem que prossegue a sua marcha graças à velocidade adquirida antes de o vapor ter sido cortado. Depois de ter deixado a linha principal, encontra-se num desvio que não leva a lugar algum. O trem está agora quase parado, e muitos dos seus passageiros o trocaram por outros meios de transporte. Os restantes estão, na maioria, conscientes de que durante este tempo só podiam contar com o pouco vapor que restou na caldeira depois que os fogos de Roma foram retirados. Eles suspeitam que, neste momento, talvez já estejam apenas brincando de andar de trem; mas o maquinista continua a assobiar, o controlador prossegue a sua inspeção, examinando os bilhetes, os freios foram acionados como antes e, convenhamos, não é uma brincadeira desagradável. As carruagens estão aquecidas e confortáveis e o dia é frio, e, desde que recebam gorjetas, os empregados da companhia são muito obsequiosos. Mas aqueles que sabem para onde querem ir não estão assim tão contentes.

Durante vários séculos, a Igreja da Inglaterra conseguiu a difícil proeza de navegar em duas canoas ao mesmo tempo, dizendo aos católicos romanos: “Raciocinem!” e aos cétricos: “Tenham Fé!” Foi regulando constantemente as forças desta atitude de duas caras que ela pôde permanecer durante tanto tempo em cima do muro. Mas agora, o próprio muro está caindo. A supressão das doações e a separação entre Igreja e Estado pairam no ar. E o que a

sua Igreja invoca a seu favor? A sua utilidade. É *útil* ter muitos homens instruídos, morais, não-mundanos, espalhados por todo o país, impedindo o mundo de esquecer completamente a ideia de religião, e agindo como centros de ação benfeitora. Mas a questão agora já não é a de repetir orações e dar esmola aos pobres, como era há quinhentos anos atrás. As pessoas tornaram-se maiores de idade, e tomaram nas mãos o seu pensamento e a direção dos seus assuntos sociais, individuais e até mesmo espirituais, porque descobriram que o clero não sabe mais do que elas mesmas sobre as “coisas do Céu”.

Mas a Igreja de Inglaterra, diz-se, tornou-se tão liberal que todos devem apoiá-la. Realmente, pode-se fazer uma excelente imitação da missa, ou ser um virtual Unitário, e ainda fazer parte do seu rebanho. Esta bela tolerância, no entanto, significa apenas que a Igreja achou necessário tornar-se um vasto campo comum, em que cada um pode armar a sua própria tenda e agir como lhe aprouver, desde que participe na manutenção dos benefícios. A tolerância e a liberalidade são contrárias às leis da existência de qualquer igreja que crê na condenação divina, e a sua aparição na Igreja da Inglaterra não é um sinal de vida renovada, mas antes da chegada da desagregação. Não menos ilusória é a energia manifestada pela Igreja na construção de igrejas. Se isto fosse um critério de medição do espírito religioso, que piedosa época seria a nossa! Nunca o dogma esteve tão bem alojado, embora os seres humanos sejam obrigados a dormir aos milhares nas ruas, e morram literalmente de fome à sombra das suas majestosas catedrais, construídas em nome d'Aquele que não tinha onde repousar a Sua cabeça. Terá Jesus dito a você, Sua Graça, que a religião não se encontra no coração dos homens, e sim nos templos feitos pelas mãos? Vocês não podem converter sua piedade em pedra e utilizá-la nas suas vidas; e a história mostra que a petrificação do sentimento religioso é uma doença tão mortal como a ossificação do coração. No entanto, ainda que as igrejas fossem multiplicadas por cem, e que cada pastor se tornasse um centro de filantropia, isso iria apenas produzir o trabalho que os pobres esperam dos seus semelhantes, mas não dos seus líderes espirituais – em lugar daquilo que eles pedem e não conseguem obter. Isso só colocaria em maior destaque a esterilidade espiritual da Igreja e das suas doutrinas.

Aproxima-se o tempo em que o clero terá de prestar contas das suas ações. Você está pronto, Senhor Primaz, a explicar ao SEU MESTRE por que tem dado pedras aos Seus Filhos, quando eles lhe suplicavam por pão? Você sorri na sua imaginária segurança. Os servidores fizeram festas durante tanto tempo nos aposentos interiores da casa do Senhor, que pensavam que Ele certamente nunca voltaria. Mas Ele disse que Ele viria como um ladrão durante a noite; e eis! Ele está chegando já no coração dos homens. Ele está vindo para tomar posse do reino de Seu Pai no único lugar em Seu reino existe. Mas vocês não O conhecem! Se as próprias Igrejas não estivessem sendo carregadas pela onda de negação e de materialismo que dominou a sociedade, elas reconheceriam o germe do espírito do Cristo crescendo com rapidez no coração de milhares de seres, a quem agora classificam como infiéis e loucos. Reconheceriam neles aquele mesmo espírito de amor, sacrifício de si mesmo e piedade imensa pela ignorância, pela loucura e pelos sofrimentos do mundo, que surgiu em toda a sua pureza no coração de Jesus, assim como surgiu no coração de outros Santos Reformadores em diferentes épocas. Este espírito é a luz de toda verdadeira

religião, e o archote com o qual os teosofistas de todos os tempos trataram de iluminar os seus passos, ao longo do caminho estreito que conduz à salvação – o caminho que é percorrido por toda encarnação de CHRISTOS ou o ESPÍRITO DA VERDADE.

E agora, Senhor Primaz, expusemos muito respeitosamente a você os pontos principais de divergência e desacordo que existem entre a teosofia e as igrejas cristãs, e mostramos a unidade entre a teosofia e os ensinamentos de Jesus.

Você viu a nossa profissão de fé, e conheceu quais são os nossos protestos e as nossas queixas contra o cristianismo dogmático. Nós, um punhado de indivíduos humildes, que não possuímos riquezas materiais nem influência sobre o mundo, mas somos fortes no nosso conhecimento, estamos unidos na esperança de cumprir a tarefa que você diz que lhe foi confiada pelo seu MESTRE, mas que é tão tristemente negligenciada por esse colosso opulento e dominador – a Igreja Cristã.

Nós nos perguntamos se você chamará isso de presunção. Será que, nesta terra de liberdade de pensamento, de palavra e de ação, você não nos responderá exceto pelo anátema habitual que a Igreja reserva para todo reformador? Ou podemos esperar que as amargas lições da experiência, obtidas no passado pelas Igrejas devido a esta política, terão mudado o coração e iluminado o espírito dos seus dirigentes; e que o próximo ano, de 1888, verá os cristãos estender-nos a mão com toda a simpatia e boa-vontade? Isso seria apenas o reconhecimento de que o grupo relativamente pequeno chamado de Sociedade Teosófica não é pioneiro do Anticristo, nem fruto do Maldoso, mas, o ajudante prático, talvez o salvador da Cristandade, e que só está se esforçando por fazer a obra que Jesus – assim como Buddha e os outros “filhos de Deus” que o precederam – recomendou a todos os seus seguidores que realizassem, mas que as Igrejas, tendo-se tornado dogmáticas, são inteiramente incapazes de fazer.

E agora, se Sua Graça puder provar que somos injustos em relação à Igreja da qual você é o Chefe, ou em relação à teologia popular, prometemos reconhecer publicamente nosso erro. Contudo – “QUEM CALA CONSENTE”.

NOTAS DE HPB:

[1] Marcos, 4:11; Mateus, 13:11; Lucas, 8:10.

[2] “Religion: A Retrospect and Prospect”, na publicação periódica *Nineteenth Century*, Vol. XV, número 83, janeiro 1884.

CHELAS E LEIGOS

Testes, Perigos e Oportunidades no Caminho Espiritual

O artigo a seguir foi traduzido pelo website www.FilosofiaEsoterica.com do

Volume I, pp. 308-314, de *Theosophical Articles*, H. P. Blavatsky, The Theosophy Co., Los Angeles, 1981. Integra também os *Collected Writings*, Volume IV, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, 1969, 718 pp., ver pp. 606-615. O texto foi publicado inicialmente no Suplemento da revista *The Theosophist*, na Índia, em Julho de 1883. Título original: "Chelas and Lay Chelas". Cabe registrar novamente que a Sociedade Teosófica original deu lugar a um movimento amplo e marcado pela diversidade de organizações. Portanto, no texto a seguir, onde se lê "Sociedade Teosófica", poderá ler-se "Movimento Teosófico".

Como a palavra *Chela*, entre outras, já foi introduzida pela Teosofia na nomenclatura da metafísica ocidental, e a circulação da nossa revista está sendo constantemente ampliada, será correto dar uma explicação mais clara sobre o significado deste termo e as regras do Chelado – pelo menos para benefício dos nossos membros europeus, se não dos orientais. Um “chela” é alguém que se ofereceu como aluno para aprender na prática “os mistérios ocultos da Natureza e os poderes psíquicos latentes no homem”. O instrutor espiritual a quem ele propõe a sua candidatura é chamado na Índia de Guru; e o verdadeiro Guru é sempre um Adepto na Ciência Oculta. Um homem de profundo conhecimento, exotérico e esotérico, especialmente este último; alguém que colocou a sua natureza carnal sob o controle da Vontade; que desenvolveu em si mesmo tanto o poder (*Siddhi*) de controlar as forças da natureza, como a capacidade de descobrir os segredos dela com a ajuda dos poderes do seu próprio ser, antes latentes, mas agora ativos – este é o verdadeiro Guru.

Oferecer-se como candidato ao chelado é bastante fácil. Transformar-se em um Adepto é a mais difícil tarefa que um homem poderia empreender. Há um grande número de homens que “nasceram” naturalmente poetas, matemáticos, mecânicos, estadistas, etc., mas é praticamente impossível que alguém nasça naturalmente como um Adepto. Porque, embora ouçamos falar de tempos em tempos – raramente – de alguém que tem uma capacidade extraordinária, inata, para adquirir conhecimento e poder oculto, no entanto este indivíduo tem que passar pelos mesmos testes e provas, e deve realizar o mesmo autotreinamento que qualquer outro aspirante menos favorecido. Nesta questão, é completamente verdadeiro o fato de que não há caminho especial algum pelo qual possam viajar os favoritos.

Durante séculos a seleção de chelas – fora do grupo hereditário dentro do gon-pa (templo) – tem sido feita pelos próprios Mahatmas dos Himalaias a partir do contingente, numeroso no Tibete, de místicos naturais. As únicas exceções têm ocorrido no caso de ocidentais como Fludd [1], Thomas Vaughan, Paracelso, Pico della Mirandola, Conde de St. Germain, etc., cuja afinidade de temperamento com esta ciência celestial forçou – pouco mais ou menos – os distantes Adeptos a entrar em relações pessoais com eles, e os capacitou a adquirir proporções pequenas ou grandes da verdade total, conforme as possibilidades dos seus contextos sociais. No livro IV de *Kiu-Te*, capítulo sobre “as Leis de Upasanas”, nós vemos que as qualificações esperadas de um chela eram:

1. Perfeita saúde física;
2. Absoluta pureza mental e física;
3. Inegoísmo de propósito; caridade universal; piedade por todos os seres animados;
4. Sinceridade e fé inabalável na lei do carma, independentemente de qualquer poder que possa interferir; uma lei cuja operação não pode ser obstruída por nenhuma intervenção, nem pode ser levada a desviar-se por orações ou cerimônias propiciatórias exotéricas;
5. Uma coragem indômita em qualquer emergência, mesmo quando há perigo de vida.
6. Uma percepção intuitiva de que se é um veículo da manifestação de Avalokitesvara, ou Atma Divino (Espírito);
7. Calma indiferença em relação a (mas também uma justa apreciação de) tudo o que constitui o mundo objetivo e transitório, em sua relação com as regiões invisíveis.

Estas, pelo menos, devem ter sido as recomendações para alguém que aspirasse ao perfeito chelado. Com a única exceção do primeiro ponto, que em casos raros e excepcionais pode ser modificado, tem-se insistido invariavelmente em cada um destes pontos, e todos eles devem ter sido mais ou menos desenvolvidos na natureza interna do chela através de ESFORÇOS SEM AJUDA, antes que ele possa ser realmente colocado à prova.

Quando o asceta, em sua evolução autônoma – esteja no mundo ativo ou fora dele –, houver colocado a si próprio, de acordo com a sua capacidade natural, acima de (e portanto tiver passado a ser um mestre de seus) – (1) *Sharira* – corpo; (2) *Indriya* – sentidos; (3) *Dosha* – erros ou falhas; (4) *Dukkha* – sofrimento; e estiver pronto para tornar-se um com seu *Manas* – a mente; seu *Buddhi* – intelecto ou inteligência espiritual; e *Atma* – a alma mais elevada, isto é, espírito... Quando ele estiver pronto para isso, e ainda mais, para reconhecer em Atma o governante supremo do mundo das percepções, e na Vontade a mais alta energia (poder) executiva, então ele poderá, de acordo com as regras consagradas pelo tempo, ser levado mais adiante por um dos Iniciados. Poderá então ser mostrado a ele o misterioso caminho em cujo longínquo final é ensinado ao chela o discernimento infalível de *Phala*, os frutos das causas produzidas, e ele poderá aprender os meios para alcançar *Apavarga* – a emancipação da dor dos nascimentos repetidos (em cuja determinação o ignorante não pode influir), e assim evitar *Pratya-Bhava* – a transmigração.

Mas desde o advento da Sociedade Teosófica, uma de cujas árduas tarefas foi acordar de novo na mente Ariana a memória adormecida da existência desta Ciência e daquelas capacidades humanas transcendentais, as regras para a seleção de chelas ganharam de certo modo uma pequena flexibilidade. Muitos membros da Sociedade, vendo os pontos

acima comprovados na realidade, pensaram acertadamente que se outros já haviam alcançado a meta, eles também poderiam atingi-la percorrendo o mesmo caminho, caso estivessem interiormente preparados – e pressionaram para serem aceitos como candidatos. Como seria uma interferência sobre o Carma negar a eles a possibilidade pelo menos de começar – e como eles eram tão insistentes – foi-lhes concedido o que queriam. O resultado tem sido muito pouco encorajador até o momento, e foi com o objetivo de mostrar a estes infelizes a causa da sua derrota, assim como para alertar a outros sobre o perigo de avançar impensadamente em direção a um destino similar, que foi dada uma ordem no sentido de que este artigo fosse escrito. Os candidatos, embora amplamente advertidos com antecedência para não fazê-lo, começaram errando ao olhar com egoísmo para o futuro e perder de vista o passado. Esqueceram que não haviam feito nada para merecer a rara honra da seleção; nada que justificasse a sua expectativa de tamanho privilégio; e que não podiam orgulhar-se de nenhum dos méritos enumerados acima. Como homens do mundo egoísta e sensual, fossem casados ou solteiros, comerciantes, empregados civis ou militares, ou membros das camadas intelectualizadas, eles haviam estado em uma escola voltada para fazer com que se identificassem com a natureza animal, e não para desenvolver suas potencialidades espirituais. E no entanto cada um e todos eles tiveram a vaidade suficiente para supor que em seu caso seria feita uma exceção à lei estabelecida há incontáveis séculos, e como se, de fato, a sua pessoa fosse um novo Avatar! Todos esperavam receber ensinamentos sobre coisas ocultas, e esperavam receber poderes extraordinários porque – bem, porque haviam ingressado na Sociedade Teosófica. Alguns haviam sinceramente decidido corrigir as suas vidas e renunciar às suas más práticas; devemos fazer-lhes justiça.

No começo todos foram recusados, começando pelo próprio presidente da S.T., o coronel H.S. Olcott; e com relação a este cavalheiro não há mal em dizer que ele não foi aceito como chela enquanto não comprovou, por mais de um ano de trabalho devotado e com uma determinação inabalável, que poderia ser testado com segurança. Então vieram reclamações de todos os lados – de hindus, que deveriam compreender melhor a questão, e de europeus, que, naturalmente, não tinham condições de saber nada sobre as regras. O clamor era que, se pelo menos alguns teosofistas não tivessem a possibilidade de tentar, a Sociedade não poderia persistir. Todas as outras características nobres e inegoístas do nosso programa eram ignoradas: o dever de um homem para com o seu próximo, para com seu país, seu dever de ajudar, esclarecer, encorajar e elevar os mais fracos e menos favorecidos que ele; tudo era esquecido na corrida insana pelo adeptado. A busca de fenômenos, fenômenos, fenômenos, ressoava por todos os lados, e os fundadores eram dificultados no seu trabalho real e molestados insistentemente para que intercedessem junto aos Mahatmas, contra os quais eram feitas, na verdade, as queixas, embora os seus pobres agentes tivessem que receber todas as bofetadas. Finalmente, veio o recado das autoridades mais elevadas no sentido de que uns poucos, entre os candidatos que mais pressionavam, poderiam ser aceitos, e isto com base no que estas pessoas haviam declarado.

O resultado da experiência mostra talvez melhor do que qualquer quantidade de explicações o que o chelado significa, e quais são as consequências do egoísmo e da

temeridade. Cada candidato foi avisado de que deveria esperar durante anos, em qualquer caso, antes que a sua adequação estivesse comprovada, e de que ele deveria passar por uma série de testes que trariam para fora tudo o que havia nele, fosse bom ou mau. Quase todos eram homens casados e por isso foram designados de “chelas leigos” – uma expressão nova em línguas ocidentais, mas que tem há muito tempo seus equivalentes nas línguas asiáticas. O chela leigo é apenas um homem do mundo que afirma seu desejo de tornar-se sábio nas coisas espirituais. Virtualmente, cada membro da Sociedade Teosófica que assume o segundo dos nossos três “Objetivos Declarados” é um chela leigo, porque, embora não esteja entre os verdadeiros discípulos, tem a possibilidade de tornar-se um deles, já que passou através do limite que o separava dos Mestres, e colocou-se, de certo modo, no seu campo de observação. Ao ingressar na Sociedade e comprometer-se a ajudar no seu trabalho, ele fez um voto de que agiria em alguma medida em consonância com aqueles Mahatmas, por cuja ordem a Sociedade foi organizada, e sob cuja proteção condicional ela permanece. O ingresso é portanto uma apresentação; todo o resto depende inteiramente do próprio membro, e ele não deve nunca esperar nem a mais distante aproximação à “boa vontade” dos nossos Mahatmas, nem de qualquer outro Mahatma no mundo – se algum deles consentisse em ser conhecido – sem que o fato tenha sido conquistado por mérito pessoal. *Os Mahatmas são servidores, não árbitros da Lei do Karma.* O CHELADO LEIGO NÃO DÁ PRIVILÉGIO A NINGUÉM, EXCETO O PRIVILÉGIO DE TRABALHAR PARA OBTER MÉRITO, SOB A OBSERVAÇÃO DE UM MESTRE. E o fato de aquele Mestre ser visto ou não pelo chela não faz qualquer diferença no resultado: seus bons pensamentos, suas boas palavras e seus bons atos darão frutos, e suas más atitudes também. Contar vantagem sobre chelado leigo, ou falar disso a todo o mundo, é o caminho mais seguro para reduzir a relação com o Guru a um mero nome vazio, porque é evidência inegável da sua vaidade e da sua inadequação para um progresso futuro. Durante anos nós temos ensinado por toda parte um axioma: “antes de desejar, faça por merecer” intimidade com os Mahatmas.

Há uma lei terrível operando na natureza, uma lei que não pode ser alterada, e cuja ação esclarece o aparente mistério da seleção de certos “chelas” que se tornaram tristes exemplos em relação à moralidade, nestes últimos anos. O leitor lembra do velho provérbio – “deixe que fiquem quietos os cães que estão dormindo”? Há um enorme significado oculto nele. Nenhum homem ou mulher conhece sua força moral até o dia em que essa força é *testada*. Milhares de pessoas passam pela vida de modo muito respeitável porque nunca são postos à prova. Este é um truísmo, sem dúvida, mas extremamente pertinente neste caso. Aquele que decide tentar o chelado desperta, por este mesmo ato, e leva a um grau de desespero, cada paixão adormecida de sua natureza animal. Porque este é o começo de uma luta pelo poder em que nenhuma trégua deve ser dada ou recebida. É, de uma vez por todas, “Ser ou não Ser”; a vitória significa o ADEPTADO; o fracasso, um Martírio ignóbil; porque cair vítima da luxúria, orgulho, avareza, vaidade, egoísmo, covardia, ou qualquer outra das tendências inferiores é de fato ignóbil, se for medido pelo padrão do que é verdadeiramente humano. O chela é chamado a enfrentar não só as más inclinações latentes na sua natureza, mas também todo o conjunto de poder maléfico acumulado pela comunidade e pela nação a que ele pertence. E isso porque ele é uma

parte integral daqueles agregados, e os fatores que afetam tanto o homem individual como o grupo (cidade ou nação) reagem um sobre o outro. Nesta instância a luta dele pela bondade destoa do conjunto da maldade em seu meio ambiente, e atrai a fúria deste conjunto contra si. Se ele estiver contente de conviver com seus vizinhos e ser quase como eles são – talvez um pouco melhor, ou pior que a média – pode ser que ninguém o perceba. Mas se for sabido que ele conseguiu detectar as zombarias falsas da vida social, sua hipocrisia, egoísmo, sensualidade, cupidez e outras más características, e que decidiu elevar a si mesmo a um nível mais alto – ele será imediatamente odiado, e cada natureza má, fanática ou maliciosa mandará a ele uma corrente de força de pensamento opositora.

Se for intrinsecamente forte ele se verá livre disso, do mesmo modo como um nadador poderoso atravessa veloz a corrente que arrastaria a outro mais fraco. Mas, nessa batalha moral, se o chela tiver uma só falha oculta – faça ele o que fizer, ela virá à luz do dia. O verniz das coisas convencionais com que a “civilização” nos cobre deve ser retirado até a última camada, e o Eu Interior, nu e sem o menor véu para esconder a sua realidade, é exposto. Os hábitos da sociedade que mantêm os homens até certo ponto dentro de alguns limites morais e que os levam a prestar homenagem à virtude parecendo ser bons, quer sejam bons ou não – estes hábitos tendem então a ser todos esquecidos; estas restrições e limites tendem a quebrar-se completamente pela tensão e pelo esforço do chelado. O chela está agora em uma atmosfera de ilusões – *Maya*. O vício assume sua expressão mais sedutora, e as paixões tentadoras tentam levar o aspirante inexperiente às profundezas da degradação psíquica. Este não é um caso como o descrito por um grande artista, em que Satã é visto jogando uma partida de xadrez com um homem e apostando sua alma, enquanto o bom anjo protetor deste homem fica a seu lado para aconselhá-lo e assisti-lo. Porque o conflito é entre a vontade do chela e a sua natureza carnal, e o Carma proíbe que qualquer anjo ou Guru interfira até que o resultado seja conhecido.

Com o caráter intenso das fantasias poéticas, Bulwer Lytton idealizou esta situação em seu livro “Zanoni”, uma obra que sempre será elogiada pelos ocultistas; enquanto que em seu livro “Strange Story” [“Uma História Estranha”] ele mostrou com igual talento o lado negro da pesquisa oculta e os seus perigos mortais. O chelado foi definido há algum tempo por um Mahatma como “um solvente psíquico, que consome toda impureza e deixa apenas o ouro puro”. Se o candidato tiver latente a cobiça ou inclinação por dinheiro, ou por tramas políticas, por um ceticismo materialista, por um exibicionismo vaidoso, por palavras e declarações falsas, crueldade ou gratificação sensual de qualquer tipo, os germes quase certamente se desenvolverão; e o mesmo ocorrerá, por outro lado, com tudo o que diz respeito às qualidades nobres da natureza humana. O homem real vem para fora. Não será uma completa loucura, então, que alguém deixe o caminho suave da vida comum para escalar os penhascos, sem uma razoável certeza de que tem em si a substância adequada? Bem diz a Bíblia: “Assim, pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair” [2], um texto que os supostos chelas deveriam estudar bem, antes de atirar-se de cabeça ao combate! Teria sido muito bom para alguns de nossos chelas leigos se eles tivessem pensado duas vezes antes de desafiar os testes. *Nós sabemos de vários fracassos lamentáveis em um período de 12 meses.* Um ficou mal da cabeça, rejeitou sentimentos nobres expressados poucas semanas antes, e tornou-se membro de uma religião que ele

havia recentemente provado, com desdém e de modo irresponsável, que era falsa. Outro tornou-se delinquente e fez desaparecer o dinheiro de seu empregador – que também era teosofista. Um terceiro entregou-se a grossa libertinagem, e confessou o fato com lágrimas e soluços inúteis, ao Guru que havia escolhido. Um quarto envolveu-se com uma pessoa do sexo oposto e abandonou seus amigos mais queridos e verdadeiros. Um quinto mostrou sinais de aberração mental e foi levado ao tribunal com acusações de conduta vergonhosa. Um sexto matou-se com um tiro para escapar às consequências da criminalidade, na iminência de ser descoberto! E assim poderíamos prosseguir com mais exemplos. Todos estes eram aparentemente buscadores da Verdade e, no mundo, passavam por pessoas respeitáveis. Externamente, eram altamente elegíveis como candidatos ao chelado, segundo as aparências; mas “por dentro tudo era podridão e ossos de cadáveres” [3]. O verniz do mundo era tão grosso que escondia a ausência de ouro verdadeiro no interior, e com o “solvente” fazendo seu trabalho, o candidato comprovava a cada momento ser apenas uma figura pintada de ouro, mas cuja substância era de lixo moral, do início ao fim....

Até aqui nós abordamos, é claro, apenas os fracassos entre os chelas leigos; mas também têm havido êxitos parciais, e estes estão passando gradualmente pelos primeiros estágios da sua provação. Alguns estão se tornando úteis à Sociedade e ao mundo em geral através do bom exemplo e da boa palavra. Se eles persistirem, será bom para eles e bom para todos nós: as chances são ameaçadoramente contrárias a eles; mas ainda assim “não há Impossibilidade para aquele que QUER”. As dificuldades no chelado nunca serão menores enquanto a natureza humana não mudar e um novo tipo de ser humano não surgir. São Paulo (Rom. VII, 18-19) poderia estar pensando em um chela quando disse: “Querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo. Com efeito, não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero”. E no sábio “Kiratarjuniya” [4], de Bharavi, está escrito:

“Os inimigos que se erguem dentro do corpo,
Difíceis de derrotar – as más paixões –
Devem ser vigorosamente combatidos; *quem os derrota*
É igual àquele que conquista mundos inteiros” (XI, 32).

[Suplemento de “The Theosophist”, julho de 1883]

NOTAS:

[1] Robert Fludd, místico inglês do século XVI, médico e Rosa-Cruz, que viajou pela Europa e tinha uma visão panteísta do mundo. (NT)

[2] I Coríntios 10:12. (NT)

[3] Mateus 23: 27-28. (NT)

[4] “Kiratarjuniya” – poema que descreve o combate entre Shiva, disfarçado de um Kirata ou habitante das florestas e das montanhas a leste do Hindustão, e o príncipe Arjuna. (NT)

OS CHELAS SÃO "MÉDIUNS"?

O texto que se segue foi traduzido pelo website www.FilosofiaEsoterica.com a partir de Theosophical Articles, de Helena P. Blavatsky, Volume 1. pp. 295-298. Consta do Volume VI dos *Collected Writings*, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, 2ª ed., 1975, 481 pp., ver pp. 223-227. O artigo foi publicado originalmente na Índia sob o título "Are Chelas 'Mediums'?", em *The Theosophist*, de Junho de 1884.

De acordo com a última edição do *Imperial Dictionary*, de John Ogilvie, um médium *“é uma pessoa através da qual se diz que a ação de outro ser é manifestada e transmitida por magnetismo animal, ou uma pessoa através da qual alega-se que são feitas manifestações espirituais, e especialmente alguém de quem se afirma ser capaz de manter contato com os espíritos dos mortos”*.

Como os ocultistas não acreditam em qualquer comunicação com os “espíritos dos mortos” no sentido comum do termo, pela simples razão de que sabem que os *espíritos* dos “mortos” não podem vir e não vêm comunicar-se conosco – e já que a expressão acima “por magnetismo animal” provavelmente teria sido modificada, se o editor do *Imperial Dictionary* fosse ocultista, nós, por esse motivo, só nos ocupamos da primeira parte da definição da palavra “médium”, que afirma: *“é uma pessoa através da qual se diz que a ação de outro ser é manifestada e transmitida”*; e gostaríamos de acrescentar: *“Pela vontade ativa daquele outro ser, seja consciente ou inconscientemente.”*

Seria extremamente difícil encontrar um ser humano na terra que não pudesse ser mais ou menos influenciado pelo “magnetismo animal” ou pela *Vontade* ativa (que envia aquele “magnetismo”) de outra pessoa. Se o general admirado cavalga no *front* da batalha, todos os soldados se tornam seus “médiuns”. Eles ficam cheios de entusiasmo, seguem-no sem medo e atacam a mortal artilharia inimiga. Um impulso comum permeia todos eles; cada um se torna “médium” de outro, o covarde fica cheio de heroísmo, e só quem não é *médium de modo algum* e portanto é insensível a influências morais epidêmicas ou endêmicas abrirá uma exceção, afirmará sua independência e fugirá.

O “pregador da fé” se erguerá em seu púlpito e, ainda que diga o absurdo mais incongruente, seus gestos e o tom de lamentação da sua voz serão suficientemente impressionantes para produzir uma “mudança no coração” pelo menos da parte feminina da sua congregação, e se ele for um homem poderoso, até os “céticos que vieram para rir-se ficarão para rezar”. As pessoas vão ao teatro e derramam lágrimas ou “rebentam” de

tanto rir, de acordo com o caráter do espetáculo; uma apresentação de mímica, uma tragédia ou comédia. Não há nenhum homem, exceto um autêntico débil mental, cujas emoções e consequentemente cujas ações não sejam influenciadas de um ou de outro modo, e assim *a ação de outro é manifestada ou transmitida através dele*. Todos os homens, mulheres e crianças são, portanto, médiuns, e uma pessoa que não seja médium é um monstro, um aborto da natureza; porque está fora do âmbito da humanidade.

Assim, dificilmente a definição acima pode ser considerada suficiente para expressar o significado da palavra “médium” no uso popular do termo, a menos que acrescentemos algumas palavras, dizendo: “Um médium é uma pessoa através da qual se diz que é manifestada e transmitida a ação de outro serem *uma proporção anormal* pela vontade ativa daquele outro ser, seja consciente ou inconscientemente.” Isso reduz o número de “médiuns” no mundo a uma quantidade proporcional ao espaço ao redor do qual traçamos o limite entre o normal e o anormal, e será tão difícil determinar quem é e quem não é um médium como dizer onde termina a sanidade e começa a insanidade. Todo homem tem suas pequenas “fraquezas”, e todo homem tem sua pequena “mediunidade”; isto é, algum ponto vulnerável, pelo qual pode ser pego de surpresa. No primeiro caso, ele não pode ser considerado realmente insano; e no segundo, não pode ser chamado de “médium”. As opiniões frequentemente diferem em relação a saber se um homem está insano ou não, e elas também diferem quanto à sua mediunidade. Na vida prática um homem pode ser bastante excêntrico sem ser considerado insano, até que sua insanidade chegue a um grau em que ele já não sabe o que está fazendo e é, portanto, incapaz de cuidar de si mesmo ou dos seus assuntos.

Podemos aplicar a mesma linha de raciocínio aos médiuns, e dizer que só serão considerados médiuns aqueles que permitem que outros seres os influenciem da maneira descrita acima *com uma intensidade tal que eles perdem o seu autocontrole* e não têm mais poder ou vontade próprios para regular suas próprias ações. Esta renúncia ao autocontrole pode ser ativa ou passiva, consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária, e difere conforme a natureza dos seres que exercem a mencionada influência ativa sobre o médium. Uma pessoa pode submeter consciente e voluntariamente sua vontade a outro ser e tornar-se seu escravo. Este outro ser pode ser humano, e o médium então será seu servidor obediente, e pode ser usado por ele com objetivos bons ou maus. Este outro “ser” pode ser uma ideia, como amor, ganância, ciúme, avareza ou alguma outra paixão, e o efeito sobre o médium será proporcional à força da ideia e à quantidade de autocontrole que permanece com o médium. Este “outro ser” pode ser um elementar ou um Elemental [1], e o pobre médium pode tornar-se epilético, maníaco ou criminoso. Este “outro ser” pode ser o princípio superior do próprio homem [2], esteja ele sozinho ou colocado em contato com outro raio do princípio universal e espiritual coletivo, e o médium será então um grande gênio, um escritor, um poeta, um artista, um músico, um inventor e assim por diante. Este “outro ser” pode ser um daqueles seres sublimes conhecidos como Mahatmas, e o médium consciente e voluntário será, então, qualificado como seu “Chela”.

Além disso, uma pessoa pode nunca ter ouvido em sua vida a palavra “médium” e ainda assim ser um forte médium, embora seja completamente inconsciente do fato. Suas ações podem ser influenciadas de modo mais ou menos inconsciente pelo seu ambiente

externo visível ou invisível. Pode tornar-se vítima de Elementares e Elementais, mesmo sem saber o significado destas palavras, e consequentemente pode tornar-se um ladrão, um assassino, um estuprador, um bêbado ou degolador, e tem sido comprovado que frequentemente os crimes se tornam epidêmicos; e também ele pode ser levado por certas influências invisíveis a fazer ações que não são de modo algum coerentes com o seu caráter tal como ele era conhecido previamente. Ele pode ser um grande mentiroso e, em determinada situação, devido a alguma influência invisível, ser levado a falar a verdade; pode ser normalmente muito temeroso e no entanto, em alguma grande ocasião, no calor do momento, cometer um ato de heroísmo; pode ser um ladrão e vagabundo que anda pelas ruas e subitamente fazer uma ação generosa, etc.

Ainda mais: um médium pode conhecer a fonte de onde vem a influência, ou, em termos mais explícitos, *a natureza do ser cuja ação é transmitida através dele*, ou ele pode não saber disso. Ele pode estar sob a influência do seu próprio sétimo princípio e imaginar que está em contato com um Jesus Cristo pessoal, ou um santo; pode estar em contato com o raio “intelectual” de Shakespeare e escrever poesia shakespeariana, e ao mesmo tempo imaginar que o espírito pessoal de Shakespeare está escrevendo através dele, e o simples fato de ele acreditar nisso ou naquilo não tornará sua poesia melhor ou pior. Ele pode estar influenciado por algum Adepto no sentido de escrever uma grande obra científica e ignorar completamente a fonte da sua inspiração, ou talvez imaginar que foi o “espírito” de Faraday ou de Lorde Bacon [3] que estava escrevendo através dele, enquanto na verdade estava atuando todo o tempo como um “chela”, embora ignorasse o fato.

De tudo isso se conclui que o exercício da mediunidade consiste na renúncia mais ou menos completa do autocontrole, e a natureza boa ou má deste exercício depende inteiramente do uso que é feito dele e do propósito com o qual ele é realizado. Isso, por sua vez, depende do grau de conhecimento que a pessoa mediúnica possui em relação à natureza do ser sob cujos cuidados ela deixa, voluntária ou involuntariamente, durante algum tempo, a guarda das suas funções físicas ou intelectuais. A pessoa que confia indiscriminadamente estas funções à influência de qualquer força desconhecida é indubitavelmente “excêntrica”, e não pode ser considerada menos insana que alguém que confie seu dinheiro e suas propriedades ao primeiro estranho ou vagabundo que lhe peça isso. De vez em quando encontramos tais pessoas, embora elas sejam relativamente raras; e elas são normalmente conhecidas pelo seu olhar fixo idiota e pelo fanatismo com que se apegam a sua ignorância. Ao invés de acusá-las, devemos sentir piedade por estas pessoas, e se isto for possível elas devem ser esclarecidas em relação ao perigo que estão correndo. Mas convém deixar que o leitor – depois de considerar adequadamente o que foi dito acima – decida por si mesmo a questão sobre se um chela, que empresta consciente e voluntariamente, durante certo tempo, suas funções mentais a um ser superior que ele conhece, e em cuja pureza de motivações, honestidade de propósito, inteligência, sabedoria e poder ele tem total confiança, pode ser considerado um “médium” no sentido vulgar do termo.

NOTAS:

[1] Os **elementares** – “elementaries” – são as “casacas” ou “almas” de pessoas mortas que tiveram vida perversa e maldosa, e que por isso perderam contato com seus níveis superiores de consciência. Os **elementais** – “elementals” – são os espíritos da natureza, desenvolvidos nos seus diversos elementos, terra, água, ar e fogo. De acordo com os cabalistas, são os gnomos (da terra), as ondinas (da água), os silfos (do ar), e as salamandras (do fogo). A definição de **HPB** sobre elementais, no entanto, é muito mais ampla e leva em conta suas inúmeras variedades: “Eles são centros de força ou energia sobre os quais nós atuamos ao pensar e através de outras movimentações corporais”, diz ela em *Collected Writings* (TPH, Adyar, Índia, volume X, p. 104). Ela diz ainda (mesmo volume, p. 105): “O mundo elemental interpenetra o nosso, e está portanto eternamente presente no sistema humano.” (NT)

[2] Eu superior: Atma, ou Atma-Budhi. (NT)

[3] **Michael Faraday** (1791-1867) foi um físico e químico inglês que descobriu a indução eletromagnética e formulou as bases da teoria moderna sobre campo magnético. Faraday se qualificava como um ‘filósofo da natureza’. **Francis Bacon** (1561-1626), já mencionado acima, foi chanceler da Inglaterra, filósofo e criador do método científico moderno e experimental. Bacon foi um dos grandes pensadores e formuladores da transição da cultura medieval para a cultura moderna. (NT)

COMO ALCANÇAR O AUTO-CONHECIMENTO

O fragmento abaixo foi traduzido pelo website *www.FilosofiaEsoterica.com* a partir dos *Collected Writings of H. P. Blavatsky*, Volume VIII, p. 108.

A primeira condição necessária para obter autoconhecimento é tornar-se profundamente consciente da ignorância; sentir com cada fibra do seu coração que se é incessantemente autoiludido.

O segundo requisito é uma convicção ainda mais profunda de que tal conhecimento – um conhecimento intuitivo e seguro – pode ser obtido por esforço próprio.

A terceira condição, a mais importante, é uma determinação indômita de obter e enfrentar aquele conhecimento.

Este tipo de autoconhecimento é inatingível pelo que as pessoas normalmente chamam de “autoanálise”. Ele não pode ser alcançado pelo raciocínio ou por qualquer processo cerebral, porque ele é o despertar consciente da natureza divina do homem.

Obter esse conhecimento é uma realização maior do que dominar os elementos da natureza ou conhecer o futuro.

AS BENÇÃOS DA PUBLICIDADE E OS PERIGOS DE UM CONHECIMENTO SEM ÉTICA

O texto seguinte foi publicado pela primeira vez em Agosto de 1891. com o título original "The Blessings of Publicity". Foi traduzido pelo website www.FilosofiaEsoterica.com a partir da coletânea *Theosophical Articles*, Volume II, pp. 393-396. Está incluído no Volume XIII dos *Collected Writings*, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, 1982, 465 pp., ver pp. 215-219.

Neste texto extraordinário, a fundadora do movimento esotérico moderno mostra por que razão certas formas de conhecimento místico não podem cair nas mãos erradas e não devem, portanto, ser amplamente divulgadas. Para demonstrar a necessidade de uma tradição esotérica autêntica, que fique de fora das epidemias de irresponsabilidade ética, H.P.B, exemplifica com a falta de ética da ciência convencional. O texto também antecipa a ameaça do terrorismo e o perigo de proliferação nuclear que o mundo está enfrentando nesta primeira parte do século 21.

Um orador público bem conhecido, notável egiptólogo, disse algumas palavras sugestivas em uma das suas palestras contrárias ao ensinamento teosófico. Elas são reproduzidas a seguir, e devem ser respondidas:

“É uma ilusão supor que haja alguma coisa, na experiência ou na sabedoria do passado, cujos resultados comprovados só possam ser comunicados sob o manto e a máscara do mistério.... A explicação é a Alma da Ciência. Eles dirão que não podemos obter *o conhecimento deles sem viver a vida que eles vivem*..... A pesquisa pública e experimental, a publicação impressa e uma plataforma de livre pensamento, aboliram a necessidade de mistério. Já não é necessário para a ciência vestir o véu que ela era forçada a usar, por segurança, no passado”. Etc.

Esta visão tem um aspecto bastante equivocado. Os “segredos de uma vida mais pura e mais profunda” não só *podem*, mas *devem* tornar-se universalmente reconhecidos. Mas *há segredos que matam*, nos arcanos do Ocultismo; e a menos que um homem *viva a vida corretamente* [1] ele não pode ser autorizado a conhecê-los.

O professor Faraday tinha sérias dúvidas sobre se seria sábio e adequado divulgar ao público em geral certas descobertas da ciência moderna. A Química havia levado em nosso século à descoberta de meios de destruição tão terríveis que não se poderia permitir que caíssem em mãos profanas. Diante de tantas aplicações malignas da dinamite e de outras substâncias explosivas que são promovidas por estas encarnações do Poder Destrutivo que gostam de chamar a si mesmas de Anarquistas e Socialistas – dificilmente um homem de bom senso não se somaria a nós para dizer: “Teria sido muito melhor para a humanidade que nunca se tivesse explodido uma rocha por meios modernos e aperfeiçoados, se com isso se evitasse a destruição da vida mesmo de um por cento dos que foram atingidos desta maneira pela mão impiedosa de niilistas russos, revolucionários irlandeses e anarquistas.”

O fato de que tais descobertas, e principalmente a sua aplicação para fins de assassinato, deveriam ter sido mantidas longe do conhecimento público, pode ser demonstrado com base na autoridade das estatísticas e das comissões nomeadas para investigar e registrar o mal que foi feito. As informações seguintes, reunidas a partir de jornais, permitirão compreender o que talvez aguarde no futuro a infeliz humanidade.

Só a Inglaterra – o centro da civilização – tem 21.268 firmas fabricando e vendendo substâncias explosivas. [2] Mas os centros do comércio de dinamite, de máquinas infernais e outros resultados semelhantes da moderna civilização são, principalmente, a Filadélfia e Nova Iorque. É na antiga cidade do “Amor Fraterno” que prospera agora o mais famoso fabricante de explosivos. E é um dos bem conhecidos e respeitáveis cidadãos que inventou e fabrica os “brinquedos de dinamite” mais mortais. Chamado a depor diante do Senado dos Estados Unidos, que estava ansioso por adotar meios para impedir um *comércio demasiado livre* de tais instrumentos, ele usou de uma argumentação que deveria ficar imortalizada devido ao cinismo dos seus sofismas:

“Minhas máquinas”, disse o especialista segundo as notícias, “são completamente *inofensivas* quando olhamos para elas; e elas podem ser produzidas na forma de laranjas, chapéus, barcos e qualquer coisa que se deseje..... Criminoso é aquele que mata pessoas por meio de tais máquinas, e não quem as fabrica. A firma se recusa a admitir que se não houvesse oferta não haveria incentivo para a demanda no mercado; mas insiste em que toda demanda deve ser atendida por uma pronta oferta.”

Esta “oferta” é um fruto da civilização e da publicidade que rodeia a descoberta de cada propriedade violenta da matéria. Do que se trata? Segundo afirma o Relatório da Comissão nomeada para investigar a variedade e o caráter das chamadas “máquinas infernais”, até o momento os seguintes implementos para a destruição instantânea de seres humanos já estão disponíveis. As que estão mais na moda, entre todas as variedades fabricadas pelo sr. Holgate, são a “Tiquetaque” [3], a “Máquina dos Oito Dias”, a “Pequena Exterminadora”, e a “Máquina da Garrafa”. A “Tiquetaque” parece um pedaço de chumbo, com 30 centímetros de comprimento e quatro polegadas de espessura. Ela contém um ferro ou um tubo de aço, cheio de uma espécie de pólvora inventada pelo próprio Holgate. Esta pólvora é aparentemente igual a qualquer outra substância classificada sob o mesmo nome, mas tem um poder explosivo duzentas vezes maior que a pólvora comum. Assim, a “Tiquetaque” contém uma pólvora equivalente a cerca de 100 quilos de pólvora comum. Numa extremidade do mecanismo há uma espécie de relógio sem mostrador, cujo objetivo

é regular o tempo da explosão. O tempo pode ser regulado para qualquer momento desde um minuto até 36 horas. A faísca é produzida por meio de uma agulha de aço que dá um golpe em um ouvido de arma-de-fogo, e dali o fogo se transmite para toda a máquina.

A “Máquina dos Oito Dias” é considerada a mais poderosa, mas também a mais complicada de todas que já foram inventadas. É preciso estar bem familiarizado com o seu manejo para que um completo êxito seja possível. Graças a esta dificuldade, o destino terrível que havia sido planejado para a Ponte de Londres foi evitado devido à morte instantânea de dois criminosos, revolucionários irlandeses. O tamanho e a aparência desta máquina muda como Proteu [4], conforme a necessidade de transportá-la clandestinamente, de uma ou de outra forma, sem que as vítimas percebam. Ela pode estar oculta em um pão, em uma cesta de laranjas, em um líquido, etc. A Comissão de Especialistas declarou – segundo as informações disponíveis – que o seu poder explosivo é tamanho que poderia reduzir a átomos, instantaneamente, o maior edifício do mundo.

A “Pequena Exterminadora” é um utensílio de aparência simples e inocente, com a forma de uma modesta jarra. Ela não contém dinamite nem pólvora, mas ela emite um gás mortal, e tem um relógio quase imperceptível anexado à sua extremidade, cujo ponteiro aponta para o momento em que o gás será liberado. Em um salão fechado, este novo “vril” [5] de espécie letal irá *acalmar até a morte, quase instantaneamente*, qualquer ser vivo situado a uma distância de 30 metros, o raio da jarra assassina. Com estas três “últimas novidades” no período de auge da civilização Cristã, o catálogo dos dinamitadores se fecha; todo o resto pertence aos velhos “costumes” de anos anteriores. São os chapéus, os *portacharutos*, as garrafas de aparência comum, e mesmo *garrafas de sais aromáticos de senhoras*, cheios de dinamite, nitroglicerina, etc., etc. Num cumprimento inconsciente da lei cármica, algumas destas armas mataram muitos dos dinamitadores na última *revolução* de Chicago. Acrescente a isso a próxima energia vibratória de Keely [6], prometida há muito tempo, capaz de reduzir um boi morto a uma pilha de cinzas em alguns segundos, e pergunte a si mesmo se o *Inferno* de Dante é uma localidade que poderia rivalizar com a Terra na produção dos mecanismos mais infernais de destruição!

Assim, se implementos puramente materiais são capazes de explodir, desde algumas esquinas, as maiores cidades do mundo – desde que as armas assassinas sejam guiadas por mãos hábeis – que perigos terríveis não poderiam surgir, se segredos mágicos e *ocultos* fossem revelados, e se fosse permitido que eles chegassem às mãos de pessoas mal-intencionadas! Tais segredos são mil vezes mais perigosos e letais, porque nem a mão criminosa, nem a máquina *imaterial* e invisível usada, podem ser detectadas.

Os magos *negros* congênitos – aqueles que, além de uma inclinação inata para a maldade, possuem uma natureza mediúnica altamente desenvolvida – são muito numerosos na época atual. Já é hora, portanto, de que os psicólogos e os crentes, pelo menos, cessem de proclamar as vantagens da publicidade, e de exigir que o conhecimento dos segredos da natureza seja dado a todos. Não é em nossa era atual, de “sugestão” [7] e de “explosivos”, que o Ocultismo pode abrir de par em par as portas dos seus laboratórios, exceto para aqueles que *realmente* vivem de modo correto.

NOTAS:

[1] “Viver a vida corretamente”. No original, “live the life” é uma expressão idiomática. Significa viver corretamente, viver a vida mística, a vida ética, a vida teosófica. (NT)

[2] **Nota de Helena Blavatsky:** A nitroglicerina já faz parte de compostos medicinais. Médicos e farmacêuticos estão competindo com os anarquistas para ver quem melhor destrói o excesso de população humana. Diz-se que os famosos comprimidos de chocolate contra dispepsia contêm nitroglicerina! Eles podem salvar, mas podem matar com mais facilidade.

[3] “Tiquetaque”. No original em inglês, “ticker”. (NT)

[4] “Proteu”. Na mitologia grega, Deus marinho, encarregado de cuidar dos rebanhos de foca do deus Poseidon. Como todas as divindades marinhas, pode assumir a forma que quiser. (NT)

[5] “Vril”. Energia invisível, presente na luz astral, de certo modo equivalente a alguns aspectos da energia nuclear, e que foi descrita com este termo por Edward Lytton em seu romance “The Coming Race” (“A Próxima Raça”). (NT)

[6] “Keely”. Trata-se de John Worrell Keely (1837-1898), que viveu na cidade de Filadélfia e construiu uma máquina para usar a energia da luz astral, ou etérica. Foi, portanto, um pioneiro do “vril” de Edward Lytton e da energia cujas instâncias mais grosseiras são hoje conhecidas como “energia atômica”. Keely é extensamente citado em “A Doutrina Secreta”, de H.P. Blavatsky. O teosofista holandês Theo Pajmans publicou em 1998 uma obra extensa e bem documentada sobre a vida e o trabalho deste pioneiro das pesquisas energéticas: “Free Energy Pioneer: John Worrell Keely”, IllumiNet Press, EUA, 472 pp. (NT)

[7] “Sugestão”. Escrevendo no século 19, HPB está em contato também com o futuro. Como se sabe, a propaganda eletrônica é hoje uma forma de sugestão psíquica, e tem elementos em comum com o hipnotismo. A propaganda comercial e seus processos de sugestão são decisivos para a economia consumista, assim como a propaganda política (inclusive subliminar) exerce influência fundamental nas decisões tomadas coletivamente nesta primeira parte do século 21. (NT)

A EXPLICAÇÃO DOS JEJUNS

Texto traduzido pelo website www.FilosofiaEsoterica.com a partir de Collected Writings, H. P. Blavatsky, Volume IV, pp. 296-297. Publicado originalmente em *The*

A *explicação* dos jejuns está na superfície. Se há uma coisa que paralisa mais que as outras o poder da vontade no homem e portanto prepara o caminho para a degradação física e moral, é a falta de moderação ao comer: "gula, o pior dos sete pecados capitais". Swedenborg, um clarividente nato, em seu "Stink of Intemperance" ("O Mau-Cheiro da Intemperança"), conta como os espíritos amigos seus reprovavam-no por um erro accidental que o levasse a comer em excesso.

A promoção de jejuns anda de braços dados com a promoção de festas. Quando é provocada uma tensão muito severa nas energias vitais ao exigir demasiado da máquina digestiva, o único e melhor remédio é deixar que o organismo descanse por algum tempo e se recupere o melhor possível. A terra exausta deve ficar sem lavoura até que possa abrigar um novo plantio. Os jejuns foram criados apenas para corrigir os males da comida em excesso. Esta verdade fica clara quando se considera o fato de que os budistas não promovem jejuns entre eles, mas são convidados a seguir pelo caminho do meio e portanto "jejuar" diariamente toda sua vida.

Um corpo sobrecarregado por excesso de comida, seja qual for sua variedade, é sempre presidido por um cérebro abobalhado, e a natureza cansada necessita do repouso do sono.

Também há uma vasta diferença entre a comida nitrogenada, tal como a carne, e a comida não-nitrogenada, tal como as frutas e os vegetais de folhas verdes. Alguns tipos de carne, como a carne de boi, e de vegetais, como os feijões, têm sido sempre proibidos aos estudantes de ocultismo; não porque alguns destes alimentos seja mais ou menos sagrado que os outros, mas porque embora sejam talvez altamente nutritivos e fortalecedores do corpo, o seu magnetismo tem um feito desvitalizante e que impede as funções do "homem psíquico".

TRÊS FRAGMENTOS TEOSÓFICOS SOBRE ALIMENTAÇÃO

1. De um Raja-logue dos Himalaias, a um discípulo leigo ocidental que morava na Índia:

"Você usa demasiado açúcar em sua comida. Quanto a frutas, pão, chá, café e leite, use-os tão livremente quanto quiser, mas nada de chocolate, gorduras ou massas, e só muito pouco açúcar. A fermentação produzida pelo açúcar, especialmente neste seu clima, é muito prejudicial."

(*Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett*, edição em dois volumes, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, Carta 72, Vol. I, p. 337)

2. De um Raja-logue dos Himalaias, a dois discípulos leigos ocidentais:

"E quanto mais açúcar refinado, maior a fermentação produzida no estômago e mais vermes. "

(*Idem*, Vol. II, p. 388)

3 De H. P. Blavatsky:

"De todas as dietas, o vegetarianismo é certamente a mais saudável, tanto por razões fisiológicas quanto por razões espirituais, e os habitantes da Índia deveriam atender o enfático apelo feito recentemente (...) e organizar sociedades 'vegetarianas', ao invés de participar no assassinato de animais inocentes. "

(*Collected Writings*, Volume IV, p. 299. Publicado inicialmente em *The Theosophist*, January 1883, p. 91

O PROGRESSO ESPIRITUAL

O artigo seguinte é uma tradução do artigo "Spiritual Progress" , publicado em *Theosophical Articles*, Helena P. Blavatsky Volume II, pp. 110-114, de onde foi traduzido. Consta dos *Collected Writings* de Helena Blavatsky, Volume VI, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, 2ª ed., 1975, 481 pp., ver pp. 331-337. Foi publicado originalmente em "The Theosophist", Índia, Maio de 1885. Tradução ao português, www.FilosofiaEsoterica.com.

O leitor deve levar em conta o fato de que a Sociedade Teosófica original, a que nele se refere Helena P. Blavatsky, deixou de existir durante a década de 1890. Pouco depois da morte de H.P.B. em 1891, aquela Sociedade dividiu-se em vários segmentos.

Devido, pois, à diversidade atual do movimento, sempre que o texto a seguir se refere a "Sociedade" ou a "Sociedade Teosófica", o leitor pode entender "movimento" ou "movimento teosófico".

Estas bem conhecidas linhas de Christina Rossetti:

"O caminho serpenteia montanha acima, o tempo todo?"

– *Sim, o tempo inteiro.*
– *E o trajeto de cada dia, toma o dia todo?*
– *Da manhã à noite, companheiro.” [1]*

– são como uma síntese da vida daqueles que estão realmente trilhando o caminho em direção às coisas mais elevadas. Sejam quais forem as diferenças que se possa descobrir entre as várias apresentações da Doutrina Secreta – porque em cada época ela veste uma roupagem nova e diferente da apresentação anterior, tanto na textura como nas nuances -, ainda assim em todas elas podemos encontrar total concordância em um ponto: o caminho para o desenvolvimento espiritual. Uma única regra inflexível tem sido sempre obrigatória para o iniciante, assim como é obrigatória agora; a *completa* dominação da natureza inferior por parte da natureza superior.

Desde os Vedas e os Upanixades até o volume “Luz no Caminho”, recentemente publicado, por mais que procuremos pelas bíblias de todas as raças e cultos, encontramos apenas um caminho – difícil, doloroso, incômodo – pelo qual os seres humanos podem obter a verdadeira percepção espiritual. E como poderia ser diferente, se todas as religiões e todas as filosofias são apenas variantes dos ensinamentos originais da Sabedoria Una, dados aos homens no começo do ciclo pelo Espírito Planetário?

No verdadeiro adepto, o homem desenvolvido, deve – conforme é ensinado sempre – transformar-se ele mesmo em Adepto. Ele não pode ser transformado em Adepto por outra pessoa. O processo é portanto um crescimento por evolução, e isso deve envolver necessariamente uma certa quantidade de sofrimento.

A principal causa do sofrimento está na nossa busca perpétua do permanente no impermanente, e nós não só buscamos, mas agimos como se já tivéssemos encontrado o imutável em um mundo cuja única característica certa e que podemos proclamar é a constante mudança; e sempre, no momento em que nós pensamos que conseguimos estabelecer a nossa base sobre algo permanente, a situação muda diante de nós, e o resultado é o sofrimento.

Assim, a ideia de crescimento implica também a ideia de ruptura. O ser interno deve continuamente irromper através da sua casca ou revestimento limitador, e tal irrupção também deve ser acompanhada de sofrimento, não físico, mas mental e intelectual.

E é assim que as coisas funcionam, ao longo das nossas vidas. O problema que surge diante de nós é sempre exatamente aquele que nós sentimos como o mais difícil entre todos os problemas possíveis – e é sempre a única coisa que sentimos que não podemos suportar. Se olharmos para o problema desde um ponto de vista mais amplo, veremos que estamos tentando romper nossa casca no seu único ponto vulnerável; que o nosso crescimento, para ser um crescimento real e não o resultado coletivo de uma série de excrescências, deve avançar no mesmo nível em todos os aspectos, assim como cresce o corpo de uma criança, não primeiro a cabeça e depois uma mão, seguida talvez por uma perna, mas em todas as direções ao mesmo tempo, de modo regular e imperceptível. A tendência humana é cultivar cada parte separadamente, deixando de lado enquanto isso as outras partes. Cada sofrimento intenso é causado pela expansão de alguma parte deixada

de lado, uma expansão que é tornada mais difícil pelos efeitos do estímulo colocado em outro lugar.

O mal é frequentemente o resultado de um excesso de ansiedade, e os seres humanos tentam sempre fazer coisas em excesso. Eles não aceitam deixar o bem em paz, fazendo apenas o que a situação exige e nada mais. Eles exageram cada ação e assim produzem carma que deve ser trabalhado em um renascimento futuro.

Uma das formas mais sutis deste mal é a esperança e o desejo de recompensa. Há muitos indivíduos que, embora frequentemente isso ocorra de modo inconsciente, estragam todos os seus esforços por alimentar esta ideia de recompensa, e por permitir que ela se torne um fator vivo em suas vidas, deixando assim a porta aberta para a ansiedade, a dúvida, o medo, o desânimo – o fracasso.

A meta do aspirante à sabedoria espiritual é ingressar em um plano mais elevado de existência. Ele deve tornar-se um novo ser humano, mais perfeito em todos os sentidos do que ele é atualmente, e se ele tiver êxito, suas capacidades e habilidades terão um aumento proporcional de variedade e potência, assim como no mundo visível nós vemos que cada estágio na escala evolutiva se caracteriza por um aumento de capacidade. É deste modo que o Adepto adquire poderes maravilhosos, que têm sido descritos com tanta frequência; mas o ponto principal a ser lembrado é que estes poderes são resultados naturais da existência em um plano mais elevado da evolução, assim como as capacidades e habilidades do ser humano comum são resultados naturais da existência no nível humano comum.

Muitas pessoas parecem pensar que o adeptado não é tanto o resultado de um desenvolvimento de raiz, mas sim uma construção por acréscimos. Elas parecem imaginar que um Adepto é um homem que, ao passar por um determinado processo de treinamento perfeitamente definido, que consiste da observação minuciosa de um conjunto de regras arbitrárias, adquire primeiro um poder e depois outro; e que, quando obteve um certo número destes poderes, ele é então promovido à condição de adepto. Com base nesta ideia equivocada, imaginam que a primeira coisa a ser feita, para alcançar o adeptado, é adquirir “poderes” – clarividência e o poder de sair do corpo físico e viajar a outros locais estão entre os que fascinam mais pessoas.

Não temos nada a dizer a aqueles que desejam adquirir poderes para sua vantagem pessoal. Eles estão sujeitos à mesma condenação de todos os que agem em busca de metas puramente egoístas. Mas há outros que, confundindo a causa com o efeito, pensam honestamente que adquirir poderes anormais é o único caminho para o desenvolvimento espiritual. Estes olham para a nossa Sociedade simplesmente como o meio mais fácil de obter conhecimento nesta direção, e considerando-a como uma espécie de academia oculta, uma instituição estabelecida para a instrução de candidatos a fazedores-de-milagres. Apesar de repetidos protestos e avisos, há algumas mentes em que esta noção parece fixada de modo irreversível, e elas expressam enfaticamente a sua decepção quando descobrem que aquilo que lhes havia sido dito antes é perfeitamente verdadeiro; que a Sociedade não foi fundada para ensinar nenhum caminho novo e fácil para a obtenção de “poderes”; e que a sua única missão é reacender a tocha da verdade, há muito tempo apagada para todos exceto alguns muito poucos, e manter aquela verdade viva através da

formação de uma união fraterna da humanidade, o único solo no qual a boa semente pode crescer. A Sociedade Teosófica realmente deseja promover o crescimento espiritual de todo indivíduo que estiver sob sua influência, mas os seus métodos são os dos antigos Rishis, e os seus princípios são os do mais antigo esoterismo. Ela não distribui panaceias patenteadas, compostas de remédios violentos que nenhum negociante honesto seria capaz de usar.

Em relação a isso, queremos advertir a todos os nossos membros e a outros que estão procurando conhecimento espiritual, para que tenham cuidado com pessoas que se ofereçam para ensinar-lhes métodos fáceis para adquirir dons psíquicos. Tais dons (*laudika*) são de fato relativamente fáceis de obter por meios artificiais, mas desaparecem assim que o estímulo nervoso se exaure. A clarividência e o adepto verdadeiros são acompanhados pelo desenvolvimento psíquico autêntico (*lokothra*); e, uma vez alcançados, nunca mais são perdidos.

Parece que várias sociedades surgiram desde a fundação da Sociedade Teosófica, tirando proveito do interesse que esta última despertou em relação à pesquisa psíquica, e elas têm tentado obter membros prometendo a eles uma fácil obtenção de poderes psíquicos. Na Índia, sabemos há muito tempo da existência de legiões de falsos ascetas de todos tipos, e pensamos que há perigos renovados deste tipo na Europa e na América do Norte. Apenas esperamos que nenhum dos nossos membros, deslumbrado por promessas brilhantes, deixe-se carregar por sonhadores autoiludidos, ou, talvez, por pessoas que agem mesmo com a intenção de enganar.

Para mostrar que nossos protestos e advertências são realmente necessários, podemos mencionar que recentemente vimos, anexados a uma carta de Benares, cópias de uma propaganda distribuída por um “Mahatma”. Ele diz que procura por “oito homens e mulheres que saibam bem inglês e alguma das línguas nativas da Índia”, e conclui dizendo: “aqueles que desejarem saber detalhes do trabalho e *do valor a pagar*” devem escrever para o seu endereço, com selos de correio incluídos! Sobre a nossa mesa há um exemplar de “O Divino Pymander”, publicado no ano passado na Inglaterra, contendo a notícia dirigida aos “*Teosofistas que podem estar decepcionados em suas expectativas de que a Sabedoria Sublime fosse transmitida livremente por MAHATMAS HINDUS*”, convidando-os cordialmente a mandarem os seus nomes ao Editor, e afirmando que este, “depois de um curto período de provação”, os admitirá em uma Fraternidade Oculta que “*lhes ensinará livremente e SEM RESERVAS tudo o que eles considerarem que vale a pena aprender.*” Estranhamente, encontramos no mesmo volume um trecho em que Hermes Trismegisto afirma:

“Nisto está o único caminho que leva à Verdade, o qual de fato foi trilhado pelos nossos ancestrais, e pelo qual eles puderam conquistar o que é Bom. Este caminho é belo e plano; no entanto, é difícil para a alma caminhar por ele enquanto ela estiver presa à prisão do corpo*Portanto, fique longe das multidões, de modo que através da ausência de conhecimento o vulgar possa ser mantido dentro dos seus limites, ainda que pelo medo do desconhecido.*”

É verdade que alguns teosofistas têm ficado profundamente decepcionados (por culpa apenas deles próprios) com o fato de que não oferecemos um atalho fácil para a Yoga

Vidya, e há outros que procuram por trabalho prático. E há algo muito significativo: aqueles que menos ajudam a Sociedade são os que mais encontram defeitos. Mas por que estas pessoas, e todos os nossos membros que podem fazê-lo, não se dedicam a um sério estudo de mesmerismo? O mesmerismo tem sido qualificado como a Chave das Ciências Ocultas [2], e ele tem a vantagem de que ele oferece oportunidades muito específicas de fazer o bem à humanidade. Se em cada uma das nossas lojas nós fôssemos capazes de estabelecer um dispensário homeopático [3], com o acréscimo de curas mesméricas tais como as que já foram feitas com grande sucesso em Bombaim [4], nós poderíamos contribuir para que a ciência neste país seja colocada sobre uma base mais saudável, e se torne um instrumento de valor incalculável para beneficiar o povo em geral.

Há diversas lojas teosóficas, além da loja de Bombaim, que têm feito um bom trabalho nesta direção, mas há espaço para que muitas outras coisas sejam feitas além do que já foi tentado até o momento. A mesma situação existe em outras áreas do trabalho da Sociedade. Seria bom que os membros de cada loja pudessem juntar seus pensamentos e investigar seriamente que passos concretos ele podem tomar para adiantar o trabalho em função dos três objetivos declarados da Sociedade. Demasiado frequentemente, os membros da Sociedade Teosófica se contentam com uma leitura um tanto superficial dos seus livros, sem fazer qualquer contribuição real para o seu trabalho. Se a Sociedade quiser ser uma força benéfica neste país e em outras terras, ela terá de obter a cooperação ativa de cada um dos seus membros, e nós gostaríamos de fazer um sério apelo a todos eles para que avaliem cuidadosamente as possibilidades de trabalho que estão ao seu alcance, e depois *se dedique com seriedade a transformá-las em realidade*. O pensamento correto é bom, mas o pensamento sozinho não significa muito, e é necessário que ele se traduza em ação. Não há um só membro na Sociedade que não seja capaz de *fazer alguma coisa* para ajudar a causa da verdade e da fraternidade universal. Transformar aquela *alguma coisa* em um fato concreto depende apenas da sua própria vontade.

Sobretudo, gostaríamos de reiterar que a Sociedade não é um berçário de adeptos incipientes [5]. Não podem ser providenciados professores para estar à disposição e dar instrução às várias lojas sobre os diferentes assuntos que fazem parte do trabalho de investigação da Sociedade. As lojas devem estudar por si mesmas, os livros devem ser obtidos e o conhecimento deles deve ser aplicado na prática pelos vários membros. Deste modo serão desenvolvidos a autoconfiança e os poderes de raciocínio. Nós enfatizamos fortemente este ponto, porque chegaram até nós pedidos no sentido de que qualquer palestrante enviado às lojas deveria ter domínio prático sobre temas como psicologia experimental e clarividência (isto é, saber olhar em espelhos mágicos e ler o futuro, etc., etc.). Mas nós pensamos que tais experimentos só terão algum valor para o indivíduo e só o ajudarão a progredir em seu caminho “morro acima” se surgirem entre os próprios membros, e portanto recomendamos encarecidamente aos nossos membros que tentem por si mesmos.

NOTAS:

[1] Estes versos são citados por um Mestre de Sabedoria em uma carta de 1882. Veja “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, volume I, Carta 42, p. 193. (NT)

[2] “Ciência Oculta”, em teosofia, é a ciência que estuda os aspectos essenciais do universo, que são ocultos aos cinco sentidos. Ciência Oculta nada tem a ver com “despertar de poderes” no sentido comum, e é inseparável do altruísmo e do compromisso individual com a felicidade de todos os seres. (NT)

[3] Dispensário: estabelecimento beneficente em que se trata gratuitamente de enfermos. (NT)

[4] Atualmente, esta cidade indiana se chama Mumbai. (NT)

[5] Adeptos – em teosofia, adeptos são seres proficientes em sabedoria divina, altos iniciados. (NT)

O NATAL DE ONTEM E O NATAL DE HOJE

Incisivo em sua crítica ao ritualismo vazio e na defesa da verdadeira compaixão universal. o texto a seguir constitui um clássico da literatura teosófica.

Cada vez mais atual no século 21, o artigo foi escrito para a edição de Dezembro de 1879 da revista indiana *The Theosophist*, e por esse motivo a Senhora Blavatsky se refere, no primeiro parágrafo, a "nossos assinantes ocidentais". O texto integra o Volume II dos *Collected Writings*; ver pp. 162-168; mas foi traduzido de *Theosophical Articles*, H. P. Blavatsky, Volume I, pp. 58-62. Título original do artigo: "Christmas Then and Christmas Now". Tradução ao português, www.FilosofiaEsoterica.com.

Estamos atingindo aquela época do ano em que todo o mundo cristão se prepara para celebrar a mais notável das suas solenidades - o nascimento do Fundador da sua religião. Quando este texto chegar aos nossos assinantes ocidentais haverá festividades e alegria em todas as casas. No Noroeste da Europa e na América do Norte haverá azevinho e heras decorando cada casa, e as igrejas estarão enfeitadas com sempre-vivas; um costume que vem das práticas antigas dos Druidas, “para que os espíritos silvestres possam congregar-se nas sempre-vivas, e permanecer ao abrigo da geada até que haja menos frio”. Nos países católicos, grandes multidões convergem para as igrejas durante a noite da

“véspera de Natal”, para saudar imagens de cera da divina Criança, e de sua mãe Virgem, em sua vestimenta de “Mãe Celestial”.

Para uma mente analítica, esta exuberância de rico ouro e de rendas, de cetim e veludo enfeitados com pérolas, e o berço coberto de joias, parecem de fato paradoxais. Quando pensamos na manjedoura pobre, velha e suja da estalagem judaica na qual, se devemos acreditar no Evangelho, o futuro “salvador” foi colocado ao nascer por falta de um abrigo melhor, não podemos deixar de suspeitar que, diante do olhar deslumbrado do devoto ingênuo, o estábulo de Belém desaparece completamente. Para dizê-lo de modo mais suave, esta pomposa exibição não combina muito bem com os sentimentos democráticos e com o desprezo verdadeiramente divino por riquezas materiais, que o “Filho do Homem” sentia - ele que não tinha “onde descansar sua cabeça”.

Isso só torna mais difícil para o cristão comum compreender a afirmação explícita de que “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um homem rico entrar no reino dos céus” -; a menos que a frase seja vista como uma ameaça puramente retórica e sem valor real. A Igreja romana agiu com inteligência ao proibir severamente os membros das suas paróquias de ler ou interpretar os Evangelhos por si mesmos, e ao deixar, enquanto isso foi possível, que o Livro proclamasse as suas verdades em Latim - “a voz que prega no deserto”. Nisso, a igreja apenas seguiu a sabedoria das idades - a sabedoria dos antigos arianos, que também é “justificada pelos seus filhos”; porque, assim como o devoto moderno do hinduísmo não entende uma palavra de sânscrito, nem o parsi uma sílaba do Zend, assim também para o católico comum não há diferença alguma entre um texto em Latim e os símbolos hieroglíficos do Egito antigo. O resultado é que todos os três - o Alto Sacerdote Hindu, o Mobed zoroastrista e o Pontífice Católico Romano, obtêm oportunidades ilimitadas para produzir novas doutrinas religiosas a partir das suas próprias fantasias, para benefício das suas respectivas igrejas.

Para dar as boas-vindas a este grande dia, os sinos são tocados em sinal de felicidade à meia-noite por toda Inglaterra e pelo continente. Na França e na Itália, depois da celebração da missa em igrejas magnificamente decoradas, “é costume que os participantes tenham acesso a uma recepção (*reveillon*), para que possam enfrentar melhor o cansaço da noite”, afirma um livro sobre os cerimoniais da igreja papal. Esta noite de jejum cristão nos lembra do *Sivaratree* dos seguidores do deus Shiva - o grande dia de tristeza e jejum, no décimo-primeiro mês do ano hindu. A diferença é que entre os seguidores de Shiva a longa vigília noturna é precedida e seguida de um jejum estrito e rígido. Não há *reveillons* ou soluções de meio-termo entre eles.

Embora seja agora universalmente celebrado pelas nações cristãs como o aniversário de nascimento de Jesus, o dia 25 de dezembro não era aceito como tal, inicialmente. O Natal, a mais móvel das datas de celebrações cristãs, era frequentemente confundido com a Epifania e celebrado nos meses de abril e maio. Como nunca houve qualquer registro ou prova autêntica de sua identificação, seja em história secular ou eclesiástica, a seleção daquele dia permaneceu sendo opcional por longo tempo, e foi só no século IV que, estimulado por Cyril de Jerusalém, o papa (Julio I) ordenou aos bispos que fizessem uma

investigação e chegassem finalmente a *algum* acordo quanto à data *presumível* do nascimento de Cristo. A escolha deles recaiu sobre 25 de dezembro -, e desde então tem sido comprovado que a escolha foi muito infeliz! Foi Dupuis, seguido por Volney, que desferiu os primeiros tiros contra esta data. Eles comprovaram, com dados astronômicos muito claros, que durante períodos incalculáveis antes da era cristã quase todos os povos antigos tinham celebrado o nascimento dos seus Deuses do Sol exatamente nesta data.

“Dupuis mostra que o signo celeste da VIRGEM E A CRIANÇA já existia vários milhares de anos antes de Cristo” - escreve Higgins em sua obra *Anacalypsis*. Já que Dupuis, Volney e Higgins foram considerados pela posteridade como infiéis e inimigos da Cristandade, parece ser correto citar, nesta questão, as confissões do bispo cristão de Ratisbone, “o homem mais sábio que a idade média produziu”, o dominicano Albertus Magnus. “O signo da Virgem celestial se eleva acima do horizonte no momento *que nós fixamos como o do nascimento do Senhor Jesus Cristo*”, diz ele, em “Recherches historiques sur Falaise, par Langevin prêtre”. Assim, Adônis, Baco, Osíris, Apolo, etc., todos nasceram em 25 de dezembro. O Natal ocorre exatamente no momento do solstício de inverno (no hemisfério norte); os dias são então mais curtos, e a Escuridão está mais presente que nunca na face da terra. Todos os deuses solares nascem anualmente naquela época; porque a partir daquele momento a sua Luz afasta cada vez mais a escuridão, a cada novo dia, e o poder do *Sol* começa a aumentar.

Seja como for, as festividades de Natal que foram celebradas pelos cristãos durante quase 15 séculos tiveram um caráter particularmente pagão. E isso não é tudo: mesmo as atuais cerimônias da igreja dificilmente podem escapar do fato de que foram copiadas quase literalmente dos mistérios do Egito e da Grécia, celebrados em homenagem a Osíris e Horus, Apolo e Baco. Tanto Ísis como Ceres eram chamadas de “Virgens Sagradas”, e um BEBÊ DIVINO pode ser encontrado em cada religião “pagã”. Vamos agora traçar dois retratos do Feliz Natal. Um descreve os “bons e velhos tempos”. O outro descreve o estado atual da adoração cristã.

Desde os primeiros dias do seu estabelecimento como Natal, o dia foi visto ao mesmo tempo como uma comemoração sagrada e uma festividade da maior alegria: ela era dedicada igualmente à devoção e à diversão desregrada. “Entre as festanças da temporada de Natal estavam as chamadas festas de tolos e asnos, as saturnálias grotescas que eram chamadas de ‘liberdades de dezembro’, nas quais tudo o que fosse sério era parodiado, a ordem da sociedade era revertida, e o seu sentido de decência ridicularizado” - diz um compilador de crônicas antigas. “Durante a idade média, isso era celebrado através do espetáculo alegre e fantástico dos mistérios dramáticos, realizado por personagens em máscaras grotescas e roupas extravagantes. O show normalmente representava uma criança em um berço, rodeada pela Virgem Maria e por São José, por cabeças de touros, querubins, por Magos do Oriente (os *Mobed* de antigamente), e múltiplos ornamentos.” O costume de entoar cânticos durante o Natal, chamados de Hinos de Natal, visava relembrar as canções dos pastores na Natividade. “Os bispos e o clero frequentemente se juntavam à população em tais cânticos, e as canções eram acompanhadas por danças e pela música de

tambores, guitarras, violinos e órgãos....” Podemos acrescentar que até os tempos atuais, durante os dias que antecedem o Natal, tais mistérios estão sendo encenados, com bonecos e marionetes, no sul da Rússia, na Polônia e na Galícia; e são conhecidos como *Kalidowki*. Na Itália, menestrelis da Calábria descem das suas montanhas até Nápoles e Roma, e lotam as capelas da Virgem-Mãe, homenageando-a com sua música animada.

Na Inglaterra, os festejos costumavam começar na véspera de Natal e iam frequentemente até a Candelária (2 de fevereiro), sendo que todos os dias eram dias santos até a décima-segunda noite (6 de janeiro). Nas casas de grandes nobres era nomeado um “senhor do desregramento” ou “abade da não-razão”, cujo dever era cumprir o papel de palhaço. “A despensa ficava cheia de frangos, galinhas, perus, gansos, patos, carne bovina, carne de carneiro, carne de porco, tortas, pudins, nozes, ameixas, açúcar e mel.” “Um fogo brilhante, feito de pedaços grandes de lenha, o principal dos quais era chamado de ‘lenha de Natal’ e era capaz de queimar até a véspera da Candelária, era mantido em ambiente seguro; e a abundância era compartilhada pelos arrendatários do senhor, em meio a música, encantamentos, quebra-cabeças, *hotcocks*, brincadeira do tolo, flores cabeça-de-dragão, piadas, risos, desafios com perguntas e respostas, prendas penhoradas nos jogos, e danças.”

Em nossos tempos modernos, os bispos e o clero já não se somam à população que canta e dança, e as “festas de tolos e asnos” são ensaiadas mais na sagrada privacidade do que diante de perigosos observadores de olhos atentos. No entanto as festas de comida e bebida são preservadas em todo o mundo cristão; e sem dúvida ocorrem mais mortes súbitas provocadas por gula e intemperança durante os feriados de Natal e a Páscoa do que em qualquer outra época do ano. A cada ano que passa, a adoração cristã se limita, cada vez mais, a uma ostentação. A ausência de *coração* em tais momentos tem sido denunciada inúmeras vezes, mas pensamos que isso nunca foi feito com um toque de realismo mais emocionante do que em uma encantadora história-de-sonhos publicada no “New York Herald” perto do último Natal (1878). Um homem idoso, que presidia uma reunião pública, disse que aproveitaria a oportunidade para relatar uma visão que ele havia tido na noite anterior. “Ele pensou que estava de pé no púlpito da mais bela e magnífica catedral que ele jamais havia visto. Diante dele estava o sacerdote ou pastor da igreja, e a seu lado estava um anjo com uma tabuleta e um lápis na mão, cuja missão era registrar cada ação devocional ou oração que ocorresse em sua presença e se elevasse como uma oferenda aceitável até o trono de Deus. Cada banco da igreja estava cheio de devotos de ambos os sexos. A mais sublime música que ele jamais ouvira encheu o ar com sua melodia. Todos os belos serviços ritualísticos da igreja, inclusive um sermão insuperavelmente eloquente de um hábil sacerdote tinham já ocorrido, e no entanto o anjo registrador não fez anotação alguma em sua tabuleta! Ao final, a congregação foi dispensada pelo pastor com uma longa oração de belas frases, seguida por uma bênção, e no entanto o anjo não fez um só gesto!”

“Observado ainda pelo anjo, o orador saiu pela porta da igreja que ficava atrás da congregação ricamente vestida. Uma pobre mulher esfarrapada permanecia na sarjeta da

calçada, estendendo sua mão pálida e desnutrida e silenciosamente pedindo esmolas. Enquanto passavam por ali os devotos ricamente vestidos, eles se desviavam da pobre Madalena. As damas mantinham à distância as suas sedas, os seus mantos enfeitados de joias, para que não pudessem ser contaminados pelo toque da mão dela.”

“Neste momento um marinheiro bêbado aproximou-se oscilando pelo outro lado da calçada. Quando ele chegou à altura da pobre menina abandonada, ele cambaleou atravessando a rua até onde ela estava e, tirando do bolso algumas moedas de pequeno valor, colocou-as na mão dela, enquanto dizia:

‘Aqui, pobre miserável abandonada, pegue isto!’

Uma radiância celeste agora iluminou a face do anjo registrador, que imediatamente anotou o ato de simpatia e compaixão do marinheiro em sua tabuleta, e afastou-se considerando-o um sincero sacrifício a Deus.”

Alguém dirá que esta é uma materialização da história bíblica do julgamento de uma mulher culpada de adultério. Pode ser que sim; no entanto, a história descreve magistralmente a situação atual da nossa sociedade cristã.

De acordo com a tradição, na véspera do Natal, os bois podem ser sempre encontrados repousando sobre seus joelhos, como se estivessem em oração e devoção, e “havia um famoso espinheiro no pátio do mosteiro de Glastonbury, que sempre dava botões de flor no dia 24 e florescia no dia 25 de dezembro”; fato que, considerando que o dia fora escolhido ao azar pelos Padres da igreja, e que o calendário foi alterado do sistema antigo para o novo, mostra uma perspicácia notável, tanto por parte dos bois como por parte do vegetal! Há também uma crença tradicional, preservada até nós por Olaus, o arcebispo de Upsala, de que, no festival do Natal, “os homens que vivem nas regiões frias do Norte são súbita e estranhamente metamorfoseados em lobos; e que uma gigantesca multidão deles se encontra em um lugar escolhido e expressa tamanha raiva da humanidade que esta sofre mais com os seus ataques do que jamais poderia sofrer com ataques dos lobos naturais.”

Metaforicamente falando, este parece ser o caso com os homens, e mais do que nunca agora, e especialmente nas nações cristãs. Não há necessidade de esperar pela véspera de Natal para ver nações inteiras transformadas em “feras selvagens” - especialmente em tempos de guerra.

NOTAS:

[1] Parsis são os seguidores do zoroastrismo na Índia. “Zend” é a versão da “Avesta” – a principal escritura sagrada dos parsis – no idioma persa clássico, o “pálavi”, falado nos séculos três a nove da era cristã. A escritura persa é chamada hoje de “Zend-Avesta”. (NT)

[2] A Índia era colônia inglesa na época. (NT)

[3] A epifania ou Dia de Reis é comemorada hoje em seis de janeiro. (NT)

[4] Inverno – no hemisfério norte. (NT)

[5] Candelária; festa da Purificação da Virgem. No Brasil, também é o dia de Iemanjá, a deusa das águas. (NT)

[6] *Hotcocks* – jogo infantil tradicional em que uma criança, com os olhos cobertos, deve adivinhar quem bateu nela. (NT)

[7] Último Natal – isto é, na época do Natal de 1878. (NT)

O NÚMERO SETE

O texto seguinte foi primeiramente publicado em Junho de 1880, no número 9 de *The Theosophist*. Integra o Volume II dos *Collected Writings* de Helena P. Blavatsky, ver pp.409-414. Tradução para português, www.FilosofiaEsoterica.com.

Como ocorre com outros escritos sobre filosofia esotérica, há uma "sabedoria implícita" nas entrelinhas do texto a seguir; e ela poderá ser melhor percebida se o texto for lido pelo menos duas ou três vezes, em diferentes ocasiões, com calma, lenta e meditativamente.

Na antiguidade mais distante, atribuía-se um profundo significado aos números. Qualquer povo que tivesse alguma coisa parecida com uma filosofia dava grande destaque aos números na realização das suas práticas religiosas, no estabelecimento de dias de festivais, de símbolos, dogmas, e até mesmo na distribuição geográfica dos impérios. O misterioso sistema numérico de Pitágoras já não era nada novo quando surgiu, mais de 600 anos antes da era cristã. O significado oculto dos algarismos e suas combinações faziam parte das meditações dos sábios de todos os povos, e não está muito distante o dia em que, levado pela eterna rotação cíclica dos acontecimentos, o nosso agora cético Ocidente terá de admitir que, naquela periodicidade regular de eventos sempre recorrentes, há algo mais que mero acaso. Os nossos *sábios* ocidentais já começam a notar o fato. Ultimamente, eles têm aguçado sua atenção e começado a especular sobre ciclos, números e tudo aquilo que, apenas alguns anos atrás, eles haviam condenado ao esquecimento nos velhos arquivos da memória, que nunca seriam reabertos exceto para rir das superstições estranhas e idiotas dos nossos ancestrais *não-científicos*.

Uma destas novidades é que o velho jornal alemão *Die Gegenwart* apresentou a seus leitores um artigo sério e erudito sobre “o significado do número sete”, e o chamou de “ensaio sobre história cultural”. Depois de citar alguns parágrafos deste texto, nós teremos algo a acrescentar, talvez. O autor diz:

“O número sete era considerado sagrado não só em todas as nações com culturas próprias da antiguidade e do Ocidente, mas tem sido visto com a maior reverência também pelas nações mais recentes do Ocidente. A origem astronômica deste número está confirmada além de toda dúvida. O homem, sentindo desde tempos imemoriais que depende de forças celestes, sempre e em todo lugar considerou que a Terra estava sujeita ao céu. Assim, o corpo celeste maior e mais iluminado tornou-se para ele o poder mais importante e mais elevado; e assim eram os planetas que toda a antiguidade contou como sendo *sete*. Ao longo do tempo, eles se transformaram em *sete* divindades. Os egípcios tinham *sete* deuses originais e mais elevados; os fenícios tinham *sete* kabiris; os persas, *sete* cavalos sagrados de Mitra; os parsis, *sete* anjos opostos a *sete* demônios, e *sete* moradas celestes em paralelo com *sete* regiões inferiores. Para representar essa ideia mais claramente em sua forma concreta, os *sete* deuses eram frequentemente descritos como uma divindade com *sete* cabeças. Todo o céu estava sujeito aos *sete* planetas; portanto, em quase todos os sistemas religiosos nós encontramos *sete* céus.”

A crença no *sapta loka* [2] da religião bramânica permaneceu fiel à filosofia arcaica; mas – quem sabe – essa própria ideia originou-se em Aryavarta [3], este berço de todas as filosofias e fonte de todas as religiões subsequentes! Se o dogma egípcio da *metempsychose* ou transmigração da alma ensinava que há *sete* estágios de purificação e de progressiva perfeição, também é verdade que os budistas tomaram dos arianos da Índia, e não do Egito, a sua ideia de *sete* estágios de progressivo desenvolvimento da alma desencarnada, o que é simbolizado pelos *sete* andares e guarda-chuvas, que gradualmente diminuía à medida que ficavam mais próximos do topo dos seus templos.

No misterioso culto a Mitra havia “*sete* portões”, *sete* altares, *sete* mistérios. Os sacerdotes de muitas nações orientais eram subdivididos em *sete* graus; *sete* degraus levavam ao altar, e os templos eram iluminados por candelabros de *sete* velas. Várias lojas maçônicas têm, até hoje, *sete* e *catorze* passos.

As *sete* esferas planetárias serviam como um modelo para divisões e organizações nos Estados. A China era dividida em *sete* províncias; a Pérsia antiga, em *sete* satrapias. De acordo com uma lenda árabe, *sete* anjos esfriam o sol com gelo e neve, para que ele não queime a Terra reduzindo-a a cinzas e brasas; e *sete mil* anjos animam o sol e o colocam em movimento a cada manhã. Os dois rios mais velhos do Oriente – o Ganges e o Nilo – têm, cada um, *sete* desembocaduras. O Oriente tinha em sua antiguidade *sete* principais rios (o Nilo, o Tigre, o Eufrates, o Oxus, o Yaksart, o Arax e o Indo); *sete* tesouros famosos; *sete* cidades cheias de ouro; *sete* maravilhas do mundo, etc. O número *sete* cumpria um papel igualmente importante na arquitetura dos templos e palácios. O famoso pagode de Churingham é rodeado por *sete* muros quadrados, pintados em *sete* cores diferentes, e no meio de cada muro há uma pirâmide de *sete* andares; assim como nos tempos antediluvianos o templo de Borsippa, agora o Birs-Nimrud, tinha *sete* plataformas, que simbolizavam os *sete* círculos concêntricos das *sete* esferas, cada uma construída com

peças de cerâmica e metal que correspondiam com a cor do planeta regente da esfera simbolizada.

Estes são todos “restos do paganismo” – dizem-nos; são traços “das superstições antigas, que, como corujas e morcegos em um subterrâneo escuro, voaram para longe e nunca retornarão em direção à luz gloriosa do Cristianismo” – uma afirmação, aliás, extremamente fácil de desmentir. O autor do artigo em questão coletou centenas de exemplos para mostrar que não só os cristãos antigos, mas também os cristãos modernos preservaram o número *sete*, e de modo tão sagrado como sempre foi preservado; porém, na verdade, poderiam ser encontrados *milhares* de exemplos. Pode-se começar com o antigo cálculo astronômico e religioso dos romanos pagãos, que dividiam a semana em *sete* dias, e consideravam o *sétimo* dia como o mais sagrado, o Sol, o Domingo ou Dia do *Sol* de Júpiter, para o qual todos os povos cristãos – e especialmente os protestantes – fazem homenagens até o dia de hoje. Se por acaso alguém disser que não é por causa dos romanos pagãos mas dos judeus monoteístas que temos o domingo, então por que não é o sábado, o verdadeiro “sabbath”, que é tido como dia santo, ao invés de domingo, o dia do Sol?

Se no “Ramayana” [4] *sete* pátios são mencionados nas residências dos reis hindus, e geralmente *sete* portões levavam aos famosos templos e cidades de antigamente, então por que os habitantes de Friesland [5] aderiram no século 10 da era cristã estritamente ao número *sete* ao dividir suas províncias, e insistiam em pagar *sete* “*pfennigs*” de contribuição? O Império Sagrado Romano e Cristão tem *sete* *Kurfursts* ou Eleitores. Os húngaros emigraram sob a liderança de *sete* duques e fundaram *sete* cidades, chamadas *Semigradyá* (agora Transylvania). Se a Roma pagã foi construída em *sete* colinas, Constantinopla tinha *sete* nomes – Bizâncio, Antonia, Nova Roma, cidade de Constantino, a Separadora das Partes do Mundo, o Tesouro do Islam, Istambul – e também era chamada de “a cidade das *sete* colinas”, e “a cidade das *sete* torres”. Com os muçulmanos, “ela foi sitiada *sete* vezes e tomada depois de *sete* semanas pelo *sétimo* dos sultões Osman.” De acordo com as ideias dos povos orientais, as *sete* esferas planetárias são representadas pelos *sete* anéis usados pelas mulheres em *sete* partes do corpo – na cabeça, no pescoço, nas mãos, nos pés, nas orelhas, no nariz, ao redor da cintura – e estes *sete* anéis ou círculos são presenteados até hoje pelos candidatos orientais às suas noivas; a beleza da mulher consiste, segundo as canções persas, de *sete* encantos.

O *sete* planetas permanecem sempre à mesma distância uns dos outros, e giram no mesmo caminho; destes fatos surge a ideia da eterna harmonia do universo. Em função disso o número *sete* tornou-se especialmente sagrado para os antigos, e sempre preservou a sua importância entre os astrólogos. Os pitagóricos consideravam o algarismo *sete* como a imagem e o modelo da ordem e da harmonia divinas na natureza. Era o número que continha duas vezes o número sagrado *três* ou “tríade”, ao qual era somado o “um” ou a divina mônada: 3 + 1 + 3. Assim como a harmonia da natureza soa no teclado do espaço, entre os *sete* planetas, assim também a harmonia dos sons audíveis ocorre em um plano menor com a escala musical dos sempre recorrentes *sete* tons. Daí, os *sete* canudos na syrinx [6] do deus Pan (ou a Natureza), e a proporção gradualmente decrescente das suas formas, representando a distância entre os planetas e entre o último deles e a Terra – e, a

lira de *sete* cordas de Apolo [7]. Consistindo de uma união entre o número *três* (o símbolo da tríade divina para todos os povos, cristãos e pagãos) e o número *quatro* (símbolo das forças ou elementos cósmicos), o número *sete* aponta simbolicamente para a união da Divindade com o universo; esta ideia pitagórica foi aplicada pelos cristãos – (especialmente durante a idade média) – que usaram amplamente o número *sete* no simbolismo da sua arquitetura sagrada. Assim, por exemplo, a famosa catedral de Colônia e a Igreja Dominicana em Regensburg mostram este número até nos menores detalhes arquitetônicos.

Este número místico não tem importância menor no mundo do intelecto e da filosofia. A Grécia tinha *sete* sábios, a idade média cristã tinha *sete* artes livres (gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música, astronomia). O Sheik-ul-Islam muçulmano convoca para todo encontro importante *sete* “ulems”. Na idade média, um voto solene tinha que ser feito diante de *sete* testemunhas, e aquele que o assumia era aspergido *sete* vezes com sangue. As procissões ao redor dos templos eram feitas *sete* vezes, e os devotos tinham que ajoelhar-se *sete* vezes antes de pronunciar um voto. Os peregrinos muçulmanos dão a volta ao redor de Kaaba *sete* vezes, quando chegam. Os vasos sagrados eram feitos de ouro e prata purificados *sete* vezes. Os locais dos velhos tribunais alemães eram assinalados com *sete* árvores, sob as quais eram colocados *sete* “Schoffers” (juizes), que requeriam *sete* testemunhas. O criminoso era ameaçado com um castigo *sétuplo*, e era exigida uma purificação *sétupla*, assim como era prometida uma recompensa *sétupla* para o virtuoso. Todos sabem da grande importância atribuída no Ocidente ao *sétimo* filho de um *sétimo* filho. Todos os personagens míticos são geralmente descritos como tendo *sete* filhos. Na Alemanha, o rei, e agora o imperador, não pode recusar-se a ser padrinho de um *sétimo* filho, ainda que seja de um mendigo. No Ocidente, ao marcar o término de um conflito ou ao assinar um tratado de paz, os governantes trocam *sete*, ou quarenta e nove (7 x 7), presentes.

Para tentar citar todas as coisas incluídas neste número místico, seria necessária uma biblioteca. Nós encerraremos citando apenas mais alguns fatos da região do demoníaco. De acordo com as autoridades nesses assuntos – o antigo clero cristão - um contrato com o diabo tinha que ter *sete* parágrafos, tinha validade de *sete* anos e era assinado *sete* vezes; todas as bebidas mágicas preparadas com ajuda do inimigo da humanidade consistiam de *sete* ervas; ganha aquele bilhete de loteria que é retirado por uma criança de *sete* anos. As guerras lendárias duravam *sete* anos, *sete* meses e *sete* dias; e os heróis combatentes são *sete*, *setenta*, *setecentos*, *sete mil* e *setenta mil*. As princesas, nos contos de fadas, permaneciam *sete* anos sob um feitiço, e as botas do famoso gato – o marquês de Carabas – eram de *sete* léguas. Os antigos dividiam o corpo humano em *sete* partes; a cabeça, o peito, o estômago, duas mãos e dois pés; e a vida do homem era dividida em *sete* períodos. Os dentes de um bebê começam a nascer aos *sete* meses; uma criança começa a sentar-se após *catorze* meses (2 x 7); começa a caminhar depois de *vinte e um* meses (3 x 7); começa a falar depois de *vinte e oito* meses (4 x 7); deixa de mamar no peito depois de *trinta e cinco* meses (5 x 7); aos *catorze* anos (2 x 7), ele começa finalmente a formar a si mesmo; aos *vinte e um* anos (3 x 7) ele deixa de crescer. A altura média do homem, antes que a humanidade degenerasse, era de *sete* pés; disso surgiram as velhas leis ocidentais

determinando que os muros dos jardins deviam ter *sete* pés de altura. Em Esparta e na antiga Pérsia a educação dos garotos começava aos *sete* anos. E nas religiões cristãs – entre os católicos romanos e os gregos – a criança não é considerada culpada por qualquer crime até *sete* anos de idade, e esta é a idade indicada para que comece a confessar-se.

Se os hindus pensarem no seu Manu e no que os velhos Shastras [8] contêm, encontrarão, sem dúvida, a origem de todo este simbolismo. Em nenhum lugar o número *sete* exerceu um papel tão importante como entre os antigos Árias da Índia. Basta pensar nos *sete* sábios – os *Sapta Rishis*; os *Sapta Loka* – os *sete* mundos; os *Sapta Pura* – as *sete* cidades sagradas; as *Sapta Dvipa* – as *sete* ilhas sagradas; os *Sapta Samudra* – os *sete* mares sagrados; as *Sapta Parvatta* – as *sete* montanhas sagradas; os *Sapta Arania* – os *sete* desertos; as *Sapta Vriksha* – as *sete* árvores sagradas; e assim por diante, para que se veja a probabilidade da hipótese. Os Árias *nunca* adotavam nada de outra cultura, nem os brâmanes, que eram demasiado orgulhosos e exclusivistas para fazer isso. De onde vem, então, o mistério e a sacralidade do número *sete*?

NOTAS:

[1] “The Number Seven and Our Society”, em “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, volume I, pp. 351-352.

[2] *Sapta loka*: em sânscrito, as setes regiões mais elevadas, a partir da Terra. (NT)

[3] *Aryavarta*: o nome antigo da Índia. (NT)

[4] Ramayana: famoso poema épico hindu. (NT)

[5] Friesland: região norte dos Países Baixos (Holanda). (NT)

[6] Syrix: a gaita musical de Pan. Syrix era o nome de uma ninfa pela qual Pan se apaixonou. Para escapar de Pan, a ninfa foi transformada em um junco. Em homenagem à ninfa, Pan deu então o nome de “Syrix” à sua gaita musical de sete canudos. (“Dicionário Oxford de Literatura Clássica”, Jorge Zahar Editor, versículo “Pan”.) (NT)

[7] Apolo era uma divindade solar: esta é uma referência aos sete *logoi*. (NT)

[8] Shastras: em sânscrito, tratados ou livros sobre assuntos divinos e sobre ética. (NT)

POR QUE OS ANIMAIS SOFREM?

Neste texto vigoroso de 1888, H. P. Blavatsky mostra o saldo ético negativo da chamada "civilização cristã" em relação aos animais, e especialmente em relação aos animais mais evoluídos, os "irmãos menores" da humanidade. Com algumas boas e nobres exceções, entre as quais a principal é a de São Francisco de Assis e do franciscanismo, o cristianismo ainda hoje desculpa e "autoriza" o covarde massacre cotidiano de animais indefesos.

Nesta primeira parte do século 21, nossa civilização começa a despertar. Os movimentos de defesa dos animais são cada vez mais fortes. O vegetarianismo se alastra, e a consciência ecológica permeia vastos setores do próprio cristianismo.

O texto de HPB, porém, permanece plenamente atual. Ele consta dos seus *Collected Writings*, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, Volume IX, 1962, 488 pp., ver pp. 286- -288. Tradução ao português, www.FilosofiaEsoterica.com.

P. É possível para mim, que amo os animais, obter mais poder do que tenho para ajudá-los em seu sofrimento?

R. Um autêntico AMOR não egoísta, combinado à VONTADE, é um "poder" em si mesmo. Aqueles que amam os animais devem mostrar sua afeição de maneira mais eficiente do que cobrir seus animais com fitas e levá-los para uivar e arranhar nas competições, em busca de prêmios.

P. Por que os animais mais nobres sofrem tanto nas mãos dos homens?

Não preciso entrar em detalhes ou tentar explicar esta questão. As cidades são lugares de tortura de animais que podem, por qualquer motivo, ser usados e abusados pelo homem! E esses são sempre os mais nobres.

R. Nos *Sutras* ou Aforismos de *Karma-pa*, uma seita que é um ramo da grande seita *Gelukpa* (capuz amarelo) no Tibete, e cujo nome indica sua doutrina - "os que acreditam na eficácia do Carma" (ação, ou boas obras) - um Upasaka (1) pergunta a seu Mestre: "Por que o destino dos pobres animais mudou tanto ultimamente? Nunca um animal era morto ou tratado injustamente nas imediações de um templo budista ou outros templos na China, antigamente, enquanto hoje em dia eles são mortos e livremente vendidos nos mercados de várias cidades, etc." A resposta é sugestiva:

"Não ponha a culpa na natureza por esta injustiça sem igual. Não procure inutilmente por efeitos cármicos para explicar a crueldade, porque o *Tenbrel Chugnyi* (conexão causal, *Nidâna*) não lhe mostrará nenhum. É a indesejada vinda do *Peling* (cristão estrangeiro), cujos três deuses ferozes recusaram-se a dar proteção para os fracos e *pequenos* (os animais), que é responsável pelos sofrimentos incessantes, e de fazer doer o coração, de nossos companheiros mudos."

A resposta à pergunta acima está aqui em poucas palavras. Pode ser útil,

ainda que mais uma vez desagradável, dizer a alguns religiosos que a culpa por este sofrimento universal é inteiramente da nossa religião e educação ocidentais. Cada sistema filosófico oriental, cada religião e seita da antiguidade - bramânica, egípcia, chinesa e, finalmente, o mais puro e nobre de todos os sistemas de ética existentes, o budismo, ensinam bondade e proteção a cada criatura viva, desde o animal e o pássaro até os seres rastejantes e mesmo o réptil. Só a nossa religião ocidental permanece em seu isolamento, como um monumento ao mais gigantesco egoísmo *humano* jamais desenvolvido por uma mente humana, sem uma palavra em favor ou proteção do pobre animal. Muito pelo contrário. Porque a teologia, enfatizando uma frase do capítulo jeovístico da "Criação", interpreta-a como prova de que os animais, como todo o resto, foram criados para o homem! Portanto, a caça se tornou um dos entretenimentos mais nobres das classes superiores. Assim há pobres inocentes pássaros feridos, torturados e mortos aos milhões a cada outono, tudo em países cristãos, para a recreação do homem. Disso também surgiu a maldade, e frequentemente a crueldade a sangue frio, durante a juventude do cavalo e do novilho, indiferença brutal com seu destino quando a idade os torna incapazes para o trabalho, e ingratidão após anos de trabalho duro para o homem e a seu serviço. Em todos os países que o europeu passa a dominar, começa a matança de animais e o seu massacre inútil.

"Alguma vez o prisioneiro matou animais *por prazer*?" perguntou um juiz budista numa cidadezinha fronteiriça na China, *infestada* de piedosos homens de igreja e missionários europeus, a respeito de um homem acusado de ter matado sua irmã. E, diante de uma resposta afirmativa, já que o prisioneiro tinha estado a serviço de um coronel russo, "um poderoso caçador diante do Senhor", o juiz não precisou de nenhuma outra evidência e o assassino foi considerado "culpado" - com razão, como sua confissão posterior comprovou.

Deve o cristianismo, ou mesmo o leigo cristão, ser culpado? Nenhum dos dois. É o sistema pernicioso da teologia, são os longos séculos de teocracia e o feroz e sempre crescente egoísmo dos países ocidentais civilizados. O que *podemos fazer*?

O FETICÍDIO É UM CRIME?

A Teosofia Afirma Que o Aborto Tem Consequências Desastrosas

Reproduzimos a seguir, inicialmente, uma pergunta sobre a prática do aborto, feita por um médico norte-americano ao jornal *The Theosophist*. Em seguida, sob o subtítulo "Nota da Editora", publicamos a resposta de Helena Blavatsky, que dirigia a publicação. A pergunta e a resposta foram publicadas pela primeira vez na Índia, na edição do mês de Agosto de 1883 de *The Theosophist*,

estando integradas no Volume II dos *Collected Writings* de H. P. Blavatsky, Quest Books, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1950, 416 pp., ver pp. 106-108. Foram traduzidas pelo website www.FilosofiaEsoterica.com de Theosophical Articles, Volume n. pp. 335-336.

Os artigos em seu jornal, intitulados "Suicídio é Crime?", sugeriram-me fazer outra pergunta:

"Feticídio é crime?"

Não que eu, pessoalmente, tenha qualquer dúvida séria sobre a ilegalidade de tal ato, mas o costume prevalece com tamanha força nos Estados Unidos que há relativamente poucas pessoas que conseguem ver algo de errado nisso. Remédios para este propósito são anunciados e vendidos livremente; em "famílias respeitáveis", a cerimônia é regularmente realizada todo ano e o médico da família que pensasse em se recusar a realizar tal trabalho seria peremptoriamente demitido e substituído por outro mais dócil.

Conversei com médicos que não veem diferença entre produzir um aborto e administrar um remédio qualquer; por outro lado, há certos tratados contra esta prática, publicados por setores ortodoxos; mas a maior parte deles exagera tanto ao descrever as suas "temíveis consequências" que perde a capacidade de influenciar o leitor comum devido ao seu caráter absurdo.

Deve-se dizer que há certas circunstâncias em que a melhor coisa a fazer, tanto para a criança que vai nascer como para a comunidade em geral, é, aparentemente, que sua vinda ao mundo seja impedida. Por exemplo, no caso em que a mãe deseja intensamente a destruição da criança, o seu desejo provavelmente influenciará a formação do caráter da criança e a tornará, nos seus dias de maturidade, um assassino, um criminoso ou um ser para quem teria sido melhor "se nunca tivesse nascido".

Mas se o feticídio é justificável, não seria então ainda melhor matar a criança depois de nascida, já que então não haveria mais nenhum perigo para a mãe? E se é justificável matar as crianças, antes ou depois de nascerem, então surge a próxima pergunta: "Em que idade e sob que circunstâncias é o assassinato justificável?"

Como a pergunta acima é uma questão de grande importância para milhares de pessoas, eu ficaria muito grato se ela fosse tratada do ponto de vista teosófico.

Um médico, membro da Sociedade Teosófica.

George Town, Colorado,
Estados Unidos da América.

2. Resposta de Helena Blavatsky

A Teosofia em geral responde:

"Em nenhuma idade e nenhuma circunstância o assassinato é justificável!"

E a Teosofia oculta acrescenta:

"No entanto, não é nem do ponto de vista da lei, nem de qualquer outro argumento de um ou outro 'ismo' ortodoxo que a voz de alerta se levanta contra esta prática imoral e

perigosa, mas sim porque, na filosofia oculta, tanto a fisiologia como a psicologia mostram as desastrosas consequências de tal ato”.

No caso específico, o argumento não lida com as causas, mas com os efeitos produzidos. Nossa filosofia chega ao ponto de dizer que, se o Código Penal de muitos países pune tentativas de suicídio, ele deveria, por coerência consigo mesmo, punir duplamente o feticídio como tentativa de “duplo suicídio”.

Porque, de fato, mesmo quando o aborto tem sucesso e a mãe não morre em consequência dele, *ele encurta a vida dela na terra para prolongá-la numa triste proporção em kama-loka*, a esfera intermediária entre a terra e a região do descanso, um lugar que não é o “purgatório de São Patrício”, mas um fato e um necessário lugar de parada da evolução no grau da vida.

O crime cometido reside precisamente na destruição propositada e pecaminosa da vida, e na interferência com as operações da natureza, portanto – na interferência com o CARMA. O pecado não é considerado pelos ocultistas como algo de caráter *religioso*, porque, na verdade, não existe uma presença maior de espírito e alma num feto, ou mesmo numa criança antes que ela adquira a autoconsciência, do que em qualquer outro pequeno animal. Nós negamos a ausência de alma, tanto no mineral quanto na planta ou no animal; e acreditamos que há apenas uma diferença de grau nestes vários casos. Mas o feticídio é um crime contra a natureza.

Naturalmente, todos os tipos de cétricos zombarão das nossas concepções e as chamarão de superstições absurdas e “tolices não científicas”. Mas nós não escrevemos para os cétricos. Foi-nos pedido que déssemos a visão da Teosofia (ou melhor, da filosofia oculta) sobre o assunto, e respondemos à questão, até onde sabemos.

DO CADERNO DE NOTAS DE UMA FILÓSOFA IMPOPULAR

Helena P. Blavatsky tem textos agudos e irônicos. O mesmo estilo é encontrado nas *Cartas dos Mahatmas*. A importância desta irreverência quase Zen é que ela corta as ilusões e revela os perigos da hipocrisia na busca espiritual. Ao longo dos tempos, os ensinamentos espirituais têm sido envolvidos em diversas formas de dogma, transformados em rotina, em rituais vazios, ou usados para fins de poder pessoal e manipulação da boa vontade alheia.

Os estudantes da sabedoria divina devem ser capazes de examinar-se regularmente - de modo individual e também de modo coletivo - e perguntar-se com toda honestidade: "Que incoerências há em mim ou em nós? Que sementes de hipocrisia, e como eliminá-las? "

Esta capacidade de auto-observação capacita o aprendiz a vencer os desafios da caminhada. A seguir, o texto de H.P.B., foi publicado inicialmente na revista *Lucifer*, em Londres, edição de outubro de 1887, e mais tarde no Volume VIII de

Collected Writings of Helena P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, Madras, Londres, 1960, 507 p., ver pp. 137-139. Tradução para o português, www.FilosofiaEsoterica.com.

Mostrar Raiva. Nenhum homem ou mulher “culto” jamais mostrará raiva em sociedade. Controlar e reprimir toda mostra de desagrado é demonstração de boas maneiras, certamente, mas também uma considerável façanha em matéria de hipocrisia e dissimulação. Há um lado oculto nesta regra de boa educação, e ele é revelado em um provérbio oriental: “*Não confie num rosto que nunca mostra sinais de raiva, nem num cachorro que nunca late.*” Os animais de sangue frio são os mais venenosos.

Não Resistir ao Mal. Jactar-se disso é convidar todos os que são maldosos a abusar de você. Praticá-lo abertamente é levar as pessoas à tentação de vê-lo como um covarde. Não resistir ao mal que você nunca criou nem merece, evitá-lo você próprio, e ajudar a outros a afastar-se dele, é a única alternativa correta à disposição de quem ama a sabedoria.

"Amar o Próximo". Quando um religioso faz uma pregação sobre este assunto, sua piedosa congregação a aceita - com uma permissão tácita para caluniar e denegrir seus amigos e conhecidos que estão sentados nos bancos da mesma igreja.

Fraternidade Internacional. Quando um muçulmano e um cristão juram ter amizade recíproca e se comprometem a ser irmãos, as duas fórmulas deles diferem um pouco. O muçulmano diz: "Tua mãe será minha mãe, meu pai teu pai, minha irmã tua criada, e tu serás meu irmão". Ao que o cristão responde: "Tua mãe e irmã serão minhas criadas, tua esposa será minha esposa, e minha esposa será tua querida irmã". *Amém.*

Valente Como um Leão. Este é - na aparência - o maior elogio que se pode fazer à coragem de alguém; na realidade, é uma comparação com um animal selvagem que cheira mal. É também um reconhecimento da superioridade da bravura do animal sobre a bravura humana, considerada como virtude.

Carneiro (1). Um homem fraco, tolo, e simbolicamente um epíteto insultuoso, depreciativo, entre pessoas do mundo; mas um termo bastante elogioso entre religiosos, que o aplicam às "pessoas de Deus" e aos membros das suas congregações, comparando-os com *carneiros* sob a orientação do cordeiro.

Código de Honra. Na França - seduzir uma esposa e matar seu marido. Lá, a honra ofendida só pode ser recuperada com sangue; aqui (2), é suficiente um ferimento causado no bolso do transgressor.

O Duelo Como uma Questão de Honra. O duelo é uma instituição do Cristianismo e da civilização, e nem os antigos espartanos, nem os gregos ou romanos o conheciam, já que eram apenas pagãos não-civilizados (Veja-se Schopenhauer).

Perdoar e Esquecer. "Deveríamos perdoar livremente, mas raramente esquecer", diz Colton. "Não buscarei vingança, e isto eu devo ao meu inimigo; mas *lembrarei*, e isto eu devo a mim mesmo". Esta é sabedoria real e prática. Ela fica entre o feroz lema "olho por olho", da lei mosaica, e a ordem de oferecer a face esquerda ao seu inimigo, se ele golpear sua face direita. Esta última atitude não é um definido encorajamento ao pecado?

Sabedoria Prática. Na árvore do silêncio é que se colhe o fruto da paz. Se você não quer que seu inimigo conheça seu segredo, não o conte a seu amigo (ditado árabe).

Vida Civilizada. Repleta, barulhenta e cheia de força vital: assim é a sociedade moderna do ponto de vista material. Mas não há deserto mais imóvel e silencioso, vazio e lúgubre do que esta mesma sociedade para o olhar espiritual daquele que sabe ver. Sua mão direita distribui pródiga e livremente prazeres efêmeros mas de alto custo, enquanto a mão esquerda agarra avidamente os restos e frequentemente se nega a atender as necessidades da ostentação. Toda nossa vida social é resultado e consequência daquele autocrata e déspota chamado Egoísmo. Até a vontade mais forte se toma impotente diante da voz e da autoridade do Eu.

Notas:

(1) Em inglês, "sheep" não significa apenas carneiro ou ovelha, mas uma das principais acepções da palavra é "pessoa tola, estúpida". Em português, este significado aparece mais raramente. (NT)

(2) "Aqui" - isto é, na Inglaterra do século 19, onde o texto foi escrito. (NT)

O GRANDE PARADOXO

O texto seguinte publicou-se pela primeira vez em 1887. Foi traduzido pelo website www.FilosofiaEsoterica.com a partir de *Collected Writings of H. P. Blavatsky*, Volume VIII, pp. 125-129.

O paradoxo parece ser a linguagem natural do Ocultismo. Mais do que isso, ele parece penetrar profundamente no coração das coisas, e assim parece ser inseparável de qualquer tentativa de colocar em palavras a verdade, a realidade que está na base das aparências externas da vida.

E o paradoxo acontece não somente nas palavras, mas na ação, na própria conduta da vida. Os paradoxos do ocultismo devem ser vividos, não falados apenas. Aqui reside um grande perigo, porque é muito fácil perder-se na contemplação intelectual do caminho, e assim esquecer-se de que a estrada só pode ser conhecida quando se caminha por ela.

Um paradoxo assustador se apresenta ao estudante já no início e o confronta assumindo novas e estranhas formas em cada curva do caminho. Talvez esse estudante tenha procurado o caminho desejando uma orientação, uma regra sobre o que é certo para a conduta em sua vida.

Ele aprende que o alfa e o ômega, o começo e o final da **vida** é altruísmo; e ele sente a verdade da afirmação de que somente na profunda inconsciência do autoesquecimento a verdade e a realidade do ser podem revelar-se ao seu coração sedento.

O estudante aprende que esta é a lei única do ocultismo, ao mesmo tempo a ciência e a arte do viver, o guia para a meta que ele deseja alcançar. Ele está cheio de entusiasmo e entra bravamente na trilha da montanha. Então ele descobre que seus instrutores não encorajam seus voos ardentes de sentimento, seu anseio pelo Infinito que o faz esquecer de tudo – no plano externo e factual de sua vida e sua consciência. Pelo menos, se não eliminam seu entusiasmo, eles lhe apontam, como primeira e indispensável tarefa, **vencer e controlar seu corpo**. O estudante descobre que, longe de ser encorajado a viver nos pensamentos sublimes de seu cérebro e fantasiar que alcançou o éter onde está a verdadeira liberdade – com o esquecimento de seu corpo, suas ações exteriores e sua personalidade – a ele são atribuídas tarefas muito mais terrenas. Toda a sua atenção e vigilância são requeridas no plano exterior; ele não deve nunca se esquecer de si mesmo, nunca descuidar de seu corpo, sua mente, seu cérebro. Ele deve aprender a controlar a expressão de cada detalhe, verificar a ação de cada músculo, dominar o mais leve movimento involuntário. A vida diária à sua volta e dentro dele mesmo é assinalada como objeto do seu estudo e da sua observação. Em vez de esquecer o que geralmente é chamado de banalidades, pequenos descuidos e erros acidentais da língua e da memória, ele é forçado a tornar-se, a cada dia, mais consciente desses lapsos até que, finalmente, eles parecem envenenar o ar que ele respira e sufocá-lo; até que ele parece perder a visão, e o contato, com o grande mundo de liberdade pelo qual está lutando; até que cada hora e cada dia parecem cheios do amargo sabor do eu, e seu coração sente-se doente com a dor

e a luta do desespero. E a escuridão fica ainda mais profunda porque a voz interior grita incessantemente: “Esqueça de si mesmo. Cuidado, do contrário você se torna autocentrado – e a erva gigante do egoísmo espiritual firmemente se enraizará em seu coração; cuidado, cuidado, cuidado!”

A voz leva seu coração até suas profundezas, porque ele sente que as palavras são verdadeiras. Sua batalha diária e contínua o ensina que estar autocentrado é a fonte do sofrimento, a causa da dor, e sua alma está cheia de desejo de liberdade.

Assim, o discípulo é tomado pela dúvida. Ele confia em seus instrutores, porque sabe que através deles fala a mesma voz que ele ouve em seu coração. Mas agora eles dizem palavras contraditórias; a voz interna, a única, recomenda esquecer de si mesmo totalmente, em prol da humanidade; a outra, a palavra falada por aqueles de quem ele busca orientação, recomenda **primeiro** dominar seu corpo, seu eu exterior. E a cada hora ele vê mais claramente como é difícil aquela batalha com a Hidra, e vê sete cabeças crescerem novamente no lugar de cada uma que ele decepou.

No começo ele oscila entre as duas coisas, ora obedecendo a uma, ora obedecendo à outra. Mas logo ele aprende que isso é infrutífero. Porque o sentido de liberdade e leveza que no princípio vem quando ele deixa seu eu externo sem vigilância para que possa procurar internamente ar puro, logo perde sua intensidade e um choque repentino lhe revela que ele escorregou, e caiu, no caminho que vai montanha acima. Então, em desespero, ele se lança sobre a traiçoeira serpente do eu e luta para sufocá-la até a morte; mas seus anéis espiralados, sempre fugidios, evitam suas mãos; as tentações insidiosas de suas escamas brilhantes cegam sua visão e, novamente, ele se envolve no turbilhão da batalha que o vence dia a dia e que, finalmente, parece preencher o mundo inteiro e apaga tudo o mais, exceto sua consciência.

Ele está cara a cara com um paradoxo esmagador, cuja solução deve ser vivida antes que possa ser realmente entendida.

Em suas horas de meditação silenciosa, o estudante descobrirá que há um espaço de silêncio dentro de si, em que ele pode se refugiar dos pensamentos e desejos, do turbilhão dos sentidos, e das ilusões da mente. Mergulhando sua consciência profundamente em seu coração, ele pode alcançar este lugar – a princípio, somente quando ele está sozinho em silêncio e na escuridão. Mas quando a necessidade de silêncio cresce, ele o procurará mesmo no meio da batalha com o eu, e o encontrará. Ele apenas não deve abandonar seu eu exterior nem seu corpo. Deve aprender a retirar-se em sua cidadela quando a batalha se torna árdua; mas precisa fazê-lo sem perder de vista a batalha; sem se permitir fantasiar que assim ele vencerá. Essa vitória só se conquista quando tudo é silêncio fora e dentro da cidadela interior. Lutando desse modo, de dentro do silêncio, o estudante descobrirá que resolveu o primeiro grande paradoxo.

Mas o paradoxo ainda o segue. Quando ele consegue retirar-se para dentro de si mesmo, ele busca lá apenas refugiar-se da tempestade em seu coração. E quanto mais ele luta para controlar as ondas de paixão e desejo, mais ele compreende que gigantescos poderes ele jurou vencer. Ele ainda se sente, quando não está em silêncio, muito parecido com as forças da tempestade. Como sua força insignificante pode competir com esses tiranos de natureza animal?

Esta pergunta é difícil de responder em palavras diretas – caso haja uma resposta para ela. Mas a analogia pode apontar o caminho onde a solução será procurada.

Ao respirar, colocamos uma certa quantidade de ar nos pulmões e, com isto, podemos imitar em pequena escala o poderoso vento do céu. Podemos produzir uma fraca imagem da natureza: uma tempestade em copo d'água, uma brisa para soprar ou mesmo afundar um barco de papel. E podemos dizer: “Eu faço isso, isso é **minha** respiração”. Mas não podemos soprar nossa respiração contra um furacão, menos ainda prender o vento em nossos pulmões. No entanto, os poderes do céu estão dentro de nós; a natureza das inteligências que guiam a força do mundo estão unidas à nossa natureza, e se entendermos isso e nos esquecermos de nosso eu exterior, esses ventos poderão ser nossos instrumentos.

Assim é na vida. Enquanto o homem apegar-se ao seu eu exterior – e apegar-se a cada forma que ele assume quando sua “pele mortal” é deixada de lado – ele estará tentando afastar um furacão com o sopro de seus pulmões. Tal esforço é inútil e vão; porque os grandes ventos da vida, cedo ou tarde, o dominarão. Mas se ele mudar sua atitude **[1] dentro de si mesmo**, se ele agir sabendo que seu corpo, seus desejos, suas paixões e seu cérebro não são ele mesmo – embora ele esteja a cargo deles e seja responsável por eles –; se tentar lidar com eles como partes da natureza, então poderá ter a esperança de tornar-se uno com as grandes marés do ser, e de alcançar, finalmente, o lugar pacífico do autoesquecimento.

“Faust.”

POR QUE NÃO VOLTO À ÍNDIA

Este testemunho impressionante - uma história de lealdade e traição - foi escrito em Abril de 1890 pela fundadora da Sociedade Teosófica. O título original é: "Why I Do Not Return to Índia". O documento constitui uma Carta Aberta que deveria ser distribuída a todos os teosofistas indianos. No entanto, a Carta foi ocultada, e permaneceu em segredo durante 32 anos, fato que não só confirma, mas também aumenta a gravidade do seu conteúdo.

Depois de ser escondido durante décadas, o texto foi finalmente publicado no *The Theosophist*, em Adyar, Índia, em Janeiro de 1922. "Why I Do Not Return to Índia" está atualmente incluído em *Theosophical Articles*, de H. P. Blavatsky, volume I, pp. 106- -114. O texto também pode ser encontrado em *Collected Writings of H. P. Blavatsky*, Theosophical Publishing House, Volume XII, Wheaton, Chennai (Madras). 1980, 860 pp., ver pp. 156-167. Tradução para o português, www.FilosofiaEsoterica.com.

A palavra "Aryavarta", que aparece na abertura do texto, é o nome tradicional da Índia. Em sânscrito, o termo significa literalmente "terra dos Árias", isto é, "a

terra dos nobres", a terra dos sábios.

A MEUS IRMÃOS DE ARYAVARTA,

Em abril de 1890 completaram-se cinco anos desde que deixei a Índia.

Muitos de meus irmãos hindus demonstraram grande amabilidade para comigo por diversas vezes desde que parti; especialmente neste ano (1890), quando, quase mortalmente doente, recebi de várias Lojas indianas cartas de simpatia e afirmações de que eles não esqueceram daquela que amou a Índia e o povo hindu mais do que o seu próprio país, durante a maior parte de sua vida.

É, portanto, meu dever explicar por que não volto para a Índia, e a minha atitude com relação à nova fase na história da S.T., aberta desde que eu formalmente assumi a direção do Movimento Teosófico na Europa. Porque não é apenas por causa da minha má saúde que não retorno à Índia. Aqueles que me salvaram da morte em Adyar, e em mais duas oportunidades desde então, poderiam facilmente me manter viva lá, como Eles me mantêm viva aqui. Há uma razão muito mais séria. Uma linha de conduta foi traçada para mim aqui, e encontrei, entre ingleses e norte-americanos, aquilo que inutilmente busquei na Índia.

Na Europa e na América, durante os últimos três anos, encontrei centenas de homens e mulheres que têm a coragem de declarar sua convicção sobre a realidade da existência dos Mestres, e que estão trabalhando pela Teosofia conforme as *Suas* linhas de ação e sob *Sua* orientação, dadas através da minha humilde pessoa.

Na Índia, por outro lado, desde minha partida, o verdadeiro espírito de devoção aos Mestres e a coragem de expressá-lo com franqueza tem diminuído constantemente. Mesmo em Adyar, crescente luta e conflito ocorreram entre personalidades; uma animosidade sem motivo e não merecida – quase ódio – foi expressada contra mim por alguns membros da equipe. Parece que tem acontecido alguma coisa estranha e sinistra em Adyar durante esses últimos anos. Tão logo um europeu, com as melhores inclinações teosóficas, muito devotado à Causa e amigo pessoal meu ou do Presidente, coloca os seus pés na Sede Geral, ele se torna um inimigo pessoal de um ou outro de nós e, o que o é pior, termina por prejudicar e abandonar a Causa.

Que fique claro, desde logo, que não acuso ninguém. Sabendo o que sei sobre a atividade das forças do Kali Yuga, que agem para obstaculizar e arruinar o Movimento Teosófico, não considero aqueles que se tornaram um após o outro meus inimigos – e isso sem qualquer falha da minha parte – como eu poderia considerá-los, se a situação fosse diferente.

Um dos fatores principais no redespertar de Aryavarta, que tem sido parte do trabalho da Sociedade Teosófica, foi o ideal dos Mestres. Mas devido à falta de critério, de discrição e discernimento, e devido às liberdades tomadas em relação a Seus nomes e suas *Personalidades*, surgiu uma imagem Deles completamente distorcida. Eu estava sob o mais solene compromisso e juramento de nunca revelar toda a verdade a ninguém, exceto àqueles que, como Damodar, haviam sido definitivamente selecionados e chamados por

Eles. Tudo que eu podia revelar na época era que, em algum lugar, existiam tais grandes homens; que alguns Deles eram hindus; que Eles conheciam como ninguém toda a sabedoria antiga de Gupta Vidya e que haviam obtido todos os Siddhis, não como os Siddhis são representados na tradição e nas “alegorias feitas para despistar”, presentes nos escritos antigos, mas como são de fato e na realidade; e também, que eu era um Chela de um Deles. No entanto, surgiram em seguida na imaginação de alguns hindus as fantasias mais extremas e ridículas em relação a Eles. Referiam-se a Eles como “Mahatmas”, e alguns amigos excessivamente entusiasmados os depreciaram com estranhos retratos imaginários; nossos oponentes, descrevendo um Mahatma como um completo Jivanmukta, disseram que, como tal, Ele estava impedido de se comunicar com quaisquer pessoas vivas do mundo. Eles também afirmaram que, como esta é a Kali Yuga, era totalmente impossível que pudesse haver algum Mahatma na era atual.

Apesar dessas primeiras interpretações erradas, a ideia dos Mestres e a crença Neles deram bons frutos na Índia. O principal desejo Deles era preservar o verdadeiro espírito religioso e filosófico da Índia antiga; defender a Sabedoria antiga contida em seus Darshanas e Upanixades contra os ataques sistemáticos dos missionários, e, finalmente, fazer renascer o espírito patriótico e ético adormecido nos jovens, nos quais esse espírito quase tinha desaparecido devido à educação universitária. Muito disso foi conseguido pela, e através da, Sociedade Teosófica, apesar de todos seus erros e imperfeições.

Se não fosse pela Teosofia, teria a Índia o seu Tukaram Tatya, fazendo o inestimável trabalho que ele faz e que ninguém na Índia pensou em fazer antes? Sem a Sociedade Teosófica, teria a Índia alguma vez pensado em arrancar das mãos dos eruditos Orientalistas não espirituais o dever de reviver, traduzir e publicar os Livros Sagrados do Oriente, de popularizá-los e vendê-los por um preço muito mais barato, e ao mesmo tempo de forma muito mais correta do que jamais foi feito em Oxford? Teria o nosso próprio irmão Tukaram Tatya, devotado e respeitado, pensado alguma vez em fazê-lo, se ele não tivesse entrado para a Sociedade Teosófica? O Congresso político indiano teria sido uma possibilidade, sem a Sociedade Teosófica? E o mais importante de tudo, pelo menos um, entre vocês, teve um completo benefício através dela; e se a Sociedade não tivesse dado à Índia nada mais que esse futuro Adepto (Damodar) [1] que agora tem a perspectiva de um dia tornar-se um Mahatma, apesar do Kali Yuga, só isso já seria prova de que a Sociedade não foi fundada em Nova York e transferida para a Índia em vão. Finalmente, se alguém entre os trezentos milhões de pessoas da Índia pode demonstrar, com provas, que a Teosofia, a S.T., ou mesmo minha humilde pessoa, foram instrumentos para causar o menor dano, tanto ao país como a qualquer hindu, ou que os Fundadores ensinaram doutrinas perniciosas ou deram maus conselhos – então, e só então, pode ser atribuído a mim, como um crime, o fato de ter revelado o ideal dos Mestres e fundado a Sociedade Teosófica.

Sim, meus bons e inesquecíveis irmãos hindus, só o nome dos Mestres sagrados, que tempos atrás era invocado com orações e pedidos de bênçãos de um extremo a outro da Índia – apenas o nome Deles já causou uma grande mudança para melhor em sua terra. Não é ao coronel Olcott nem a mim que vocês devem alguma coisa, mas verdadeiramente àqueles nomes que, só alguns anos atrás, tornaram-se palavras familiares em suas bocas.

Foi assim que, enquanto permaneci em Adyar, as coisas foram bastante fáceis, porque um ou outro dos Mestres estava quase sempre entre nós, e o espírito deles protegia a Sociedade Teosófica de danos reais. Mas em 1884, Coronel Olcott e eu partimos para uma visita à Europa, e enquanto estávamos fora caiu o “raio e trovão” dos Padres e dos Coulomb. [2] Retornei em novembro e fiquei perigosamente doente. Foi durante este tempo e durante a ausência do Coronel Olcott na Birmânia [3] que as sementes de todas as discórdias futuras e – deixe-me dizer de uma vez – da desintegração da Sociedade Teosófica foram plantadas pelos nossos inimigos. O fato de que apesar da conspiração Patterson-Coulomb-Hodgson e da falta de coragem dos principais teosofistas a Sociedade não tenha desmoronado naquele mesmo momento é prova suficiente de que ela foi protegida. Abalados em suas crenças, os destituídos de coragem começaram a perguntar: “Por que, se os mestres são autênticos Mahatmas, Eles permitiram que tais fatos acontecessem, ou por que Eles não usaram Seus poderes para destruir esta trama ou aquela conspiração, ou mesmo para destruir ou aquele homem e aquela mulher?” No entanto, já foi explicado inúmeras vezes que nenhum Adepto do Caminho Correto interfere com o justo funcionamento do Carma. Nem mesmo o maior dos logues pode desviar o avanço do Carma ou impedir os resultados naturais das ações por mais que um curto período e, mesmo neste caso, esses resultados apenas se irão impor mais tarde com força dez vezes maior, porque assim é a lei oculta do Carma e dos Nidanas.

Nem mesmo o maior dos fenômenos irá ajudar o real progresso espiritual. Cada um de nós tem que conquistar Moksha ou Nirvana por mérito próprio, e não porque um Guru ou um Deva nos ajudará a esconder nossos fracassos. Não há nenhum mérito em ter sido criado como um Deva imaculado ou em ser um Deus; mas há a eterna bem-aventurança de Moksha, que surge para o homem que se torna *como* um *Deus* ou Divindade por seus próprios esforços. Punir os culpados é a missão do Carma e não o dever de qualquer Mestre. Mas aqueles que agem conforme o ensinamento Deles e vivem a vida da qual eles são os melhores exemplos jamais serão abandonados por Eles, e sempre que necessário terão Sua ajuda benéfica, seja ela visível ou invisível. Essas palavras, é claro, são dirigidas a aqueles que ainda não perderam totalmente a fé nos Mestres. Aqueles que nunca acreditaram ou que deixaram de acreditar Neles têm todo direito de manter suas opiniões. Ninguém será prejudicado pelo fato de pensarem assim, exceto eles mesmos, talvez, algum dia.

Quanto a mim, quem pode me acusar de ter agido como impostora? De ter, por exemplo, tirado um único centavo de alguém? De ter alguma vez pedido dinheiro, ou de tê-lo aceito, apesar de repetidamente me oferecerem grandes quantias? Aqueles que, apesar disso, escolheram pensar ao contrário, terão que explicar aquilo que mesmo meus caluniadores do tipo dos padres e da Sociedade de Pesquisas Psíquicas não conseguiram explicar até hoje, isto é, a motivação para tal fraude. Terão que explicar por que, em vez de pegar e ganhar dinheiro, eu doeie à Sociedade cada centavo que ganhei escrevendo para jornais; por que, ao mesmo tempo, quase me matei com um trabalho intenso e incessante ano após ano, até que minha saúde ficou debilitada, de modo que, se não fosse pela repetida ajuda de meu Mestre, eu teria morrido há muito tempo devido aos efeitos deste trabalho voluntário excessivo.

Quanto à absurda teoria segundo a qual eu seria uma espiã russa, se ela ainda encontra crédito em algumas mentes idiotas, já desapareceu há muito pelo menos dos cérebros oficiais dos anglo-indianos.

Se, digo eu, naquele momento crítico, os membros hindus e europeus da Sociedade e especialmente os líderes em Adyar, hindus e europeus, tivessem permanecido juntos como um só homem, firmes em sua convicção sobre a autenticidade e o poder dos Mestres, a Teosofia teria saído mais triunfante que nunca e nenhum dos medos deles se teria concretizado, por mais astutas que fossem as armadilhas legais contra mim, e fossem quais fossem os erros de julgamento que eu, a humilde representante dos Mestres, pudesse ter feito na conduta executiva do assunto.

Mas a lealdade e coragem das autoridades de Adyar e dos poucos europeus que haviam confiado nos Mestres não estiveram à altura do teste, quando este veio. Apesar de meus protestos, fui expulsa da Sede Geral. Doente como eu estava, na verdade à beira da morte, segundo os médicos disseram, ainda protestei, e teria lutado pela Teosofia na Índia até meu último suspiro se tivesse encontrado apoio leal. Mas alguns temiam complicações legais, outros tinham medo do governo, enquanto meus melhores amigos acreditavam nas ameaças dos médicos de que eu morreria se continuasse na Índia. Assim, fui mandada para a Europa para recuperar minhas forças, com a promessa de rápido retorno à minha amada Aryavarta.

Bem, eu parti, e imediatamente começaram as intrigas e os boatos. Já em Nápoles soube que estavam dizendo que eu pretendia iniciar na Europa “uma Sociedade rival” e “acabar com Adyar” (!!). Diante disso, eu ri. Então começou o boato de que eu tinha sido *abandonada* pelos Mestres, que eu tinha sido desleal a Eles, que eu tinha feito isso e aquilo. De fato, nada disso tinha a menor porção de verdade ou era alicerçado em fatos. Depois fui acusada de ser, na melhor das hipóteses, uma médium alucinada, que confundiu “fantasmas” com Mestres vivos, enquanto outros declararam que a verdadeira H. P. Blavatsky estava morta – havia morrido por ter usado erradamente a *Kundalini* – e que a forma física tinha sido tomada por um Chela Dugpa, que era a atual H. P. B. Outros ainda me consideravam uma bruxa, uma feiticeira, que por seus próprios objetivos fingia ser uma filantropa e uma amiga da Índia, quando na verdade se dedicava à destruição de todos aqueles que tivessem a infelicidade de serem *dominados psicologicamente* por mim. Na verdade, os poderes psicológicos atribuídos a mim pelos meus inimigos, sempre que um fato ou um “fenômeno” não podiam ser explicados satisfatoriamente, são tão grandes que só eles já teriam feito de mim um Adepto extremamente extraordinário – independentemente de quaisquer Mestres ou Mahatmas. Em resumo, até 1886, quando o Relatório da S. P. P. foi publicado e essas bolhas de sabão explodiram sobre nossas cabeças, houve uma longa série de acusações falsas, com cada novo envio dos correios trazendo algo de novo. Não direi o nome de ninguém; não importa quem disse alguma coisa e quem a repetiu. Uma coisa é certa: com a exceção do coronel Olcott, todos pareciam ter banido os Mestres de seus pensamentos e expulsado o espírito deles de Adyar. Todo tipo de incongruência foi ligado a esses nomes sagrados, e eu fui considerada a única responsável por todos os eventos desagradáveis que aconteceram e cada erro cometido. Numa carta recebida de Damodar em 1886, ele me informava que a influência dos Mestres em Adyar se

tornava cada dia mais fraca, que diariamente Eles eram representados como menos que “logues de segunda categoria”, e totalmente negados por alguns, enquanto outros, que ainda acreditavam e continuavam fiéis a Eles, tinham medo até mesmo de pronunciar os Seus nomes. Finalmente, ele me pedia enfaticamente que voltasse, dizendo que naturalmente os Mestres tomariam providências para que minha saúde não sofresse com isso. Escrevi ao coronel Olcott sobre o assunto, implorando a ele para que me deixasse retornar, e prometendo que eu viveria em Pondicherry se necessário, caso minha presença não fosse desejada em Adyar. Recebi a resposta ridícula de que, logo que eu voltasse, eu seria mandada para as Ilhas Andaman como espiã russa, o que, naturalmente, mais tarde o coronel Olcott descobriu que não era verdade. A rapidez com que esse pretexto fútil foi levantado para me manter longe de Adyar mostra em cores claras a ingratidão daqueles por quem eu dei minha vida e saúde. E mais: pressionado, segundo entendi, pelo Conselho Executivo, sob o pretexto inteiramente absurdo de que, no caso de minha morte, meus herdeiros poderiam reivindicar uma parte da propriedade de Adyar, o Presidente me mandou um documento legal para que eu assinasse, pelo qual eu formalmente renunciava a qualquer direito em relação à Sede Geral aos Escritórios, ou mesmo a viver lá sem o consentimento do Conselho. Isto, embora eu tivesse gastado vários milhares de rúpias de meu próprio dinheiro e destinado minha parte dos lucros de “The Theosophist” para a compra da casa e da mobília. No entanto, assinei a renúncia sem uma palavra de protesto. Vi que eu não era desejada e permaneci na Europa apesar do meu desejo ardente de voltar à Índia. Como poderia deixar de sentir que todo meu trabalho fora recompensado com ingratidão, quando meus mais intensos desejos de retornar recebiam desculpas inconsistentes e respostas inspiradas por aqueles que me eram hostis?

O resultado disso tudo era muito claro. Vocês conhecem muito bem a situação na Índia e não é necessário dar mais detalhes. Numa palavra, desde minha saída, não apenas a atividade do movimento na Índia gradativamente diminuiu, mas aqueles por quem eu tinha a mais profunda afeição, considerando-os como uma mãe considera seus próprios filhos, voltaram-se contra mim. Enquanto que, no Ocidente, logo que aceitei o convite para vir para Londres, encontrei pessoas que, apesar do Relatório da S. P. P. e das suspeitas extremadas e hipóteses extravagantes lançadas em todas as direções, acreditam na verdade da grande Causa por que tenho lutado, e na minha própria boa-fé.

Atuando sob as ordens dos Mestres, comecei no Ocidente um novo movimento de acordo com as linhas originais, fundei “Lucifer” [4] e a loja que tem meu nome. Reconhecendo o trabalho esplêndido feito em Adyar pelo coronel Olcott e outros para realizar o segundo dos três objetivos da S. T., isto é, promover o estudo da Literatura Oriental, decidi aqui realizar os dois outros objetivos. Todos sabem com que sucesso isto foi conseguido. Por duas vezes o coronel Olcott foi convidado a vir, e então eu soube que eu era mais uma vez querida na Índia, por alguns, pelo menos. Mas o convite veio demasiado tarde; meu médico não permitiria, e tampouco posso – se eu quiser ser fiel ao meu compromisso e aos meus votos de vida inteira – viver na Sede Geral da qual os Mestres e o espírito Deles foram virtualmente banidos. A presença dos Seus retratos não ajudará. Eles são letra morta. A verdade é que eu jamais poderei voltar à Índia, a não ser como fiel agente Deles. E como a menos que Eles apareçam pessoalmente diante do Conselho (o que

certamente nunca farão) nenhum conselho que eu possa dar sobre questões ocultas será aceito, uma vez que se duvida do meu relacionamento com os Mestres e ele é inclusive totalmente negado por alguns, e como eu própria não tenho direito a estar na Sede Geral, que motivo há, então, para que eu viva em Adyar?

O fato é que, em minha situação, meias-medidas são piores que nada. As pessoas têm que acreditar inteiramente em mim, ou desacreditar *honestamente*. Ninguém, nenhum teosofista é obrigado a acreditar, mas é pior que inútil as pessoas me pedirem ajuda se não acreditam em mim. Aqui na Europa e na América do Norte há muitos que nunca recuaram em sua devoção à Teosofia; conseqüentemente, a expansão da Teosofia e da S. T. no Ocidente, durante os três últimos anos, foi extraordinária. A razão principal disso é que fui estimulada e encorajada pela devoção de um número sempre crescente de membros, em relação à Causa e a Aqueles que a guiam, no sentido de estabelecer uma Seção Esotérica, na qual eu posso ensinar um pouco do que aprendi àqueles que confiam em mim e que comprovam essa confiança através de seu trabalho desinteressado pela Teosofia e pela S.T. No futuro, então, é minha intenção dedicar minha vida e energia à Seção Esotérica (S.E.), e ensinar àqueles que têm confiança em mim. Seria inútil usar o pouco tempo que me resta para justificar-me perante aqueles que não têm certeza da existência dos Mestres, apenas porque, julgando-me mal, consideram conveniente suspeitar de mim.

E quero dizer desde já, para evitar interpretações erradas, que minha única razão para aceitar a direção exotérica dos assuntos europeus foi salvar os que realmente têm a Teosofia no coração e trabalham por ela e para a Sociedade; para que eles não sejam obstaculizados por aqueles que, não só não se importam com a Teosofia tal como ensinada pelos Mestres, mas também estão trabalhando inteiramente contra ambos, e tentam minar e contra-atacar a influência do bom trabalho já feito, tanto pela negação aberta da existência dos Mestres como através de uma hostilidade declarada e amarga contra mim; e, também, unindo forças com os mais desesperados inimigos de nossa Sociedade.

Meias-medidas, repito, não são mais possíveis. Ou eu afirmei a verdade tal como a conheço em relação aos Mestres, e estou ensinando o que aprendi com Eles, ou então eu inventei tanto os Mestres como a Filosofia Esotérica. Há alguns, entre os Esoteristas do grupo interno, que dizem que se eu inventei tudo, então eu devo ser um “Mestre”. De qualquer forma, não há alternativa para este dilema.

Portanto, qualquer direito que a Índia pudesse ter sobre mim só teria uma força proporcional à atividade dos membros de lá em favor da Teosofia, e proporcional à sua lealdade aos Mestres. Vocês não deveriam precisar da minha presença entre vocês para convencê-los da autenticidade da Teosofia, mais do que os seus Irmãos americanos precisam. Uma convicção que diminui quando alguma personalidade específica está ausente não é uma convicção. Saibam, além disso, que só posso dar qualquer nova demonstração e ensinamento à Seção Esotérica, e isso pela seguinte razão: os seus membros são os únicos que tenho o direito de expulsar por deslealdade a seus votos (*não a mim*, H. P. B., mas ao seu *Eu Superior* e ao *aspecto Mahátmico dos Mestres*), um privilégio que não posso exercer com os membros da Sociedade Teosófica em geral, embora seja o único meio de arrancar o membro doente do corpo saudável da Árvore e, assim, salvá-la da

infecção. Só posso dar atenção a aqueles que não serão afastados pelo primeiro sopro de calúnia e por qualquer insinuação e suspeita ou crítica, venham de quem vierem.

De agora em diante, que fique claro que o resto de minha vida é devotado somente àqueles que acreditam nos Mestres e querem trabalhar pela Teosofia como Eles a entendem, e pela Sociedade Teosófica de acordo com as linhas sobre as quais Eles a estabeleceram originalmente.

Se, então, meus irmãos hindus desejam real e honestamente fazer a regeneração da Índia, se querem trazer de volta em algum momento os dias em que os Mestres, nos tempos da antiga glória da Índia, caminhavam livremente entre eles, guiando e ensinando o povo; que nesse caso eles joguem fora todo medo e hesitação e virem uma nova página na história do Movimento Teosófico. Que eles se reúnam corajosamente em torno do Presidente Fundador, quer eu esteja na Índia ou não, e em torno daqueles poucos Teosofistas verdadeiros que permaneceram fiéis, e desafiem todos os caluniadores e descontentes ambiciosos – tanto dentro como fora da Sociedade Teosófica.

[“The Theosophist”, janeiro de 1922.] [Escrito em abril de 1890.]

NOTAS:

[1] Damodar K. Mavalankar, teosofista que, ainda jovem, foi convidado a ir viver no Himalaia em companhia dos Mestres e dos seus discípulos regulares. (NT)

[2] “Raio e trovão”: uma campanha de calúnias contra H.P.B. e o movimento teosófico, orquestrada com ajuda do Vaticano e da política colonialista, ameaçada pela valorização teosófica da sabedoria indiana antiga. A campanha incluía o uso de documentos forjados. (NT)

[3] Birmânia: atual Mianmar. País situado entre a Índia, a China e a Tailândia. (NT)

[4] Revista “Lucifer”. Ao contrário do que é sugerido por uma falsa teologia baseada no medo, a palavra latina “Lúcifer” significa “portador da luz”. O termo era usado no mundo antigo para designar o planeta Vênus, a “estrela d’alva” e a “estrela vespertina”. Assim, o nome da revista fundada por H.P.B. era uma homenagem ao planeta Vênus, esotericamente considerado “o irmão mais velho” da nossa Terra. (NT)

DIAGRAMA DE MEDITAÇÃO

Este Diagrama de Meditação foi ditado por H.P.B. para E. T. Sturdy, em Londres, em 1887-1888. A presente tradução foi feita pelo website

www.FilosofiaEsoterica.com a partir da sua publicação no livro *The Inner Group Teachings* de H. P. Blavatsky, Point Lama Publications, San Diego, CA, USA, 1985, p. 130. O volume reproduz ensinamentos orais dados por H.P.B. ao "grupo interno" da escola esotérica que ela fundara.

O Diagrama tem uma notável relação de identidade com os aspectos místicos da obra *A Doutrina Secreta*, de H.P.B., e revela aspectos essenciais do treinamento dos aprendizes em Râja loga e em Jnâna loga.

O primeiro parágrafo do texto fica acima de uma Balança, cujos dois pratos têm igual peso.

No prato esquerdo da Balança, estão as Aquisições. No prato direito, as Renúncias. Ao final de tudo, a "Nota Geral" se refere ao conjunto do Diagrama.

REPRESENTAÇÃO DIAGRAMÁTICA

Primeiro conceba a **UNIDADE** através da Expansão no Espaço, e da Infinitude no Tempo (Seja com ou sem auto-identificação)

Depois, medite lógica e persistentemente nisto e na sua relação com os estados de consciência.

Então, o estado normal da sua consciência deve ser moldado por:

Aquisições (1)

I

Constante presença, em imaginação, em todo o Espaço e Tempo.

Disso se origina um substrato de memória que não cessa durante o sonho nem durante o estado de vigília. A sua manifestação é coragem.

Com a memória da universalidade, todo temor desaparece durante os perigos e as provações da vida.

II

Permanente tentativa de manter diante de tudo o que existe uma atitude mental que não é de amor, nem de ódio, nem de indiferença. Estar livre, na atividade externa, destas três atitudes, porque nelas a capacidade se altera. Ser mentalmente o mesmo diante de todas as coisas.

Equilíbrio e calma constantes. Maior facilidade ao praticar as virtudes, que são na verdade o resultado da sabedoria; porque a benevolência, a simpatia, a justiça, etc., surgem da identificação intuitiva do indivíduo com os outros, embora isso ocorra sem o conhecimento da personalidade.

III

Percepção de uma completa limitação em todos os seres corporificados.
Espírito crítico livre de elogios ou acusações.

NOTA GERAL:

Todas as paixões e virtudes estão interligadas. Portanto, o diagrama dá apenas algumas sugestões práticas.

Renúncias (2)

Constante Recusa a Aceitar a Realidade de:

I

Separações e encontros, associação com lugares, com momentos e formas.
Desejos fúteis.
Expectativas. Memórias dolorosas. Tristezas.

II

Distinção entre amigo e inimigo. O que resulta em ausência de aversões e preferências. (Substituídas pela avaliação com discernimento).

III

Posses: cobiça, egoísmo, ambição.
Personalidade: vaidade, remorso.

IV

Gula, luxúria, etc.

NOTAS:

Estas renúncias ocorrem pela permanente imaginação - sem auto-ilusão* - de que "estou livre de" ou "eu existo sem"; e pelo reconhecimento de que estes fatores são fonte de dependência, ignorância e conflitos. A renúncia é completada pela meditação: "Eu não tenho atributos".

A aquisição é completada pela concepção de que "Eu sou todo o Espaço e

todo o Tempo". Além disso ... (Não pode ser dito)

* Não há risco de auto-ilusão se a personalidade for deliberadamente esquecida.